



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

MARDEN ALYSON MATOS DE ARAÚJO

**SERÁ QUE A *GENTE* USA MAIS O *NÓS*?
UMA FOTOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA DO FALAR POPULAR DE FORTALEZA**

**FORTALEZA – CEARÁ
2016**

MARDEN ALYSON MATOS DE ARAÚJO

SERÁ QUE A *GENTE* USA MAIS O *NÓS*?
UMA FOTOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA DO FALAR POPULAR DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada
Área de Concentração: Linguagem e Interação

Orientadora: Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo

FORTALEZA – CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Araujo, Marden Alyson Matos de.

Será que a gente usa mais o nós? Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza [recurso eletrônico] / Marden Alyson Matos de Araujo.

- 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 148 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Linguagem e Interação.
Orientação: Prof.^a Dra. Aluiza Alves de Araujo.

1. Variação. 2. Pronome nós/a gente. 3. Sociolinguística Variacionista. 4. Falar popular. 5. Fortaleza. I. Título.

MARDEN ALYSON MATOS DE ARAUJO


SERÁ QUE A GENTE USA MAIS O NÓS?
UMA FOTOGRAFIA SOCIOLINGÜÍSTICA DO FALAR POPULAR DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

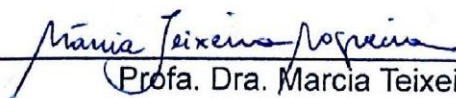
Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 29/01/2016.

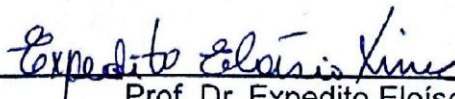
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Marcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Expedito Eloíso Ximenes
Universidade Estadual do Ceará – UECE

**A meu Deus,
que tem me ajudado nas horas difíceis!**

AGRADECIMENTOS

A minha inspiração, **Shakira**, por me fazer enxergar a importância dos estudos ainda quando eu era uma criança.

A minha mãe, **Solange**, por ter feito tudo que estava ao seu alcance para me proporcionar uma boa educação, apesar das limitações.

A meu, **Maykoll**, por me ajudar e me socorrer nas horas difíceis e de sufoco.

A minha melhor amiga da eternidade inteira, **Deliane**, por estar presente na minha vida durante toda a realização do mestrado e por me fazer sentir tão bem. Te amo.

A minha ex-professora e amiga, **Marilia Colares**, por ser inspiração para mim e, desde o ensino médio, me incentivar a estudar.

A meu amor, **Luana Reis**, por ser tão amável e carinhosa sempre. Amo você.

A minha amiga, Ananda Patrícia, por me proporcionar momentos de alegria no Rock In Rio.

Ao Grande F, **Conpai**, por ser presente e estar on-line nos momentos de solidão que esse trabalho me proporcionou.

Ao meus tios, **Erasmo e Marcia**, por acreditarem em mim e por me ajudarem quando precisei.

A minha tia, **Lucielma**, por todas as vezes que se preocupou comigo e por ter me proporcionado tantas coisas boas

A minha vó, **Socorro**, pela compreensão e conselhos.

A minha grande amiga, **Natalie Sá**, por segurar minha mão e me fazer continuar quando estava decidido a desistir do curso de Letras.

A minha amiga, Fabiane, e toda a família Santiago por me receber tão bem todas as vezes que vou a Pernambuco.

A meus Shak-amigos, por me proporcionar momentos incríveis na minha vida.

A meus amigos do Hell, **Gledson** e cia, por horas de risadas e de momentos felizes.

A minha querida orientadora, **Aluiza Araújo**, por me ajudar, ser tão presente e me fazer entender o real significado da palavra “orientação”.

A querida **Germana**, amiga da Sociolinguística, que sempre me ajudou prontamente sempre que precisei.

A **Tatiane**, amiga da Sociolinguística, que me enviou os textos sempre que precisei, e por me ajudar nos questionamentos.

Ao meu Shak-amigo, **Nilceu**, que assim como eu pesquisa o fenômeno *nós e a gente*. Obrigado por todos os textos.

A minha professora de graduação, **Suelene**, pela ajuda na colação de grau.

A todos os meus **alunos** que me mostraram, na prática, a concretização da variação e por serem o meu instrumento de trabalho.

Ao núcleo gestor da minha escola, **Elian, Nady e Kemily**, por serem tão compreensivas com a realização da minha pesquisa.

A meus amigos do Mochileiros CE, especialmente **Alice**, pelos momentos de descontração e alívio.

A minha amiga, **Amanda**, por me entender e estar presente em alguns momentos de dor e por todos os rodízios.

Ao **Herisson**, que, apesar de nossas vidas tomarem direções diferentes, foi muito importante durante a seleção do mestrado, pela presença e pelo cuidado. Nunca esquecerei.

Ao **Elifas**, grande amigo que esteve presente durante boa parte dessa pesquisa. A vida nos separou, mas as lembranças boas continuam.

A **Paloma**, por, gentilmente, ter se disponibilizado a ir ao banco pagar minha taxa de inscrição para o mestrado. Devo isso a ti.

A **Coema Escórcio**, coordenadora do curso de Letras, por providenciar a minha formação no momento de greve.

Aos **informantes do NORPOFOR** que, com suas histórias, pintaram inspiração para a realização dessa pesquisa.

“Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos”.

(Isaac Newton)

RESUMO

O presente estudo, partindo do arcabouço teórico metodológico utilizado pela Teoria da Variação e da Mudança Linguística, delineado por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e por Labov (1997, 2001, 2003), objetiva analisar a variação pronominal de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, nas suas possíveis funções sintáticas, a saber, sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito e adjunto, no falar popular de Fortaleza. Para isso, utilizamos uma amostra composta por 53 informantes provenientes do banco de dados Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR) e analisamos somente os inquéritos do tipo D2 (Diálogo entre Dois informantes). A estratificação social de nossos informantes foi feita de acordo com o sexo/gênero, a faixa etária e a escolaridade. Foram analisados os fatores: função sintática, referência nós/a gente, marca morfêmica, tempo verbal, tipo de verbo, estrutura do verbo, paralelismo, preenchimento do pronome, posição do pronome em relação ao verbo e grau de simetria entre os interlocutores, sexo, faixa etária e escolaridade. Em todas as análises realizadas, constatamos que o pronome *a gente* é expressivamente mais usado que o *nós*. De início, com o auxílio do Gold Varb X, realizamos uma rodada geral para observar o comportamento das variantes e obtivemos o seguinte resultado: *a gente* (67%) e *nós* (33%). Depois, realizamos uma rodada exclusiva para a função de sujeito, em que foram selecionadas seis variáveis consideradas relevantes para o *a gente*, a saber, preenchimento do sujeito (o sujeito preenchido), faixa etária, tipo de verbo, referência *nós/ a gente*, posição do pronome em relação ao verbo e simetria entre os interlocutores. Os fatores mais relevantes para o uso de *a gente* foram: faixa etária (15 a 25 anos), tipo de verbo (verbos *dicend*)*i*, grau de referência do pronome (genérica), posição do pronome em relação ao verbo (depois do verbo) e simetria entre informantes (muito simétricos). Em seguida, realizamos rodadas mais detalhadas, levando em conta somente o fator mais relevante de cada uma das variáveis sociais selecionadas, e percebemos que o grau de simetria entre os informantes foi a variável mais relevante. Dessa forma, identificamos que os falantes que possuem o mesmo sexo, na interação, apresentam maior liberdade para o uso da forma inovadora. Por último, realizamos uma rodada exclusivamente para as outras funções sintáticas, diferentes da de sujeito, e, apesar da forma inovadora também prevalecer, a forma pronominal *a gente* (54%) se mostrou em uma disputa com o pronome *nós* (44%) e os fatores mais relevantes para o pronome *a gente* foram tempo verbal (pretérito imperfeito do indicativo) e

simetria entre informantes (mais jovens). Dessa forma, concluímos que nossos resultados apontam para uma possível mudança em curso, pois os mais velhos predominam no uso da forma padrão, enquanto os mais jovens favorecem o uso da forma inovadora.

Palavras-chave: Variação. Pronomes nós/a gente. Sociolinguística Variacionista. Norma popular. Fortaleza.

ABSTRACT

This study, based on the theoretical and methodological framework used by the Theory of Variation and Change Linguistics, delineated by Weinreich, Labov and Herzog (1968) and Labov (1997, 2001, 2003), aims to analyze the pronominal variation of the first person of plural, *nós* and *a gente*, in its possible syntactic functions, namely subject, direct object, indirect object, subject and predicate of the deputy, the popular talk of Fortaleza. For this, we used a sample of 53 informants from the Oral Norm Portuguese Popular of Fortaleza (NORPOFOR) and only analyzed the surveys of the type D2 (Dialogue between Two informants). Social stratification of our informants was made according to the sex / gender, age and education. The factors were analyzed: syntactic function, reference we / us, morphemic brand, tense, verb type, the verb structure, parallelism, pronoun filling, pronoun position relative to the verb and degree of symmetry between the parties, Sex, age and education. In all analyzes, we found that the pronoun *we* is significantly more used than *us*. At first, with the help of Gold Varb X, we conducted a general round to observe the behavior of the variants and obtained the following result: *a gente* (67%) and *nós* (33%). After we conducted an exclusive round to the subject of function, in which six variables were selected considered relevant, namely the subject of fill, age, type of verb, reference we / us, pronoun position relative to the verb and symmetry between the interlocutors. The most relevant factors for the use of the people were filled subject, respondents 15-25 years, dicendi verbs, the generic pronoun reference, pronoun after the verb and informants symmetrical (same age and same sex). Then conducted more detailed rounds, taking into account only the most relevant factor of each social variables selected, and realized that the degree of symmetry between the informants was the most important variable. Thus, we identified that users that have the same sex, interaction, have more freedom to use the innovative way. Finally, we conducted a round exclusively for other syntactic functions, different from the subject, and despite the innovative way also prevail, the pronoun *a gente* (54%) proved in a dispute with the pronoun *nós* (44%), and the most relevant factors for the pronoun *we* were imperfect indicative and younger informants. Thus, we conclude that our results point to a possible change in progress because the older predominate in the use of standard form, while the younger ones favor the use of innovative form.

Keywords: Variation. Pronouns *nós / a gente*. Sociolinguistic variationist. Popular norm. Fortaleza.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Região Sudeste com pesquisas para cada Estado	27
Figura 2 - Mapa da Região Nordeste com pesquisas para cada Estado	33
Figura 3 - Mapa da Região Sul com pesquisas para cada Estado.....	37
Figura 4 - Mapa da Região Norte com pesquisas para cada Estado	40
Figura 5 - Mapa da Região Centro-Oeste com pesquisas para cada Estado	41
Figura 6 - Mapa do Brasil com pesquisas para cada Estado	44
Figura 7 - Distribuição dos informantes de nossa amostra por bairro	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das ocorrências na variável tempo verbal para os pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i>	79
Tabela 2 - Atuação da variável preenchimento do sujeito sobre o pronome <i>a gente</i>	82
Tabela 3 - Atuação da escolaridade sobre o pronome <i>a gente</i>	83
Tabela 4 - Atuação do tipo de verbo sobre o pronome <i>a gente</i>	84
Tabela 5 - Atuação da função sintática sobre o pronome <i>a gente</i>	85
Tabela 6 - Atuação do tipo de referente sobre o pronome <i>a gente</i>	87
Tabela 7 - Atuação do grau de simetria entre os interlocutores sobre o pronome <i>a gente</i>	88
Tabela 8 - Atuação a posição do pronome em relação ao verbo sobre o pronome <i>a gente</i>	89
Tabela 9 - Atuação da faixa etária sobre o pronome <i>a gente</i>	90
Tabela 10 - Atuação do tempo verbal sobre o pronome <i>a gente</i>	90
Tabela 11 - Atuação da variável preenchimento do pronome sobre a variante <i>a gente</i> na função de sujeito	92
Tabela 12 - Atuação da faixa etária sobre o pronome <i>a gente</i> na função de sujeito	93
Tabela 13 - Atuação da variável tipo de verbo sobre o pronome <i>a gente</i> na função de sujeito.....	93
Tabela 14 -Atuação do tipo de referente sobre o pronome <i>a gente</i> na função de sujeito	94
Tabela 15 - Atuação a posição do pronome em relação ao verbo sobre o pronome <i>a gente</i> na função de sujeito	95
Tabela 16 - Atuação do grau de simetria entre os interlocutores sobre o pronome <i>a gente</i> na função de sujeito	96
Tabela 17 - Atuação da simetria entre os interlocutores sobre o pronome <i>a gente</i> na posição de sujeito entre os mais jovens.....	97
Tabela 18 - Atuação da escolaridade sobre o pronome <i>a gente</i> na posição de sujeito entre os mais jovens	98
Tabela 19 - Atuação do sexo sobre o pronome <i>a gente</i> na posição de sujeito entre os mais jovens	98
Tabela 20 - Atuação do tipo de verbo sobre o pronome <i>a gente</i> na posição de sujeito entre os mais jovens	100
Tabela 21 - Atuação da simetria entre interlocutores sobre <i>a gente</i> para as mulheres mais jovens	102

Tabela 22 - Atuação da referência sobre a <i>gente</i> para os mais escolarizados e mais jovens.....	104
Tabela 23 - Atuação da simetria entre os interlocutores sobre a <i>gente</i> para os mais escolarizados mais jovens.....	105
Tabela 24 - Atuação da escolaridade sobre o pronome a <i>gente</i> para os informantes mais velhos	108
Tabela 25 - Atuação da referência <i>nós/agente</i> sobre o pronome a <i>gente</i> para os mais velhos.....	108
Tabela 26 - Atuação do tipo de verbo sobre o pronome a <i>gente</i> para os mais velhos	109
Tabela 27 - Atuação do preenchimento do pronome a <i>gente</i> para os mais velhos.	110
Tabela 28 - Atuação do sexo sobre o pronome a <i>gente</i> para os mais velhos e mais escolarizados	111
Tabela 29 - Atuação do preenchimento do pronome sobre o pronome a <i>gente</i> para os mais velhos e mais escolarizados	111
Tabela 30 - Atuação da simetria entre os informantes sobre o pronome a <i>gente</i> para os mais velhos e mais escolarizados	112
Tabela 31 - Atuação do preenchimento do pronome sobre o pronome a <i>gente</i> entre os muito simétricos.....	114
Tabela 32 -Atuação da faixa etária sobre o pronome a <i>gente</i> entre os muito simétricos	115
Tabela 33 -Atuação da escolaridade sobre o pronome a <i>gente</i> entre os muito simétricos	115
Tabela 34 - Atuação do sexo sobre o pronome a <i>gente</i> entre os muito simétricos.	116
Tabela 35 - Atuação da referência sobre o pronome a <i>gente</i> entre os muito simétricos	117
Tabela 36 - Atuação da estrutura do verbo sobre o pronome a <i>gente</i> entre os muito simétricos	117
Tabela 37 - Atuação da variável sexo sobre o pronome a <i>gente</i> entre os mais jovens e muito	120
Tabela 38 - Atuação da variável escolaridade sobre o pronome a <i>gente</i> entre os mais jovens e muito simétricos	121
Tabela 39 - Atuação da variável estrutura do verbo sobre o pronome a <i>gente</i> entre os mais jovens e muito simétricos	121

Tabela 40 -Atuação da variável sexo sobre o pronome <i>a gente</i> entre os mais escolarizados e muito simétricos	123
Tabela 41 - Atuação da variável faixa etária sobre o pronome <i>a gente</i> entre os mais escolarizados e muito simétricos.....	123
Tabela 42 - Atuação da variável tempo verbal sobre o pronome <i>a gente</i> entre os mais escolarizados e muito simétricos.....	124
Tabela 43 - Atuação da variável tipo de verbo sobre o pronome <i>a gente</i> entre os mais escolarizados e muito simétricos.....	124
Tabela 44 -Atuação da variável preenchimento do pronome sobre o pronome <i>a gente</i> entre os mais escolarizados e muito simétricos	125
Tabela 45 -Atuação da variável faixa etária sobre o pronome <i>a gente</i> entre as mulheres muito simétricas.....	127
Tabela 46 -Atuação da variável escolaridade sobre o pronome <i>a gente</i> entre as mulheres muito simétricas.....	127
Tabela 47 -Atuação da variável referência <i>nós/a gente</i> sobre o pronome <i>a gente</i> entre as mulheres muito simétricas	128
Tabela 48 -Atuação da variável tempo verbal sobre o pronome <i>a gente</i> entre as mulheres muito simétricas	128
Tabela 49 -Atuação da variável tipo de verbo sobre o pronome <i>a gente</i> entre as mulheres muito simétricas.....	128
Tabela 50 - Atuação da variável estrutura do verbo sobre o pronome <i>a gente</i> entre as mulheres muito simétricas.....	129
Tabela 51 -Atuação da variável preenchimento do pronome sobre o pronome <i>a gente</i> entre as mulheres muito simétricas	129
Tabela 52 -Atuação da variável tempo verbal sobre o pronome <i>a gente</i> para outras funções sintáticas.....	133
Tabela 53 -Atuação da variável faixa etária sobre o pronome <i>a gente</i> para outras funções sintáticas.....	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Pronomes pessoais do caso reto em Neves (2000), Cegalla (2006), Bechara (2006) e Perini (2010).	23
Quadro 2 - Distribuição dos bairros de Fortaleza por regional	57
Quadro 3 - Distribuição dos informantes no NORPOFOR de acordo com as variáveis sociais controladas	58
Quadro 4 - Quadro de distribuição dos informantes em nossa amostra	59
Quadro 5- Distribuição dos informantes da nossa amostra por nº do inquérito / gênero, bairro / atividade exercida / idade e escolaridade / tipo de documentador	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Comparação da frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> no português brasileiro	45
Gráfico 2 - Distribuição do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em nossa amostra	78
Gráfico 3 - Frequência de uso das variantes <i>nós</i> e <i>a gente</i> sem os nocautes	80
Gráfico 4 - Comparação das frequências de uso para <i>nós</i> e <i>a gente</i> em estudos brasileiros	80
Gráfico 5 - Comparação das frequências de uso para <i>nós</i> e <i>a gente</i> sobre a variável referência <i>nós/ a gente</i> , com referente específico	87
Gráfico 6 - Frequência de uso das variantes <i>nós</i> e <i>a gente</i> na função de sujeito ...	91
Gráfico 7 - Pesos relativos referentes ao cruzamento entre as variáveis sexo x escolaridade sobre o pronome <i>a gente</i> na função de sujeito para os mais jovens	99
Gráfico 8 - Frequência de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para os informantes mais escolarizados e mais jovens	102
Gráfico 9 - Frequência do cruzamento referência <i>nós/ a gente</i> x simetria entre os mais escolarizados e mais jovens	103
Gráfico 10 - Frequência de uso dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> pelos mais velhos ...	106
Gráfico 11 - Frequência de uso de <i>nós</i> para a variável Tipo de verbo	107
Gráfico 12 - Cruzamento entre as variáveis simetria entre os informante x sexo ...	109
Gráfico 13 - Cruzamento sexo x faixa etária entre os muito simétricos.....	113
Gráfico 14 - Pesos relativos referentes ao cruzamento sexo x faixa etária entre os muito simétricos	118
Gráfico 15 - Pesos relativos referentes ao cruzamento sexo x escolaridade entre os muito simétricos	119
Gráfico 16 - Pesos relativos referentes ao cruzamento sexo x escolaridade entre os mais jovens e muito simétricos	122
Gráfico 17 - Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> entre as mulheres muito simétricas	126
Gráfico 18 - Pesos relativos referente ao cruzamento faixa etária x escolaridade entre as mulheres muito simétricas	130
Gráfico 19 - Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> para os informante mais jovens em outras funções sintáticas.....	132

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
2	REVISÃO DA LITERATURA	27
2.1	<i>NÓS E A GENTE</i> NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS	27
2.1.1	Região Sudeste	27
2.1.2	Região Nordeste	33
2.1.3	Região Sul	37
2.1.4	Região Norte	40
2.1.5	Região Centro-Oeste	41
3	TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA	48
4	METODOLOGIA	56
4.1	TIPO DE PESQUISA.....	56
4.2	COMUNIDADE DE FALA: FORTALEZA	56
4.3	O <i>CORPUS</i> , A AMOSTRA E OS INFORMANTES.....	57
4.4	AS ENTREVISTAS.....	63
4.5	CODIFICAÇÃO DOS DADOS	64
4.6	FERRAMENTA ESTATÍSTICA.....	65
4.7	VARIÁVEIS TESTADAS.....	66
4.7.1	Variável dependente	66
4.7.2	Variáveis independentes	66
4.7.2.1	Variáveis linguísticas	66
4.7.2.2	Variáveis extralinguísticas	75
5	DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS	78
5.1	<i>NÓS E A GENTE</i> EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS.....	78
5.2	<i>NÓS E A GENTE</i> SOMENTE NA FUNÇÃO DE SUJEITO.....	91
5.2.1	<i>A gente x nós</i> somente com os mais jovens (15 a 25 anos) na função de sujeito	96
5.2.1.1	<i>A gente x nós</i> somente para as informantes mulheres mais jovens na função de sujeito	101
5.2.1.2	<i>A gente x nós</i> somente para os mais escolarizados e mais jovens na função de sujeito	103
5.2.2	<i>A gente x nós</i> somente para os mais velhos na função de sujeito...	106
5.2.2.1	<i>A gente x nós</i> somente para os mais escolarizados e os mais velhos na função de sujeito	110

5.2.3	<i>A gente x nós</i> somente para os informantes mais simétricos na função de sujeito.....	114
5.2.3.1	<i>A gente x nós</i> somente para os mais jovens e muito simétricos	120
5.2.3.1	Só para os mais escolarizados da mesma faixa etária e do mesmo sexo	123
5.2.3.1	Só para as mulheres muito simétricas.....	126
5.3	SOMENTE PARA AS OUTRAS FUNÇÕES SINTÁTICAS.....	131
5.1.1	Só para os mais jovens em outras funções sintáticas	133
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS	139
	ANEXOS	145
	ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética	145

1 INTRODUÇÃO

Um dos objetivos da Sociolinguística é identificar e controlar as diversas organizações diferentes daquelas que a língua padrão possui (SANKOFF, 1988). Por conta disso, muitos trabalhos variacionistas, desenvolvidos no Brasil e no mundo são realizados. Algumas dessas pesquisas trazem contribuições para o estudo da variação morfossintática, que engloba os pronomes e suas variantes. Nesses estudos, são mostrados os fatores capazes de condicionar as variações, sejam esses fatores linguísticos ou sociais, na busca de expor os caminhos mais seguros para a identificação desses condicionantes.

Assim, a partir de estudos sobre a variação morfossintática, mais especificamente a variação pronominal, é nítido que o uso alternado dos pronomes *nós* e *a gente* para designar a primeira pessoa do plural é bastante frequente entre os falantes da Língua Portuguesa do Brasil, como já demonstraram diversos estudos ligados à variação. Entre eles, podemos citar: Omena (1979, 1986, 1996); Albán e Freitas (1991, 1991a, 1991b); Almeida (1992); Lopes (1993, 1998); Duarte (1995); Menon (1994, 1995, 2003); Naro (1999); Tamanine (2002, 2010); Seara (2000); Faraco e Moura (2000); Maya e Silva (2000) Brusolin (2009); Zilles (2003, 2005); Silva (2004); Menon, Lambach e Landarin (2003); Borges (2004); Fernandes (2004); Zilles (2005); Cunha (1993); Cavalcante (1997, 2001, 2002); Callou e Lopes (2003); Machado (1995); Ferreira (2002); Vianna (2006) e Tavares (2014). Todas essas pesquisas apontam para a comprovação de uma mudança linguística que marca um crescente uso da expressão *a gente*, como representação do sujeito, em contrapartida a uma redução no uso de *nós*.

Por observar esse uso frequente, decidimos investigar a variação pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* no falar popular dos fortalezenses, com o objetivo geral de analisar os condicionamentos linguísticos e sociais que atuam na forma pronominal *a gente* à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968; LABOV, 1997, 2001, 2003), que sistematiza os dados linguísticos e estabelece relações entre fatores de natureza social e linguística, além de descrever a estrutura e a mudança da língua dentro de um contexto social.

Assim, partimos da hipótese principal de que a utilização do pronome *a gente* seja mais frequente que o uso de *nós*, principalmente por trabalharmos com contextos de fala popular com conversas o mais próximo possível da

espontaneidade. Utilizamos uma amostra do *corpus* do Projeto Norma Popular de Fortaleza (NORPOFOR), já usado por vários pesquisadores cearenses, como Rodrigues (2013), Guimarães (2014) e Souza (2015), entre outros, a fim de montar uma fotografia sociolinguística do nosso fenômeno no falar dos fortalezenses.

Dessa forma, partimos da observação do comportamento dessa variação tão frequente no nosso dia a dia, para que fosse desenvolvida esta pesquisa e formulamos algumas questões que guiaram nosso estudo:

- Os fatores linguísticos função sintática, referência do pronome, marca morfêmica, tempo verbal, tipo de verbo, estrutura do verbo, paralelismo, preenchimento do sujeito, posição do pronome em relação ao verbo e simetria entre os interlocutores condicionam o uso da forma *a gente* no falar popular do fortalezense?

- Os fatores sociais faixa etária, sexo, e escolaridade condicionam a aplicação do pronome *a gente* na fala popular de Fortaleza?

- Há indícios de que a variante *a gente* se encontra em variação estável ou mudança em progresso na comunidade de fala estudada?

Diversas pesquisas têm como norte as questões expostas acima nas mais diversas comunidades de fala e em diversos *corpora* que analisam os fenômenos linguísticos, sob a ótica variacionista. E, como afirma Souza (2015), estudos na área são importantes, porque nos permitem conhecer a realidade linguística brasileira, auxiliando-nos no combate ao preconceito linguístico tão presente na vida cotidiana. Assim, quanto mais estudos se fizerem na área acerca de um fenômeno, melhor será a possibilidade de descrevê-lo e, assim, teremos um retrato mais fidedigno de algumas variedades linguísticas faladas no país.

Por se tratar da descrição da língua em uso, essa pesquisa pode contribuir para o ensino de línguas, uma vez que este deve ser pautado na diversidade linguística e, apesar de já contarmos com uma grande quantidade de estudos variacionistas sobre a variação pronominal *nós* e *a gente*, grande parte das nossas gramáticas tradicionais, como a de Rocha Lima (2005), por não levar em conta a oralidade, não inclui a expressão sujeito *a gente* como forma pronominal, fato que contribui para a consolidação do preconceito frente à variação linguística, já que apenas a forma *nós* é apresentada como pronome de primeira pessoa do plural (BUENO, 2003).

Notamos, quanto à primeira pessoa do plural, que as gramáticas tradicionais apresentam alguns pontos divergentes, apesar de mínimos, no que se refere ao

tratamento para a expressão *a gente*: quando não citam a forma inovadora, reservam-na pequenos espaços ou simples notas de rodapé. Alguns autores, como Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009), citam a forma *a gente* como representativo de um grupo de pessoas, no entanto, mencionam apenas o caráter pronominal da expressão, destacando o seu uso fora da linguagem padrão e com o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular. Em outras palavras, apesar de esses autores reconhecerem o valor pronominal da forma em questão, eles apresentam somente as formas tradicionais como válidas - eu, tu, ele, nós, vós e eles – e é perceptível o pudor com que a forma é tratada por ambos os autores, ao incluí-la no quadro dos pronomes pessoais.

Essas definições tradicionalistas, que servem de base para os livros didáticos, implicam na criação de um distanciamento entre a norma escolar, que considera como correto somente aquilo que está presente nas gramáticas normativas, e a norma padrão, presente no dia-a-dia por meio de jornais, revistas, livros entre outros meios, de forma oral ou escrita, implicando que aquilo que não está presente nas gramáticas tradicionais seja avaliado como erro, ou seja, o uso da variante *a gente* é entendido, por muitas pessoas, como erro. (TAMANINE, 2002).

Segundo Ilari e Basso (2006), o falar de Portugal, por ter dado origem ao português brasileiro, exerce uma grande influência na maneira como as pessoas utilizam a língua culta, o que torna cada vez mais distante o português padrão do cotidiano. E, segundo os autores, ainda que exista uma norma-padrão, cada capital possui uma norma própria, tanto no português escrito quanto no português falado.

Assim, um problema existente no ensino de língua portuguesa é o não reconhecimento da forma pronominal de primeira pessoa *a gente*. Como mostra o quadro 1, apenas o pronome padrão, *nós*, é reconhecido como pronome do caso reto, nas principais gramáticas do Brasil, mesmo com a frequência de uso da forma inovadora *a gente*:

Quadro 1: Pronomes pessoais do caso reto em Neves (2000), Cegalla (2006), Bechara (2006) e Perini (2010).

Pessoa	Singular	Plural
1º	Eu	Nós
2º	Tu	Vós
3º	Ele / Ela	Eles / Elas

Fonte: (NEVES, 2000; CEGALLA, 2005; BECHARA, 2006; PERINI, 2010).

Já nos livros didáticos e nas gramáticas, a forma *a gente* é deixada de lado, fazendo-se referência a elas somente como maneira de expressar um substantivo coletivo, ou, ainda, quando se aborda a silepse de número, em capítulos destinados à concordância. Já no que diz respeito aos capítulos destinados aos pronomes, os livros, com raras exceções, não citam o pronome *a gente* como uma forma válida de expressar a primeira pessoa do plural. Por exemplo, em Cunha e Cintra (2001), a forma *a gente* é uma representação da 1ª pessoa, em ambos os números, ou seja, não se refere somente a *nós*, mas também ao pronome eu:

- (I) Houve um momento entre *nós* / Em que *a gente* não falou. (Fernando Pessoa) (pág. 296, grifos nossos)
- (II) Você não calcula o que é *a gente* ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me. (Ciro dos Anjos) (pág. 296, grifo nosso)

Omena (1996) afirma que a forma *a gente* era originalmente um substantivo coletivo ou como um termo linguístico para se referir a um grupo de seres e passou, por frequência de uso, a ser empregada com o artigo *a*, o que indica a primeira pessoa do discurso. Sendo assim, houve uma mudança na semântica e na gramática desta forma. Segundo a autora:

Semanticamente, acrescenta-se ao significado, originalmente indeterminado, a referência à pessoa que fala, deitivamente determinada; gramaticalmente, a forma deixa de ser substantivo e passa a integrar o sistema de pronomes pessoais, conservando, porém, com o verbo da mesma relação sintática de terceira pessoal gramatical. (OMENA, 1996, p.189).

Desta forma, assim como afirma Menon (1997), ao ser classificada como pronome, a forma *a gente* é considerada gramaticalizada, perdendo autonomia na língua e assumindo funções específicas dentro do sistema linguístico da comunidade de fala, seja neutralizando a concordância, indeterminando o sujeito, seja concorrendo com a forma *nós*, em que concorda em gênero e número com o referente extralinguístico. Essa gramaticalização da forma *a gente* é abordada, também, por Omena (2003), quando a autora afirma que

O nome *gente*, oriundo do substantivo latino *gens, gentis*, constitui um SN que nomeia de forma coletiva, indeterminadora, mais ou menos geral, um agrupamento de seres humanos, identificados entre si por objetivos, ideias, qualidades, nacionalidade ou posição. Determinado pelo artigo feminino *a*, é a forma originária de *a gente* que, através de um processo de gramaticalização passou a integrar o sistema de pronomes pessoais do português, concorrendo com *nós*, forma de primeira pessoa do plural. (OMENA, 2003, pág. 64)

É normal que as formas gramaticalizadas apresentem um comportamento duplo, ou seja, não perderam os componentes semânticos da sua forma original e, ao mesmo tempo, absorveram uma carga semântica referente a sua nova classificação gramatical. Assim acontece com o comportamento de *a gente* na classe de pronome, pois, segundo Lopes (2003), algumas propriedades da forma *a gente* continuaram – a representação de um grupo de pessoas - e o mesmo acontece com o contrário: algumas propriedades típicas dos pronomes – a conjugação com o verbo na primeira pessoa - não foram assumidas.

Sendo assim, o controle de suas propriedades formais e semânticas consiste na análise de seu comportamento dentro da comunidade de fala, observando as variáveis responsáveis pelo favorecimento ou não de uma ou de outra variante. Essas variáveis podem ser linguísticas ou sociais.

Assim, pela necessidade de estudos na área, os estudos sociolinguísticos propõem a realização de cada vez mais pesquisas, a fim de conhecer e entender o funcionamento linguístico de determinada comunidade de fala e, com isso, combater o preconceito linguístico sobre determinada variante.

A variação dos pronomes de primeira pessoa, *nós* e *a gente*, já tem sido estudada em vários dialetos do Português, tanto no Brasil quanto em Portugal. No entanto, não temos conhecimento de um trabalho dedicado exclusivamente ao comportamento dessas variantes pronominais no falar popular da capital cearense. Portanto, este estudo contribuirá para a descrição do português falado em Fortaleza e, conseqüentemente, da língua falada no Brasil, juntamente com os trabalhos de Rodrigues (2013), Guimarães (2014) e Souza (2015), constituídos a partir de dados dessa mesma variedade e utilizando o mesmo *corpus*. Além disso, esse estudo permitirá um acréscimo no mapa de estudos acerca da variação *nós* e *a gente* no Brasil, já presente em todas as cinco regiões do Brasil.

O trabalho também apresenta a possibilidade de fornecer subsídios para a elaboração de materiais voltados para o ensino de língua portuguesa. Sendo assim, abre-se uma questão que a sociolinguística pretende oferecer material para discussão e que, também, justifica esse trabalho: Se os próprios PCNs reconhecem a variação como inerente à língua, por que as escolas e os gramáticos insistem em categorizar o ensino de língua baseado numa língua padrão e fixa, não passível de variação? Essa questão, no que diz respeito ao preconceito sofrido pelo uso das

variações, pretende, também, ser discutida e repensada com os estudos descritivos da nossa língua.

Desta maneira, vários autores, como Faraco (2004), afirmam que existiria uma liberdade e um conforto bem maior se, desde o início, o ensino de língua materna fosse voltado para a sua função social e não para categorias, regras e classificações, como sugerem as gramáticas tradicionais e os livros didáticos no que diz respeito à variação e à produção de texto nas escolas. No entanto, é delicado o que alguns professores e manuais de escrita exigem, pois condicionam o aluno a escrever e, às vezes, até mesmo a falar de acordo com a norma padrão, descaracterizando a fala típica de sua região e/ou de seu ambiente social. Ou seja, a escola de hoje não parece criar os meios necessários para que os alunos desenvolvam as suas competências e habilidades, em especial, no que se refere à variação linguística, alimentando assim o preconceito, o estigma e à discriminação presentes no uso da língua.

Este trabalho está dividido em seis seções: a primeira trata-se desta introdução, em que apresentamos o objeto de pesquisa estudado, bem como as questões que nortearam o estudo e os objetivos de nossa pesquisa, e a sua relevância; a segunda seção é composta por uma revisão da literatura em que fornecemos uma visão geral sobre o fenômeno variável aqui estudado em diversas partes do país, descrevendo seus resultados mais relevantes sobre os fatores condicionadores de tal variação; na seção 3, mostraremos a metodologia empregada para realização da pesquisa; na seção 4, abordaremos o referencial teórico, através dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística; na quinta seção, apresentaremos os resultados e faremos a sua análise e, por último, na seção 6, apresentaremos as considerações finais sobre o nosso trabalho.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 NÓS E A GENTE NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

Aqui, apresentaremos, divididos por regiões, os trabalhos encontrados após o levantamento da literatura sobre as formas pronominais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*. A divisão geográfica desta seção tem como objetivo, além de organizar a literatura, mostrar que os trabalhos sobre o fenômeno aqui estudado foram realizados em todas as regiões do Brasil e averiguar se encontramos pontos em comum na distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* por região.

Apesar de a maioria das pesquisas sobre o fenômeno em tela o abordarem em contextos de fala popular, alguns trabalhos aqui apresentados (MENON, 2003; TAVARES, 2014), abordam essa variação em outros ambientes, como as revistas em quadrinhos e os telejornais, respectivamente.

É importante ressaltar que, mesmo tratando do fenômeno através da lente variacionista, os trabalhos apresentam procedimentos metodológicos distintos. Algumas pesquisas (OMENA, 1978; FREITAS, 1991; ALBAN E FREITAS, 1991; NARO, 1999; TAMANINE, 2002; MAIA, 2003; MENON, 2003; ZILLES, 2005; BORGES, 2004; SILVA, 2011; MATTOS, 2013; TAVARES, 2014) contemplam, exclusivamente, frequências de uso, enquanto outras (RODRIGUES, 1987; LOPES, 1993; MACHADO, 1996; OMENA, 1998; ZILLES, MAYA E SILVA, 2000; SEARA, 2000; SILVA, 2004; FERNANDES, 2004; VIANNA, 2006, 2011; MENDES, 2007; ROCHA, 2009; MENDONÇA, 2010; TAMANINE, 2010; IBORUNA, 2012; NASCIMENTO, 2013; SANTANA, 2014) expõem os pesos relativos, além da frequência de uso.

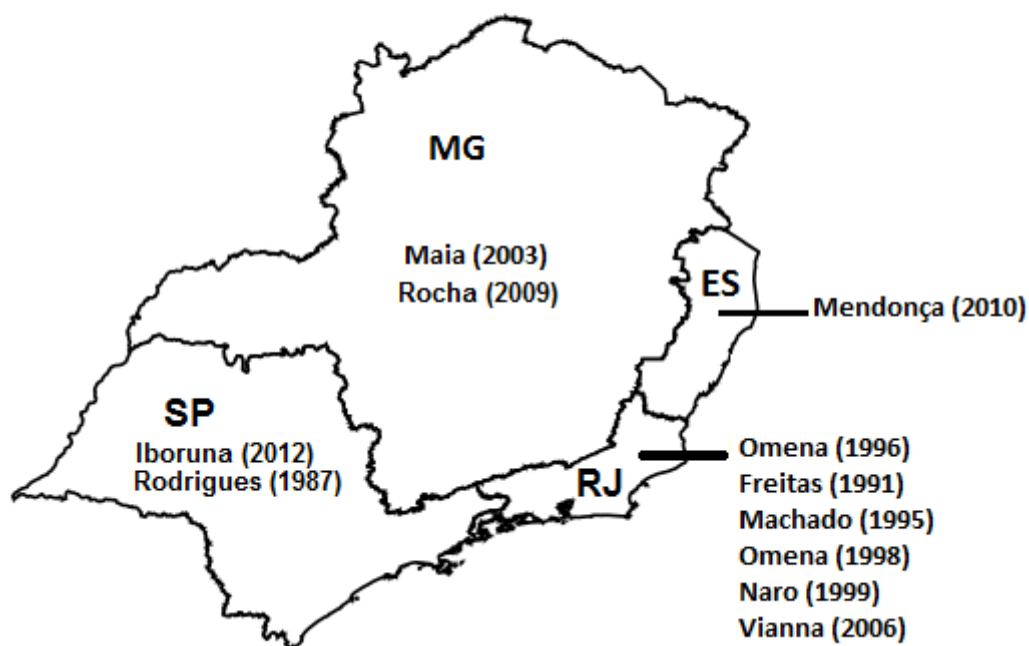
A seguir, faremos uma pequena descrição de cada uma dessas pesquisas e destacaremos, sucintamente, as variáveis mais relevantes em cada estudo.

2.1.1 Região Sudeste

Figura 1: Mapa da Região Sudeste com pesquisas para cada Estado

BRASIL

Região Sudeste



Sobre a variação *nós* e *a gente*, é precursor o estudo de Omena (1996), que usou, como *corpus* para análise, uma amostra do Projeto Censo Linguística do Rio de Janeiro¹, em 1978, contemplando a fala de 48 informantes, divididos por sexo, faixa etária e nível de instrução. A autora analisou variantes que desempenharam a função de sujeito, pois é nessa função sintática que formas pronominais são mais comuns, com o objetivo de esclarecer por que o falante usa uma das formas e não a outra em contextos iguais. No total 976 dados, 78% das ocorrências foram para a *gente*, enquanto 22% foi para o pronome *nós*. Foram controladas as variáveis, faixa etária, posição do sujeito em relação ao verbo, tempo verbal e tipo de verbo. Como a pesquisa não apresentou pesos relativos, as frequências de uso demonstram que os mais jovens (87%) preferem usar a forma *a gente*, enquanto os mais velhos (13%) utilizam mais o *nós*. Além disso, os falantes menos escolarizados preferem usar o pronome *nós* (64%), sendo que o mesmo ocorre com os homens (56%). A autora conclui que a variação *nós* e *a gente* na fala do Rio de Janeiro se encontra em um processo de mudança em progresso.

Rodrigues (1987) analisou a concordância verbal entre os pronomes *nós* e *a*

1 O Projeto Senso Linguístico do Rio de Janeiro foi criado em 1979 com o objetivo de descrever a sistematicidade da variação observada no português brasileiro, depreender mudanças em tempo aparente e identificar os correlatos estruturais, sociais e funcionais desses processos. Fonte: <http://www.lettras.ufrj.br/peul/historia.html>. Acesso em : 20/05/2015.

gente na periferia de São Paulo. A amostra utilizada foi proveniente do vernáculo popular em favelas da periferia de São Paulo, advindas de quarenta entrevistas com informantes adultos, realizadas no segundo semestre de 1986 pelo próprio autor. Com o total de 1233 dados, o trabalho mostrou uma frequência de uso maior para o pronome *nós* (54%), do que para o uso de *a gente* (46%). As variáveis controladas na pesquisa foram: sexo, escolaridade, faixa etária, concordância verbal, saliência fônica, preenchimento do sujeito, estrutura verbal e posição do sujeito. Os fatores mais importantes para o pronome *a gente* foram a saliência fônica (o nível 1², 0,93); acentuação da forma padrão (proparoxítona, 0,94); e sexo (os homens, 0,53).

Freitas (1991) pesquisou a regra em estudo em elocuições formais, utilizando uma amostra do *Projeto NURC*³-RJ, constituída por quatro inquiridos do tipo elocução formal (EF), em modalidade de aula, com duração aproximada de 40 minutos. As variáveis testadas foram: sexo, faixa etária, tipo de texto, momento de elocução, tipo de texto, estrutura semântica da frase e tempo verbal. Sendo assim, com o total de 1076 dados, o estudo foi concluído com a preferência considerável de *nós* (77,6%) em oposição à forma *a gente* (22,4%). Os fatores que se destacaram como relevantes para o favorecimento da forma padrão, *nós*, foram os seguintes: sexo masculino, texto falado, final do discurso, frases declarativas e pretérito imperfeito.

Machado (1995) realizou estudos sobre a variação *nós* e *a gente* em dialetos de comunidades pesqueiras do norte fluminense, analisando dados provenientes do Atlas Etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) e determinou os contextos do uso dos pronomes, levando em consideração a natureza sintática, semântica, discursiva e de caráter social da variação. A pesquisa contou com 2972 dados, retirados de uma amostra de fala de 72 pesquisadores. Os informantes eram todos homens, analfabetos ou parcialmente escolarizados, distribuídos em três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 a 75 anos) e naturais de doze pontos de doze localidades de pesca Norte Fluminense: Itaocara, São Fidelis, Cambuci, São João da Barra, Itaperuna, Ponta Grossa dos Fidalgos, São Benedito, Barra de Itabapoana, Atafona, Guaxindiba, Gargaú e Farol de São Tomé. O

² Segundo Rodrigues (1987), nível1 saliência fônica é a forma de 1PP é proparoxítona e a oposição vogal/ vogal -mos não é tônica nas duas formas. Ex. cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos -mos não é tônica nas duas formas. Ex. cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos

³ O Projeto Norma Urbana Linguística Culta (NURC) foi criado em 1969, pelo professor Nelson Rossi, em âmbito nacional. Tinha o objetivo de documentar e descrever a norma objetiva do português falado em cinco capitais, ambas com mais de 1 milhão de habitantes: São Paulo, Salvador, Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Fonte: <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em 12/02/2014.

trabalho mostrou que a forma pronominal *a gente* aparece em 72% das ocorrências, superando a forma *nós*, com 28% dos casos. De acordo com a ordem de seleção dos fatores, mostraram-se importantes para o uso de *a gente*: o paralelismo formal (manutenção do paralelismo, com peso 0.83), o grau de determinação do referente (indeterminação do referente, 0,56), o tipo semântico-funcional do verbo (verbos de opinião e epistêmico, com pesos relativos de 0,94 e 0.61, respectivamente). a faixa etária (os falantes de 19 a 35 anos e os falantes de 36 a 55 anos favoreciam a regra de aplicação, com 0.68 e 0.54 respectivamente); a saliência fônica (formas verbais com baixo nível de saliência fônica, 0.58) e o tempo verbal (verbos no infinitivo, 0.75). Divido aos falantes mais jovens favorecerem o uso de *a gente*, a autoria concluiu que o fenômeno encontra-se em mudança em curso.

Omena (1998) realizou uma pesquisa sobre a variação pronominal *nós* e *a gente*, com amostras de fala de 48 informantes cariocas, integrantes do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro, estratificados por faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais), grau de escolaridade (1° a 4° série do ensino fundamental, 5° a 8° série do ensino fundamental e ensino médio) e sexo (masculino e feminino). Os dados apontam que os falantes, de maneira geral, usaram mais o pronome *a gente* do que o *nós*. E, se analisarmos em termos percentuais, a utilização de *a gente* por falantes adultos sem contato com a escola é maior que a de falantes no primário (74%), caindo mais bruscamente na segunda etapa do ensino fundamental (59%) e voltando a se subir o percentual no ensino médio (62%). Entre os resultados mais significativos, a autora verificou a atuação do paralelismo formal e semântico: o uso de *a gente* tem maior ocorrência quando o falante utiliza o pronome na sequência discursiva e essa sequência não é alterada (adultos, com peso 0,81, e crianças, com 0,78); já, se a forma *nós* é usada como primeira referência e não há mudança dessa referência, a probabilidade maior é que continue sendo usado o *nós* (adultos, 0,86 e crianças, 0,75). Outra variável que favoreceu o *a gente* foi o tempo verbal (presente, 0,55; e tempos não-marcados, 0,83), já os outros tempos verbais (passado, 0,64; e o tempo futuro, 0,75) favorecem o uso de *nós*. Em relação aos fatores sociais, a autora constatou que a forma *a gente* é expressivamente mais utilizada entre os mais jovens (0.68). Em suma, no trabalho de Omena (1998),

Naro (1999) discutiu a mudança dos pronomes de primeira pessoa e os padrões associados a essa utilização. Usou, para a análise, a fala do Rio de Janeiro, na variante popular. Utilizou um *corpus* constituído por 64 entrevistas individuais, gravadas e transcritas, cada uma com aproximadamente 45 minutos de duração,

realizadas no início dos anos 1980. Os resultados mostram uma maior tendência à utilização de *a gente* (61%) em oposição a *nós* (39%) em todas as faixas etárias consideradas (16 crianças de 6 a 12 anos, 16 jovens de 13 a 20 anos, 16 adultos de 21 a 40 anos e 16 adultos acima de 40 anos). Das variáveis linguísticas analisadas (o tipo de sujeito, a determinação do mesmo, tema abordado, narração objetiva ou subjetiva, tempo verbal, saliência fônica e saliência posicional), os fatores mais relevantes foram: a saliência fônica (o pronome *nós* acrescido da desinência *-mos* apareceu mais nos níveis mais altos de saliência, 71%), o tempo verbal (pretérito imperfeito favorece o uso de *a gente*, 67%) e a saliência posicional (o sujeito anteposto ao verbo beneficia a regra, 61%). Segundo o autor, o fenômeno encontra-se em processo de mudança.

Maia (2003) realizou estudo sobre a alternância *nós* e *a gente* no dialeto mineiro, baseando-se em dois *corpora* da língua oral: o primeiro é constituído por doze entrevistas realizadas com falantes de Pombal; e o outro composto por entrevistas realizadas em Belo Horizonte. Os informantes eram estratificados por faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais), grau de escolaridade (1º a 4º série do ensino fundamental, 5º a 8º série do ensino fundamental e ensino médio) e sexo (masculino e feminino). A análise objetivou realizar uma comparação entre uma comunidade de fala rural e outra urbana, além de identificar se o processo de substituição dos pronomes supracitados está em variação estável ou em mudança em curso. Foram controlados os grupos de fatores: realização fonológica da desinência de número e pessoa, tempo verbal, preenchimento do sujeito, sexo, faixa etária, escolaridade e referência. A localização geográfica foi o único fator social selecionado. Nas duas amostras, foi encontrado um total de 672 ocorrências, sendo que a forma inovadora *a gente* apresentou 359 ocorrências (53%) e a forma *nós*, 313 ocorrências (46%). Percebe-se, na pesquisa, que as mulheres usam mais frequentemente a forma *a gente* (68%), assim com os mais escolarizados (57%). No que diz respeito à faixa etária, os mais jovens tendem a usar mais a forma inovadora (69%), o que, segundo o autor, é indicio de que o fenômeno encontra-se em processo de mudança.

Vianna (2006) pesquisou o fenômeno *nós* e *a gente* na fala e na escrita cariocas, em estruturas predicativas. O *corpus* utilizado foi constituído por entrevistas do Projeto Censo/Peul (Censo da Variação Linguística no estado do Rio de Janeiro e Programa de Estudos do Uso da Língua), coletadas na década e 1980 e 2000, respectivamente. A primeira amostra é constituída por 21 informantes (14 do sexo

feminino e 7 do sexo masculino) distribuídos em faixas etárias distintas (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais). A outra amostra é composta 36 informantes, sendo 19 do sexo feminino e 17 do sexo masculino. Foram controladas as seguintes variáveis: concordância verbal, concordância de gênero e número, tempo verbal, sexo (homens e mulheres), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (1º e 2º graus⁴). Entre os fatores analisados, os mais relevantes para a aplicação de *a gente* foram: concordância verbal (forma verbal na terceira pessoa do singular, 0,92); concordância de gênero (concordância masculino-plural com a forma *nós*, 0,62); tempo verbal (presente do indicativo, 0,54); e escolaridade (os informantes do 1º grau, 0,60).

O trabalho de Rocha (2009) também utiliza dados do dialeto mineiro, mas o que o diferencia do trabalho de Maia (2003) é que as amostras apresentavam dados, exclusivamente, da comunidade de fala de Belo Horizonte. O *corpus* utilizado é o do Projeto Descrição Sócio-histórica do Português de Belo Horizonte⁵. Os grupos de fatores controlados pela autora foram: função gramatical, localização na frase, transitividade verbal, tempo verbal, referência, preposição, saliência fônica, sexo, faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais), estilo de fala e escolaridade (ensino fundamental e ensino médio). Das 615 ocorrências de referência para a 1ª pessoa do plural em posição de sujeito, obteve-se uma maior utilização da forma pronominal *a gente*, com 329 (63%) dados e apenas 198 (37%) ocorrências do pronome pessoal *nós*. Foram considerados relevantes na aplicação do *a gente* apenas três grupos de fatores, a saber: disposição da variável na sequência do discurso (o fator forma antecedente *a gente* com referente igual, 0,75; desinência número-pessoal (o verbo na 3ª pessoa do singular, 0,87); e grupo social (trabalhador, 0,70).

Mendonça (2010) aborda a variação *nós* e *a gente* na fala capixaba e, para isso, utiliza o banco de dados do Projeto Português Falado de Vitória (PortVix), que é formado por 46 entrevistas. No entanto, o autor seleciona apenas 40 delas. Os fatores sociais analisados foram: sexo (feminino e masculino), faixa etária (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais) e escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino universitário). Ao todo, foram encontradas 1.745

⁴ Vianna (2006) considerou que a escolaridade 1º grau é composta do 1º ao 8º ano do ensino fundamental, enquanto o 2º grau corresponde às três séries do ensino médio.

⁵ Projeto Descrição Sócio-histórica do Português de Belo Horizonte pretende deslanchar uma pesquisa em larga escala, visando a descrever o português de Belo Horizonte constituído por um acervo de gravações que conta com 107 horas, colhidas em 1978.

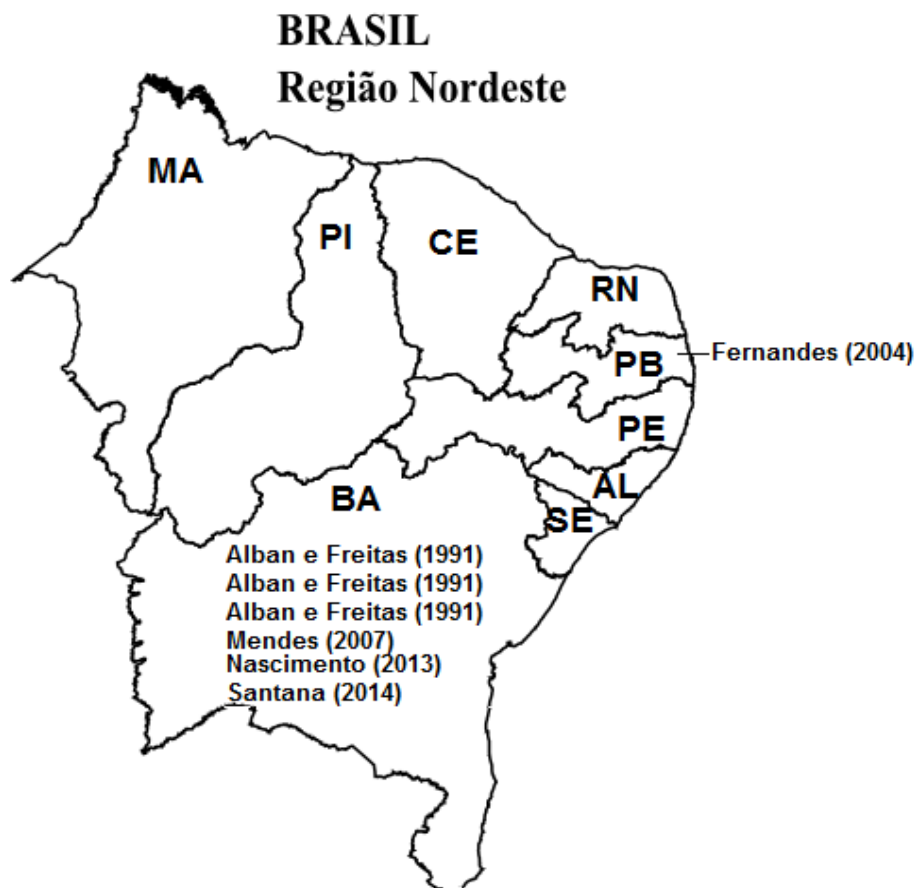
ocorrências, das quais a forma *a gente* apareceu com um número bem mais expressivo (71%) do que o *nós* (29%). Os fatores linguísticos selecionados como favorecedores do *a gente* foram: paralelismo formal (a primeira da série precedida de *a gente* explícito, 0,70); preenchimento do sujeito (explícito, 0,62); e referencialidade do pronome: o fator referência eu+você+não pessoa apresenta um índice muito baixo de ocorrências (apenas 6 das 7), mas privilegia *a regra*, 0,85).

Rubio (2012) realizou uma pesquisa sobre a concordância verbal com os pronomes de primeira pessoa do plural, partindo de uma amostra composta por 152 informantes do Projeto ALIP⁶ (Amostra Linguística do Interior Paulista), no período de março/2004 até setembro de 2007. Os informantes eram estratificados por faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais), grau de escolaridade (1° a 4° série do ensino fundamental, 5° a 8° série do ensino fundamental e ensino médio) e sexo. A pesquisa, com um total de 1764 ocorrências, apontou um maior uso do pronome *a gente*, com 73,8%, em oposição ao pronome *nós*, com 26,2%. As variáveis consideradas relevantes para a aplicação do *a gente* foram: explicitude do sujeito (sujeito explícito, 0,658); paralelismo discursivo (verbo isolado, 0,651); saliência fônica (saliência esdrúxula, 0,924); tempo verbal (pretérito imperfeito do indicativo, 0,744); faixa etária (os mais jovens, 0,608); e escolaridade (os mais escolarizados, 0,697). O autor concluiu que o fenômeno encontra-se em processo de mudança linguística.

2.1.2 Região Nordeste

Figura 2: Mapa da Região Nordeste com pesquisas para cada Estado

⁶ O projeto ALIP foi uma iniciativa concebida no interior do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, (GPGF) do IBILCE/UNESP, entre os anos de 2002 e 2003, em razão do interesse dos membros do grupo em trabalhos de descrição do português falado e escrito. Fonte: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/interna.php?Link=corpo.php&corpo=25>. Acesso em: 22/03/2016.



Albán e Freitas (1991) estudaram a variação pronominal *nós* e *a gente* na função de sujeito. Os informantes eram estratificados por faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais), grau de escolaridade (ensino fundamental e ensino médio) e sexo. A pesquisa levou em consideração os seguintes fatores: faixa etária, atitude assumida no diálogo (tensa ou distensa) e momento da elocução (primeiro, segundo ou terceiro segmento da gravação). O *corpus* utilizado foi composto por três diálogos de locutores com nível universitário e do sexo masculino, distribuídos em duas faixas etárias: de 35 a 55 anos (F-1) e acima de 56 anos (F-3), que compõem o Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta do Brasil – NURC/ Salvador. Entre as variáveis analisadas, as que se mostraram mais significativas foram: a faixa etária e o momento da elocução. A primeira, com um total de 836 ocorrências, mostra um uso mais recorrente da variante *nós* pelos mais velhos (65%) e de *a gente* pelos mais novos (79%). A segunda revela uma crescente utilização do *a gente* (1 terço com 39%, 2 terços com 52% e 3 terços com 68%) e decrescente em relação ao uso de *nós* (1 terço com 31%, 2 terços com 42% e 3 terços com 32%). Dessa forma, as autoras concluem que o uso significativo de *a gente* respalda a existência e a vitalidade dessa forma pronominal no português brasileiro, ao menos na língua coloquial.

Em outro estudo realizado por Albán e Freitas (1991), usando o mesmo *corpus*, com amostras do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), foram testadas, como condicionadoras do *a gente*, as variáveis sexo, faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais), grau de escolaridade (1° a 4° série do ensino fundamental, 5° a 8° série do ensino fundamental e ensino médio) e sexo, momento da elocução, saliência fônica, tempo verbal, preenchimento do sujeito, grau de referencialidade do sujeito, tipo de verbo, estrutura verbal e atitude de elocução. A pesquisa, com o total de 779 ocorrências, apontou uma maior utilização de *a gente* (73%) em detrimento de *nós* (27%). Já as variáveis selecionadas como relevantes foram: faixa etária (os mais jovens, 81%); momento de elocução, (o pronome usado no meio da frase, 64%) e atitude do locutor (frases declarativas, 54%). Assim como as demais pesquisas anteriores, esta revelou que a faixa etária mais jovem (25-35 anos) apresenta um maior uso da forma *a gente*, apontando para uma mudança em curso.

Fernandes (2004) investigou o mesmo fenômeno em João Pessoa, com base em uma amostra constituída por 60 informantes, a partir do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB)⁷. Os informantes foram estratificados de acordo com a faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 49 anos), grau de escolaridade (nenhum ano, 5 a 8 anos e mais de 11 anos) e sexo. No estudo, a autora afirma que há um revezamento entre *nós* e *a gente*, embora a última seja bem mais utilizada que a primeira. As variáveis testadas foram: faixa etária, escolarização, sexo, função sintática, referência do pronome, tipo de discurso, estrutura verbal posição do pronome e tempo verbal. Foram encontradas, ao todo, 2.739 ocorrências das formas pronominais em questão, que revelaram uma frequência de uso bem maior para a forma *a gente*, com 2153 ocorrências (79%); e uma taxa de uso bem mais baixa da forma *nós*, com 586 dados (21%). Favoreceram a aplicação do *a gente*, os grupos de fatores: faixa etária (mais jovens, 0,69), escolaridade (mais escolarizados, 0,51), referência do sujeito (referência específica, 0,70) e tempo verbal (pretérito imperfeito, 0,68). A pesquisa aponta para uma mudança no quadro pronominal do português popular dos pessoenses.

Mendes (2007) estudou os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural na função de sujeito com *corpus* retirado de 24 entrevistas realizadas no município de Santo Antonio de Jesus, no interior da Bahia, tanto na zona rural como na zona

⁷ Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB apresenta um *corpus* constituído em 1993, com o objetivo de descrever o falar da Paraíba. Seu *corpus* é estratificado segundo o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização.

urbana. Com um total de 1970 ocorrências, a forma pronominal *a gente* se sobressaiu, com 93% dos casos. As variáveis controladas pelo autor foram: saliência fônica, paralelismo formal, inclusão do eu, determinação do pronome, sexo, faixa etária e escolaridade. Os fatores considerados relevantes para o *a gente* foram: paralelismo formal (antecedente, 0,98); determinação do pronome (inderterminação, 0,64); saliência fônica (redução dos ditongos, 0,78); faixa etária (mais jovens, 0,67); e escolaridade (ensino médio, 0,58). Com isso, o autor concluiu que o fenômeno encontra-se em processo de mudança em curso.

Nascimento (2013) pesquisou sobre a variação pronominal *nós* e *a gente* em Salvador, utilizando dados de entrevistas de 24 informantes, estratificados de acordo com o sexo, faixa etária (entre 25 e 35 anos, entre 36 e 55 anos e acima de 56 anos) e escolaridade (nenhum ano, 5 a 8 anos e mais de 11 anos), provenientes de amostra do *corpus* do Arquivo Sonoro da Fala Culta de Salvador⁸, do Projeto Norma Linguística Urbana de Culta – NURC, do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID). De 554 dados, 287 pertencem à forma *nós* (51,80%) e 267 à variante *a gente* (48,20%). As variáveis controladas foram, sexo, faixa etária, escolaridade, tempo verbal, polaridade da frase, preenchimento do sujeito, grau de referencialidade, posição do sujeito em relação ao verbo e estrutura do verbo. E as variáveis selecionadas como relevantes na aplicação de *a gente* foram: preenchimento do sujeito (sujeito implícito, 0,93); nível de referencialidade (contextos específicos, 0,55); polaridade da frase (frases negativas, 0,58); tempo verbal (futuro do pretérito, 0,92); e sexo (homens, 0,60).

Outro trabalho importante para retratar o português popular da região Nordeste é a pesquisa de Santana (2014). O *corpus* utilizado na pesquisa foi extraído do Programa de Estudos Sobre o Português Falado de Salvador (PEPP)⁹, constituído entre 1998 e 2000. A amostra é composta por 12 inquéritos dos 48 que constituem o programa. A estratificação social dos informantes era feita de acordo com a faixa etária (15 a 24 anos, 25 a 35 anos, 45 a 55 anos e acima de 65 anos), escolaridade (fundamental, médio e superior) e sexo. Dos 453 dados encontrados para *nós* e *a gente*, 322 pertencem ao pronome inovador, *a gente* (76%), enquanto 109 pertencem

⁸ Arquivo Sonoro da Fala Culta de Salvador é composto por gravações de situação de fala semi-espontânea, gravados na década de 1970 e de 1990, com objetivo de confrontar as duas décadas.

⁹ O PEPP é formado por quarenta e oito gravações de entrevista de aproximadamente quarenta minutos, com o seguinte perfil dos informantes, que estão distribuídos em quatro faixas etárias: de 15 a 24 anos, de 25 a 35 anos, de 45 a 55 anos e de 65 anos em diante. Fonte:

https://www.quartetoeditora.com.br%2Fcatalogo-livro-escolhido.php%3Flivro%3D43&usg=AFQjCNHmQLt71muPOG1YcF5_WFIXiSrS3Q&sig2=d5Ry38sXib5hE1uLXxtow
Q. Acesso em: 22/03/2016.

à forma padrão, *nós* (24%). Foram controlados os seguintes grupos de fatores: sexo, faixa etária, escolaridade, saliência fônica, paralelismo, tempo verbal, preenchimento do sujeito e posição em relação ao verbo. Já as variáveis relevantes para a aplicação do *a gente* foram: paralelismo formal (antecedente zero, 0,98), determinação do sujeito (indeterminação parcial, 0,67), saliência fônica (redução do ditongo, 0,68), faixa etária (acima de 65 anos, 0,67) e escolaridade (ensino fundamental, 0,58). O autor constatou que o fenômeno encontra-se em variação estável.

2.1.3 Região Sul

Figura 3: Mapa da Região Sul com pesquisas para cada Estado



Seara (2000) usou uma amostra constituída por 12 informantes florianopolitanos, provenientes do projeto VARSUL¹⁰, para estudar os pronomes *nós* e *a gente*. As características sociais dos informantes eram as seguintes: sexo (masculino e feminino), escolaridade (nível fundamental I - de 1 a 4 anos de

¹⁰ Segundo o site do projeto VARSUL, O projeto Variação Linguística Urbana do Sul do País (VARSUL) é, atualmente, o maior banco de dados de fala do Sul do Brasil. Apresenta 288 entrevistas transcritas e armazenadas, advindas de várias cidades dos três Estados do Sul do País: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O projeto foi apresentando à comunidade acadêmica em 1996, no I Encontro de Variação Linguística do Cone Sul e fica arquivado nas quatro universidades de fizeram parte do projeto: UFSC, PUCRS, UFPR e UFRGS. <http://www.varsul.org.br/>. Acesso em 12/01/2015

escolaridade, nível fundamental II - de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio - de 9 a 11 anos de escolaridade) e faixa etária (de 25 até 50 anos e acima de 50). O resultado da pesquisa informou uma maior frequência de uso para a forma pronominal *a gente* (72%) e uma diminuição na forma pronominal *nós* (28%). As variáveis testadas foram: sexo, idade, escolaridade, tempo verbal, grau de conexão do sujeito, traço semântico do sujeito, preenchimento e paralelismo. Já os grupos de fatores selecionados como relevantes para a aplicação do *a gente* foram: traço semântico do sujeito (sentido genérico, 0,58); tempo verbal (pretérito imperfeito, 0,68); grau de conexão do sujeito (totalmente conexo, 0,70); sexo (as mulheres, 80% e 0,66); e faixa etária (jovens, com 82% (0,68).

Zilles (2005) pesquisou a concordância verbal com os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*. Os dados foram extraídos do projeto NURC/Porto Alegre e VARSUL, sendo sua amostra composta por 42 entrevistas. Os informantes foram estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), faixa etária (entre 25 e 35 anos, entre 36 e 55 anos e acima de 56 anos) e escolaridade (nenhum ano, 5 a 8 anos e mais de 11 anos). Com um total de 1196 ocorrências, o pronome *a gente* (71%) se mostrou mais frequente que o pronome *nós* (29%). As variáveis controladas na pesquisa foram: sexo, faixa etária, escolaridade, tempo verbal, concordância verbal, tipo de verbo, referencia do sujeito, posição em reação ao verbo e paralelismo. Os fatores relevantes para o *a gente* foram: a faixa etária (mais jovens, 74%) e a concordância verbal (concordância com o –mos, 67%). O estudo mostrou uma tendência das novas gerações à utilização de *a gente*, o que, segundo o autor, é indício de um processo de mudança.

Silva (2004) desenvolveu um estudo sobre a variação entre *nós* e *a gente* como estratégia de designação referencial, por meio da análise de 32 entrevistas, realizadas pelo próprio autor, sendo 16 delas colhidas na cidade de Blumenau/SC, pertencentes à fala de profissionais formados em diversas áreas (médicos, professores, artistas), gravadas em programas de TV, como Jornal Nacional e Jô Soares. O estudo constatou a atuação maior do pronome *a gente* (65%) em oposição a *nós* (35%). As variáveis que se mostraram relevantes para o *a gente* foram: marca morfológica (morfema zero, 0,98); saliência fônica (primeiro grau, 0,68); escolaridade (5º série, 0,81) e sexo (mulheres, 0,78). No que diz respeito à faixa etária, os resultados mostram uma maior utilização de *a gente* pelos mais jovens com 64%, contra os mais velhos, com 39%. O autor conclui, ainda, que o pronome encontra-se em um processo de mudança.

Zilles, Maya e Silva (2000) pesquisaram a concordância verbal com a primeira pessoa do plural, das formas *nós* e *a gente*, em Panambi e Porto Alegre, somente com falantes da zona urbana. A amostra utilizada contou com dados de 32 entrevistas do Projeto VARSUL. A análise resultou em 1035 ocorrências, distribuídas dessa forma: 53% de casos da forma padrão *-mos*; e 34% da forma não padrão *-mo*, e 13% de desinência zero. Para a regra de aplicação da concordância verbal entre *nós* mais o verbo na primeira pessoa do plural, os fatores linguísticos selecionados foram: posição do acento na forma verbal alvo e escolaridade. A variável que favoreceu a omissão da desinência foi a sílaba tônica, pois quando a forma for paroxítona, a ausência ocorre em 43% (0,28). A variável social de maior relevância é a escolaridade, já que os falantes mais novos tem uma tendência maior a forma zero, com 16% (0,74), enquanto os mais velhos utilizam essa forma de maneira mais reduzida, com 5% (0,25).

Borges (2004) abordou, em seus estudos, utilizando dois *corpora*, a gramaticalização da forma pronominal de primeira pessoa *a gente*, no português brasileiro, na fala de comunidades de Jaragão e Pelotas, ambas no Rio Grande do Sul. O *corpus* utilizado foi composto pela fala de personagens de onze peças teatrais de autores regionais, no período de 1896 até a 1995; e da fala de sessenta indivíduos das cidades de Jaraguão e Pelotas. As entrevistas foram realizadas entre 2000 e 2001, com 36 indivíduos em Pelotas e 24 em Jaragão. As variantes selecionadas foram: saliência fônica, gênero, faixa etária e classe social. Na análise, foram encontradas 712 ocorrências: 27% delas apresentaram *nós* expresso; 23%, *a gente* expresso; 49%, *nós* não-expresso; e 1%, *a gente* não-expresso.

O estudo de Tamanine (2002) sobre a alternância *nós* e *a gente*, como formas pronominais de sujeito de primeira pessoa no interior de Santa Catarina, foi realizado com dados do projeto VARSUL. Com o total de 5235 ocorrências da amostra, a pesquisa constata uma maior frequência de uso para o *a gente* (55%), enquanto o *nós* (45%) é menos usado. As variáveis testadas no estudo foram o tipo de verbo, a concordância verbal, a determinação do referente, paralelismo formal, faixa etária, sexo, escolaridade e localidade. O quadro geral da amostra apontou para um número de dados muito superior de ocorrências isoladas em relação às ocorrências em sequência. No entanto, os resultados probabilísticos obtidos demonstraram resultados interessantes, quando contrastados aos das ocorrências isoladas, como o uso de *a gente* ser mais frequente entre homens, enquanto, nas isoladas, a maior frequência ocorreu entre as mulheres. Ainda assim, as diferenças apresentadas entre

ocorrências isoladas e ocorrências em sequências não alteraram a constatação da progressão do uso de *a gente* como pronome de primeira pessoa.

Tamanine (2010), além de pesquisar o fenômeno *nós* e *a gente* no interior de Santa Catarina, realiza estudo sobre a gramaticalização de *a gente* na cidade de Curitiba, utilizando dados do projeto Varsul. O *corpus* utilizado em seu trabalho foi composto por 32 entrevistas de falantes naturais de Curitiba, distribuídos por faixa etária (25 a 49 anos e acima de 50 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (primário, ginásio, secundário e ensino superior). Os fatores analisados pela autora foram: preenchimento do sujeito e não-preenchimento, tempo e concordância verbal, tipos de textos, determinação ou indeterminação do referente, tipos de perífrase, tipo de discurso e tipo de verbo, faixa etária, escolaridade e sexo. Após o levantamento, foram encontradas 2.084 ocorrências na função de sujeito, sendo 46% de *nós* e 54% de *a gente*. Os resultados gerais apontam que os fatores mais relevantes para a ocorrência de *a gente* são: tonicidade (oxítonas, 0,99); tempo verbal (gerúndio, 0,94); tipo de verbo *saber*, 0,96); e perífrases (fator ir+NDO, 0,90).

2.1.4 Região Norte

Figura 4: Mapa da Região Norte com pesquisas para cada Estado



Silva (2011) analisou os usos linguísticos das formas pronominais *nós* e *a gente* na fala dos moradores do bairro de Nazaré, em Belém, estado do Pará. Para a análise dos dados, foi utilizado, como *corpus*, entrevistas com 35 sujeitos, distribuídos em três faixas etárias (18 a 25 anos, 26 a 45 anos, e acima de 46 anos), três níveis de escolaridade (não alfabetizados, ensino fundamental e ensino médio), de ambos os sexos, provenientes do Projeto VALUNORTE¹¹. O resultado geral da pesquisa aponta uma frequência de uso maior da forma inovadora *a gente* (54,5%), e uma frequência menor para o uso de *nós* (45,5%). Além disso, o estudo, que não apresenta pesos relativos, mostrou uma tendência maior para a utilização da forma pronominal inovadora, *a gente*, principalmente para os informantes da faixa etária I, 15 a 25 anos, com um total de 66,67% das ocorrências. Outro fator relevante foi o nível de escolaridade, que demonstrou uma tendência maior para o uso de *nós* pelos mais escolarizados, totalizando 60% das ocorrências, contra 40% de frequência de uso da forma *a gente*.

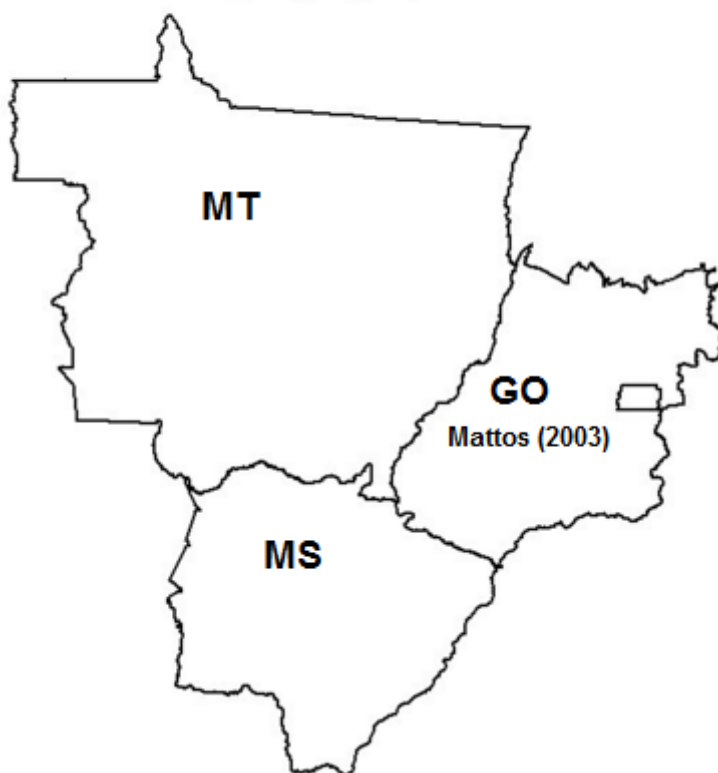
2.1.5 Região Centro-Oeste

Figura 5: Mapa da Região Centro-Oeste com pesquisas para cada Estado

¹¹ O Projeto Variação Linguística Urbana da Região Norte (VALUNORTE) foi desenvolvido por docentes da UNAMA, sendo vinculado à linha de pesquisa Linguagem e Análise Discursiva de Processos Culturais. O Projeto é composto por entrevistas com relatos orais, gravadas e transcritas graficamente.

BRASIL

Região Centro-Oeste



Mattos (2013) analisou, levando em conta a metodologia da Sociolinguística Variacionista Laboviana, a alternância de uso das formas *nós* e *a gente* e a concordância verbal com cada uma delas no falar goiano. O *corpus* utilizado foi composto por entrevistas gravadas com dados de 55 informantes com um mínimo de 10 anos de escolarização. A pesquisa contou com 2412 dados e revelou uma tendência maior para o uso da forma *a gente*, com 77% das ocorrências e uma baixa frequência de uso da forma *nós*, com apenas 23% dos casos. No que diz respeito à concordância verbal com as formas de primeira pessoa do plural, foi encontrado um percentual de 22% de singular verbal com a forma *nós* e de 3% de plural verbal com a forma *a gente*. As variáveis sociais mais relevantes para a aplicação de *a gente* foram: faixa etária, escolarização e sexo. Já as variáveis linguísticas que se mostraram mais relevantes foram: ritmo, tempo verbal e expressão do sujeito. A pesquisa não apresentou pesos relativos.

2.1.6 Trabalhos que não abordam uma região específica

Ainda, em uma outra investigação, utilizando cinco inquéritos do tipo DID,

aplicados a informantes do sexo masculino, todos com idade acima de 55 anos, em cinco capitais brasileiras que compõem o projeto NURC, Albán (1991) estudou a variação *nós* e *a gente* em diferentes contextos. Observou-se, na pesquisa, resultados diferentes entre os dois estudos, mesmo utilizando as mesmas variáveis. Os fatores significativos para a variação *nós* x *a gente* foram: a condução do inquérito, o posicionamento do discurso e a competição de outras formas para a indeterminação do sujeito. Além disso, no que se refere à diversidade regional, constatou-se o predomínio do pronome *nós*, com 63%, em Salvador e a utilização de *a gente*, com 71%, em Porto Alegre.

Lopes (1993), baseando-se no trabalho pioneiro de Omena (1986), em que a autora analisa a variação pronominal *nós* e *a gente* no português falado do Brasil, analisou fatores sociais e linguísticos que condicionam o emprego desses pronomes na função de sujeito em uma amostra da década de 1970 do Projeto NURC/Brasil. A autora distribuiu os dados por três capitais brasileiras de regiões distintas: Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador. O *corpus* do trabalho é formado por dados coletados em entrevista com homens e mulheres do nível universitário, distribuídos em três faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 56 anos). Na amostra do NURC, o uso de *nós* se mostrou mais presente que o de *a gente*, com 562 dados de sujeito para *nós*, contra 410 de sujeito para *a gente*, somando-se um total de 972 dados. Já no que diz respeito à faixa etária, a distribuição se dá de maneira equilibrada: 253 dados da faixa etária I, 333 da faixa etária II e 386 da faixa etária III. E os fatores selecionados foram: paralelismo formal, sexo, faixa etária e tempo verbal. No que diz respeito ao sexo, há predominância do uso de *nós* pelos homens, com 69% e peso relativo de 0,61, já, nas mulheres, a ocorrência de *nós* foi de 49%, com peso relativo de 0,41.

Menon et al. (2003) analisaram a variação *nós* e *a gente* em um *corpus* de histórias em quadrinhos da Revista Pato *Donald*. O estudo teve como objetivo analisar a variação do pronome *nós* e *a gente*, em tempo real, considerando a data de publicação das revistas, e, em tempo aparente, incluindo a faixa etária dos personagens, em revistas do Pato *Donald*, que foram selecionadas pela década (1950/1959/1969/1979/1989/1999). A análise incluiu um total de 2059 dados que foram submetidos à análise, por meio do programa VARBRUL e apresentou uma maior frequência de uso da forma *nós*, com 89% (1840), em oposição à forma *a gente*, com 11% (250). Foram analisados os seguintes fatores: data de publicação, faixa etária, classe social e tempo verbal.

Tavares (2014) abordou a variação *nós* e *a gente* nos telejornais de nível nacional da Rede Globo de Televisão, a saber, o Bom Dia Brasil, o Jornal Hoje, o Jornal Nacional e o Jornal da Globo. O *corpus* utilizado pelo autor foi composto por gravações, em áudio, dos principais telejornais nacionais, contendo a fala de âncoras e repórteres, sendo que para cada um desses telejornais foram gravados cinco programas. O autor controlou as seguintes variáveis linguísticas: marcação do sujeito e presença ou ausência do pronome, a faixa etária e o sexo. Tavares (2014), ao analisar o *corpus*, verificou a ocorrência de 211 dados, sendo destes 112 (53%) ocorrências para o uso de *nós*; enquanto que 98 (46%) ocorrências são de *a gente*. Desta forma, fica evidenciado que o uso do pronome *a gente* ocorre mesmo em ambientes em que a língua formal é exigida, como o telejornal, que, em boa parte do falar dos âncoras e repórteres, são de textos lidos.

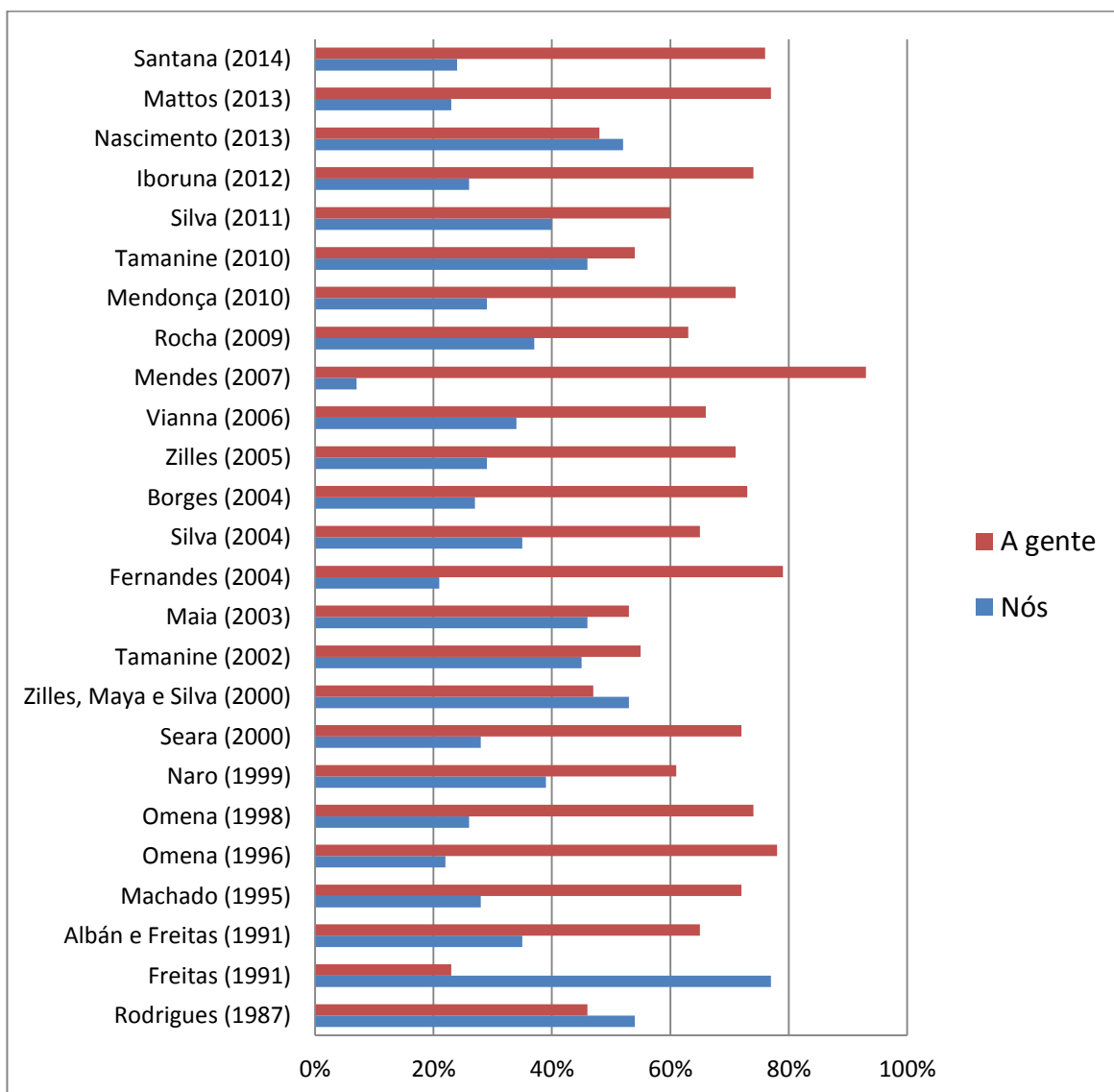
Assim, constatou-se que, em todas as cinco regiões do Brasil, há a presença de estudos variacionistas sobre a variação pronominal *nós* e *a gente*, tanto em ambientes de fala popular quanto em fala culta ou em escrita. A figura 6 mostra o panorama do fenômeno estudado em todo o Brasil.

Figura 6: Mapa do Brasil com pesquisas para cada Estado



Após o levantamento feito dos estudos variacionistas que se dedicam a estudar a variação pronominal de primeira pessoa do plural, obtivemos os seguintes resultados quanto à frequência de uso de *nós* e *a gente*, conforme observa-se no gráfico 1:

Gráfico 1: Comparação da frequência de uso de *nós* e *a gente* nos estudos variacionistas do português brasileiro



Percebemos que, apesar das diferenças no sistema de análise para cada uma das pesquisas, ou seja, uma mudança nas variáveis controladas nas pesquisas de acordo com a intuição do pesquisador, o pronome inovador *a gente* se mostra, em frequência de uso, mais utilizado na maioria das pesquisas (ALBAN, FREITAS, 1991; MACHADO, 1995; OMENA, 1996; OMENA, 1998; NARO, 2000; TAMANINE, 2002; MAIA, 2003; FERNANDES, 2004; SILVA, 2004; BORGES, 2004; ZILLS, 2005; VIANNA, 2006; MENDES, 2007; ROCHA, 2009; MENDONÇA, 2010; TAMANINE, 2010; SILVA, 2011; IBORNA, 2012; MATTOS, 2013; SANTANA, 2014).

No entanto, apesar dessas diferenças, os resultados são de extrema importância no sentido de nos fornecer dados suficientes que comprovem a presença do fenômeno nos falares popular e culto de cada região analisada, além de indicar que o fenômeno encontra-se, em grande parte das comunidades de fala analisadas,

em processo de mudança em curso, o que sinaliza uma mudança na estrutura pronominal do português brasileiro, assim como aconteceu com outros pronomes.

O levantamento da literatura sobre o fenômeno foi importante para que nós pudéssemos avaliar e selecionar os fatores que controlamos nesse estudo que, em sua maioria absoluta, estão presentes em pelo menos um dos trabalhos apresentados nessa seção (com exceção da variável simetria entre os interlocutores).

3 TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Podemos observar em qualquer língua que os falantes podem fazer escolhas entre diferentes vocábulos, sons ou estruturas para expressar a mesma coisa. E que, com o decorrer do tempo, algumas formas desaparecem em detrimento de outras, ou ainda, permanecem disputando o mesmo lugar na língua e são usadas conforme a escolha do falante ou grupo, de acordo com a idade dos mesmos, sexo, região geográfica, grau de formalidade da situação, entre outros.

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa, ou ainda Sociolinguística Variacionista, surge, a partir do ensaio de Uriel Weinreich, William Labov e Mavin Herzog, intitulado *Empirical foundations for a theory of language change*, escrito para uma conferência nos Estados Unidos, na Universidade do Texas. Foi publicado em 1968, em conjunto com os textos dessa conferência, os quais receberam o nome de *Directions for Historical Linguistic: a symposium*.

Os precursores dessa área estabelecem a relação entre social-linguístico, aspecto primordial em sua pesquisa. A Teoria desenvolvida por Labov pressupõe que a variação linguística existente na língua decorrente de seu uso é passível de sistematização e essa variação pode ocorrer na fala de um único falante ou em uma determinada comunidade de fala. Assim, os princípios empíricos que governam a teoria propõem analisar a variação e a mudança na língua, levando em conta que esses dois fenômenos são inerentes a qualquer sistema linguístico e a mudança poderia ser observada mesmo antes de se concretizar,

[...] a variação é inerente às línguas e ela [...] não é aleatória, mas sistemática e predizível, tanto estrutural quanto socialmente. [...] há de se considerar na análise linguística a inter-relação de fatores internos e externos ao sistema. Um dos aspectos mais interessantes dessa perspectiva é a possibilidade de se observar a dinamicidade da mudança em progresso quando se estudam fenômenos variáveis num determinado momento e nas diferentes faixas etárias, o que se convencionou chamar de estudo da mudança em tempo aparente. (LOPES, 1999, p. 26).

Dessa forma, essa nova concepção de se fazer linguística, propõe uma nova abordagem, em que se deixa de lado o estudo da língua como entidade abstrata, homogênea e ideal, como era proposto por Saussure (1916) e Comsky (1957), e preocupa-se com o estudo da língua real, em uso, dentro da comunidade de fala,

como objeto concreto, que antes foi desprezado pelos linguistas estruturalistas e gerativistas:

Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (LABOV, 2008 [1972], p. 13)

Assim, Labov reconhecia que a composição dos referenciais teóricos para o estudo da mudança linguística parecia inalcançável, pois existiam fatores ideológicos que impediam uma visualização de um estudo da língua em uso, na vida cotidiana. Para Labov (2008), a primeira barreira ideológica encontrada era o fato de Saussure ter afirmado que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas deveriam ser estudados separadamente. A segunda se devia ao fato de o mesmo autor expor que as mudanças sonoras não poderiam ser observadas diretamente e, a mais importante, afirmava o pai da linguística que a variação livre não podia ser condicionada. No entanto, Labov conseguiu identificar relações regulares em seus estudos realizados em Martha's Vineyard e em Nova Iorque, ao contrário do que afirmavam as principais teorias linguísticas da época, em especial no que se referia a oscilações caóticas ou variação livre. Com isso, o autor conseguiu, apesar de muitas barreiras, postular princípios sociolinguísticos sobre as relações estilísticas da variação, estratificação social e avaliação subjetiva, indo contra os modelos anteriores, que não levavam em consideração os fatores sociais, chamados extralinguísticos, na análise linguística. Labov deu ênfase maior na relação entre língua e sociedade e à sistematização da variação que existe na língua.

Labov (1963) constatou, em seu estudo sobre os ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, que a variante não-padrão predominava na comunidade de fala, diferentemente do falar dos turistas que iam até a ilha. Para Tarallo:

É evidente que a centralização do ditongo em Martha's Vineyard é somente um dos traços linguísticos que definem a língua falada na ilha. Os exemplos relatados sugerem, portanto, que a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade. (TARALLO, 1990, p.15)

Após a publicação, em 1966, do estudo de Labov sobre a estratificação

social do /r/ nas lojas de departamentos nova-iorquinas, o resultado da análise demonstrou a estigmatização da ausência do /r/, enquanto a valorização social da presença do mesmo fonema se mostrou de prestígio entre os falantes. Além disso, essa pesquisa demonstrou que o status mais elevado socialmente de um falante estava, também, ligado à utilização do /r/. Dessa maneira, por conta desse e de vários outros estudos, o autor conseguiu comprovar que a língua está intrinsecamente relacionada com o social e que, por ele, é determinada. Sendo assim, Labov rejeitou a ideia de que a comunidade de fala é essencialmente homogênea. Então, os estudos passaram a levar em consideração variáveis no estudo de determinados fenômenos linguísticos. Tarallo (1999) define as variantes linguísticas como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com um mesmo valor de verdade.

A partir de então, vários estudos sociolinguísticos surgiram com o intuito de provar, através de evidências, que a língua é heterogênea e de demonstrar, também, que a mudança linguística é ordenada e sistematizada, e não um caos, como propunham as teorias anteriores. Então, uma nova teoria surgiu e foi formalizada na obra *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*, escrita por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, entre os anos de 1966 e 1968. O objetivo dos autores, ao escrever esse texto, é desenvolver um novo modelo teórico e criar uma nova orientação para pesquisas linguísticas, fundamentando-se na nova concepção de mudança linguística da própria língua: “Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja do ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada.” (WEINREICH, 2006, p. 35)

E, assim, é através da definição de língua constituída por uma heterogeneidade sistemática que vai se respaldar a nova teoria e os estudos sobre variação e mudança da língua. Pode-se dizer, também, que a análise sociolinguística passa a se orientar para a variação inerente ao objeto, conforme afirmam Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 36):

A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. [...] Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.é., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional.

Desta forma, a proposta de Herzog (2006) estará fundamentada no pressuposto de que a variação linguística é captada no momento da sua ocorrência. Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam cinco problemas fundamentais, com o objetivo de esclarecer a questão da heterogeneidade ordenada, presente nas línguas naturais, a saber, o problema da restrição, da transição, do encaixamento, da avaliação e da implementação.

No problema de restrição, busca-se investigar as possíveis condições de mudança que podem acontecer dentro de uma estrutura linguística, ou seja, os fatores linguísticos e sociais que são condicionadores para a mudança. Essa investigação é de fundamental importância para verificar que a variação é inerente ao sistema linguístico.

O problema do encaixamento trata de como a mudança está encaixada na estrutura linguística e social, pois sem encaixar a mudança no quadro das relações sociais, teremos apenas uma visão parcial do seu condicionamento. Dessa forma, o encaixamento pode ser observado quando é atestada uma correlação entre o fenômeno de mudança e a estrutura social.

O problema da transição aborda a maneira como as mudanças ocorrem dentro da língua. Assim, uma mudança não ocorre repentinamente, ou seja, uma variante não deixa de ser usada completamente, enquanto a variante inovadora assume seu lugar, pois há um momento intermediário em que as duas formas de realização disputam espaço, até que a mudança ocorra completamente. Para Faraco (2005), a característica mais recorrente do problema de transição é o fato de a mudança não ser discreta.

O problema da avaliação discute sobre a maneira como cada uma das variáveis é tratada socialmente, no sentido de uma receber uma carga de prestígio, enquanto a outra passa a ser estigmatizada. Assim, o nível de consciência social é uma propriedade muito importante na mudança linguística, já que, quanto maior a consciência de que uma variante é estigmatizada, menor sua ocorrência e, conseqüentemente, menor a probabilidade de ocorrer mudanças.

O problema da implementação busca investigar como a mudança se implementa nos diferentes contextos estruturais e nos diferentes estratos sociais. No entanto, essa explicação só é possível quando a mudança ocorrer completamente, ou seja, quando uma ocorrência deixar de ser variante e passar a ser um traço constante na língua.

A partir desses cinco problemas, a teoria da mudança linguística proposta por

Herzog busca analisar como a língua de uma comunidade de fala complexa sofre alterações, mudanças, ao longo do tempo. E como a mudança gera variação, tornou-se extremamente necessário um modelo teórico-metodológico que embasasse as relações entre os aspectos sociais e a variação linguística.

Sendo assim, a noção de heterogeneidade da língua passa a ser concebida a partir da definição de regra variável, ou seja, a concorrência de mais de uma variante em um mesmo contexto de utilização. De acordo com Guy (2007), a análise da regra variável é muito usada em estudos de variação linguística atuais. Seu objetivo é separar e testar a importância dos fatores contextuais na ocorrência de uma ou outra variante. Esses fatores podem ser tanto sociais quanto linguísticos.

Guy (2007) afirma que a variação pode ser influenciada por uma série de fatos, considerando que sempre uma variante vem inserida em um determinado contexto social e que a escolha do falante pode ser condicionada por esses fatores:

[...] a análise tem de ser necessariamente multivariada; em outras palavras, ela é uma tentativa de modelar os dados como uma função de várias forças simultâneas, interseccionadas e independentes, que podem agir em diferentes direções. De fato, um dos produtos da análise é uma medida numérica do peso e da “direção” (favorável ou desfavorável) de cada força. (GUY, 2007, p.50)

Logo, a análise dos dados objetiva expor a taxa aproximada do uso de determinada variante, podendo, dessa forma, probabilisticamente, definir a natureza, seja social ou linguística, e a extensão de cada um dos fatores condicionadores da variação analisada.

Vale ressaltar que a análise das variáveis sociais é tão importante quanto a análise das variáveis linguísticas, uma vez que essas podem indicar generalizações sobre o desenvolvimento do processo de mudança. Várias são as pesquisas que levam em conta a variante social, dentre as mais utilizadas, a faixa etária tem se mostrado bastante significativa, já que a idade do falante pode indicar se o fenômeno está em variação estável ou mudança em curso. Portanto, a análise de pessoas de várias idades em um determinado período, chamada de tempo aparente, pode mostrar diferentes estágios da língua, assim como aponta Silva e Paiva (1998):

Segundo Labov (1966) o estudo da mudança no tempo aparente pode ser mais confiável, se as diferenças etárias forem reforçadas pelos resultados associados a outras variáveis independentes como, por exemplo, classe social e sexo. Se uma mudança se inicia na língua, é

natural que um segmento da sociedade a lidere. Como ressalta o autor, uma mudança linguística sempre começa no interior de um grupo social associando-se aos valores que o caracterizam. (SILVA; PAIVA, 1998, p.354)

Além da idade, vários outros fatores podem ser considerados relevantes em um estudo sobre variação linguística. Se levarmos em consideração as diferenças entre os sexos, por exemplo, isso pode nos fornecer informações e evidências muito importantes em uma análise de mudança em progresso, já que, no geral, as mulheres revelam uma preferência maior sobre as formas não estigmatizadas socialmente, tendência que revela uma situação de variação estável. Porém, não é interessante considerar somente o sexo nessa situação, já que é igualmente relevante analisar a situação social e a função que a mulher desempenha na sociedade em que vive.

Outro fator social relevante é a escolaridade, já que, geralmente, atua no favorecimento de determinada variante padrão. Porém, segundo Votre (2004), para se fazer uma análise criteriosa acerca das relações estabelecidas entre variação e mudança linguística e a variável escolaridade, é necessário estabelecer, também, a distinção entre forma estigmatizada e forma de prestígio, além de forma relativamente neutra. Dessa forma, o autor destaca que o estudo das variáveis sociais no uso da língua indica uma correlação estrita entre os fatores como faixa etária, escolaridade e outros aspectos sociais que também podem influenciar esse fatores.

Assim, assumindo a impossibilidade de entender o desenvolvimento de variação e mudança linguística fora do meio social, já que esses fatores sociais estão intimamente ligados as ações sobre a linguagem, Labov trata de relacionar os padrões linguísticos variáveis a diferenças paralelas na estrutura social em que o falante está inserido. Dessa forma, em seus estudos, o autor constatou uma relação entre estratificação social e usos linguísticos diferenciados, pois, ao testar fatores externos (como estilo, classe, sexo e idade) e internos (estrutura linguística), concluiu que os dois tipos de condicionamento interferem diretamente na escola do falante na realização linguística.

É fato que, correlacionando mudança e variação, a Teoria da Variação e da Mudança Linguística quebra a dicotomia sincronia/diacronia, estabelecida por Saussure, aproximando-as. A conjunção entre sincronia e diacronia permite que a ênfase não seja simplesmente na de mudança, mas, segundo Tarallo (1994, p.26), “a

partir de características estruturais e condições de funcionamento, o sistema linguístico caminha para a direção X e não para a direção Y”.

É inegável que o olhar no passado, pode, concretamente, fornecer indícios para explicar o presente, bem como o presente nos dá indícios para uma projeção no futuro, ou seja, verificar uma mudança em tempo aparente. Assim, as observações em tempo aparente, relacionadas às observações em tempo real, nos permitem fazer a verificação de uma mudança em progresso. Dessa maneira, a mudança em tempo aparente é apenas uma projeção que o pesquisador se arrisca a fazer, constituindo, assim, uma hipótese. Logo, a articulação entre presente e passado nos permite evidenciar as mudanças que ocorreram na língua e que estão em processo. É importante, contudo, deixar nítida a ideia de que nem toda variação na estrutura linguística envolve mudança, mas que toda a mudança, obrigatoriamente, envolve variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006). Vale, ainda, lembrar que a mudança não indica, abruptamente, uma troca de um elemento pelo outro na língua, mas sempre envolve uma fase intermediária em que as duas formas de realização passam a competir e que, posteriormente, uma se destaca em detrimento da outra.

Labov, também, reconhece avanços nas pesquisas descritivas da língua, mas faz uma crítica por conta do banco de dados limitado nos trabalhos, o que acaba gerando uma dificuldade no desenvolvimento da teoria linguística. A pesquisa de Gauchat (1905), na comunidade de Charmey, Suíça, é considerada a precursora dos estudos sociolinguísticos da mudança, já que, no começo do século XX, as variantes sociais começaram a ser consideradas relevantes para o estudo da variação e da mudança linguística. Para Labov (2008, p.345), “O trabalho de Gauchat estabeleceu a variabilidade do dialeto de Charmey, a existência da mudança em processo, e o papel das mulheres na mudança linguística”.

Esse estudo de Gauchat foi o pioneiro no que diz respeito a analisar, como objeto, a mudança linguística em progresso. O autor fez a análise da diversidade fonética entre três gerações de falantes do francês suíço na aldeia de Charmey e pode concluir a mudança em processo nessa comunidade de fala. Depois de vinte e quatro anos, as conclusões de Gauchat foram confirmadas no estudo de Hermann (1929 *apud* LABOV, 2008), nessa mesma comunidade de fala. Os trabalhos de Gauchat já consideravam os aspectos sociais como determinantes no processo de mudança linguística.

No entanto, no Brasil, segundo Soares (2002), somente a partir dos anos de 1980 que os estudos em sociolinguística começaram a se expandir, aplicando-os

tanto em pesquisas científicas quanto aplicados no ensino de língua materna. A Sociolinguística alerta sobre a necessidade de abordagem da heterogeneidade linguística, sobre as diferenças, especialmente porque a democratização trouxe a público pessoas com vivências diferentes, e essas vivências refletem, inevitavelmente, na língua. Essa questão é igualmente aplicável no ambiente escolar, pois, com o passar dos anos, as variações linguísticas, que fazem parte da vida do aluno, estão cada vez mais presente no ensino de língua materna.

Vale ressaltar, ainda, que segundo Labov, o modo de se falar se altera de acordo com alguns condicionamentos externos. Se considerarmos, por exemplo, as relações de simetria ou de assimetria entre os falantes, o falar é interferido diretamente, em especial, quando se trata das relações de poder e de solidariedade. Igualmente ocorre em diferentes contextos sociais, ou seja, o mesmo falante se expressa verbalmente de maneiras diferentes na escola, em casa, no trabalho, na igreja e em outros contextos. Assim, na perspectiva laboviana, o falante não possui um falar único, já que todos apresentam variação, seja ela fonológica ou sintática. No entanto, segundo o autor, as crianças e as pessoas de maior faixa etária apresentam uma menor possibilidade de escolha, pois possuem uma participação social muito limitada, se comparadas a jovens e a pessoas que estão no mercado de trabalho e que, conseqüentemente, possuem uma rede social mais ampla.

Desta maneira, considerando a heterogeneidade da língua e a importância da relação entre as variáveis linguísticas e sociais como princípio determinantes, buscamos, nesta pesquisa, demonstrar a variação entre os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, no falar popular de Fortaleza, estabelecendo as tendências atuais no uso desses pronomes, assim como os fatores linguísticos e sociais que condicionam tal uso.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA

A Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa (TARALLO, 2006), opera com dados estatísticos de fenômenos variáveis, o que nos permite ter acesso a dados que são de extrema importância em uma teoria de probabilidade, já que se pode avaliar as tendências de uma forma quantitativa que atuam na mudança do fenômeno em questão.

Para Tagliamonte (2006), a abordagem quantitativa é vantajosa pela sua capacidade de relacionar fatores que têm impacto, simultaneamente, sobre a escolha do falante. Por conta disso, os seus resultados podem identificar tendências gramaticais, regularidades nos dados, podem fornecer o peso relativo e significância estatística. Para a autora, essas características são a base para a produção de uma pesquisa linguística comparativa. Guy (1993) afirma que uma pesquisa quantitativa não tem por objetivo fornecer números, mas identificar e explicar os fenômenos linguísticos, como a variação pronominal *nós* e a *gente*, presentes em determinada comunidade de fala.

4.2 COMUNIDADE DE FALA: FORTALEZA

A cidade de Fortaleza recebe influência histórica (e linguística) de diversos povos desde a sua constituição com o Forte Nossa Senhora da Assunção, construído pelos portugueses, até a sua elevação como capitania e sua ocupação oficial, iniciada por Martin Soares Moreno. Posteriormente, os holandeses ocuparam o forte de São Tiago e, depois de quatro anos, foram expulsos pelos índios. A criação do município se deu em 13 de abril de 1726, quando foi elevada à condição de vila. Somente, em 1823, o Imperador Dom Pedro I elevou a vila à condição de cidade. (BRUNO; FARIAS, 2011),

Para Bruno e Farias (2011), no século XX, Fortaleza passa por muitas mudanças urbanas entre melhorias e o êxodo rural. De 1950 a 1960, a cidade passa por um expressivo crescimento econômico e então começa a ocupação de bairros mais distantes do centro. Todos esses fatores são de muita importância para a constituição da comunidade de Fortaleza.

Segundo o site¹² da prefeitura, devido ao seu crescimento, foram criadas 7 Secretarias Executivas Regionais, em 1997, para que a administração pública da cidade fosse descentralizada. De acordo com o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as Regionais abrangiam os 114 bairros de Fortaleza na época do senso. Atualmente, a cidade possui 119 bairros distribuídos em 6 Secretarias Executivas Regionais, além da Sercefor (Secretaria Executiva do Centro de Fortaleza), como mostra o quadro 2:

Quadro 2: Distribuição dos bairros de Fortaleza por regional

REGIONAL - SERs	BAIRROS
Sercefor 1 bairro	Centro
SER I 15 bairros	A Vila Velha, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Barra do Ceará, Floresta, Álvaro Weyne, Cristo Redentor, Ellery, São Gerardo, Monte Castelo, Carlito Pamplona, Pirambu, Farias Brito, Jacarecanga e Moura Brasil
SER II 20 bairros	Aldeota, Cais do Porto, Cidade 2000, Cocó, De Lourdes, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Calvalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I e II, Salinas, São João do Tauape, Varjota, Vicente Pinzon
SER III 17 bairros	Amadeu Furtado, Antônio Bezerra, Autran Nunes, Bonsucesso, Bela Vista, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Olavo Oliveira, Padre Andrade, Parque Araxá, Pici, Parquelândia, Presidente Kennedy, Rodolfo Teófilo e Quintino Cunha
SER IV 19 bairros	São José Bonifácio, Benfica, Fátima, Jardim América, Damas, Parreão, Bom Futuro, Vila União, Montese, Couto Fernandes, Pan Americano, Demócrito Rocha, Itaoca, Parangaba, Serrinha, Aeroporto, Itaperi, Dendê e Vila Pery
SER V 18 bairros	Conjunto Ceará, Siqueira, Mondubim, Conjunto José Walter, Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Genibaú, Canindezinho, Vila Manoel Sátiro, Parque São José, Parque Santa Rosa, Maraponga, Jardim Cearense, Conjunto Esperança, Presidente Vargas, Planalto Ayrton Senna e Novo Mondubim
SER VI 29 bairros	Aerolândia, Ancuri, Alto da Balança, Barroso, Boa Vista (unificação do Castelão com Mata Galinha), Cambeba, Cajazeiras, Cidade dos Funcionários, Coaçu, Conjunto Palmeiras (parte do Jangurussu), Curió, Dias Macedo, Edson Queiroz, Guajerú, Jangurussu, Jardim das Oliveiras, José de Alencar (antigo Alagadiço Novo), Messejana, Parque Dois Irmãos, Passaré, Paupina, Parque Manibura, Parque Iracema, Parque Santa Maria (parte do Ancuri), Pedras, Lagoa Redonda, Sabiaguaba, São Bento (parte do Paupina) e Sapiranga

Fonte: Site da prefeitura de Fortaleza

4.3 O CORPUS, A AMOSTRA E OS INFORMANTES

¹² Informação obtida no site da Prefeitura de Fortaleza <http://www.fortaleza.ce.gov.br/cidade>. Acesso em 27/12/2015.

O *corpus* utilizado neste estudo é composto por gravações, em áudio, transcritas e advindas do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. Segundo Araújo (2011), esse projeto foi pensado no intuito de documentar e, depois, disponibilizar dados representativos do falar popular do fortalezense. Coordenado pela Profa. Aluiza Alves de Araújo e sediado na Universidade Estadual do Ceará, o Projeto NORPOFOR segue o modelo da Sociolinguística Quantitativa. Suas gravações foram realizadas de agosto de 2003 a julho de 2006 e, em sua grande maioria, foram feitas por professores e alunos do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O modelo teórico-metodológico que subjaz a este banco de dados segue as exigências de Labov (1972), que estabelece critérios que devem ser levados em conta ao selecionar o informante que irá participar das gravações para o banco de dados, com o objetivo de relatar de maneira fiel o falar de uma comunidade de fala.

Conforme Araújo (2011), o NORPOFOR é formado por 198 informantes que atendem os seguintes requisitos:

São fortalezenses natos ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; - possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos; mantém residência fixa na capital cearense. Estes critérios foram adotados com o objetivo de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões. (ARAÚJO, 2011, p.838)

Ainda de acordo com Araújo (2011), os informantes eram distribuídos, como mostra o quadro 1, de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (I – 15 a 25 anos; II – 26 a 49 anos; III – a partir dos 50 anos), a escolaridade (A: 0 a 4 anos; B: 5 a 8 anos; e C: 9 a 11 anos) e o tipo de registro (D1 – Diálogo entre Informante e Documentador; D2 – Diálogo entre Dois Informantes; e EF – Elocução Formal), como visualizamos no quadro a seguir.

Quadro 3 - Distribuição dos informantes no NORPOFOR de acordo com as variáveis sociais controladas

Quadro de Distribuição dos informantes por gênero, idade, tipo de registro e escolaridade.	
Gênero	
Masculino	Feminino

Reg.	DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Es. F. Et.	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
I	5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0	0	2
II	4	5	5	4	4	4	4	3	4	5	5	5	4	5	5	0	5	4
III	5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1

Fonte: Araújo (2011, p. 839).

Escolhemos o NORPOFOR pelo fato de este ser o mais atual banco de dados representativo do falar popular de Fortaleza, com distribuição, razoavelmente, equilibrada dos informantes por célula, além de possuir um número expressivo de informantes, o que representa de forma eficaz o falar fortalezense.

Para a nossa pesquisa, utilizaremos uma amostra constituída por 53 informantes do NORPOFOR, distribuídos, pelas três variáveis controladas em nosso estudo: 26 pessoas do sexo feminino (F) e 27 do sexo masculino (M); 17 indivíduos da faixa etária I, 18 da faixa etária II e 18 da faixa etária III; 17 informantes com nível de escolaridade A, 18 com nível B e 18 com nível C. Dessa forma, conseguimos que cada célula acomodasse 3 informantes - com exceção dos informantes do sexo feminino, da faixa etária I, pois o *corpus* só possui dois informantes com essas características - garantindo uma distribuição balanceada dos participantes desta pesquisa, como podemos ver no quadro abaixo.

Quadro 4: Quadro de distribuição dos informantes em nossa amostra

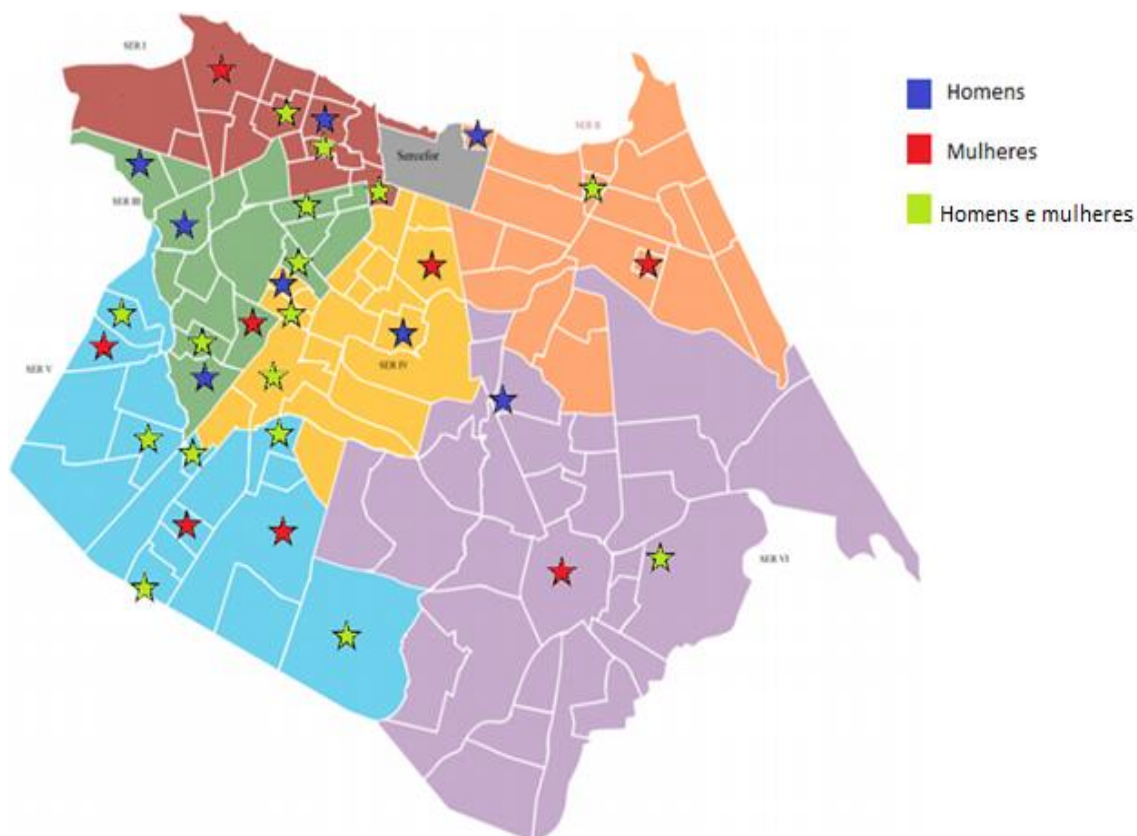
		Gênero/Sexo					
		Masculino (M)			Feminino (F)		
Faixa etária	Escolaridade	0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)	0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)
		15 a 25 anos (I)	3	3	3	2	3
	26 a 49 anos (II)	3	3	3	3	3	3
	A partir de 50 anos (III)	3	3	3	3	3	3

Fonte: Elaboração própria

Segundo Araújo (2011), os informantes do NORPOFOR são moradores de 69 bairros, distribuídos entre as 7 regionais de Fortaleza, o que proporciona uma representação geográfica de toda a cidade. No entanto, para nossa pesquisa,

utilizaremos informantes procedentes de apenas 32 bairros da capital cearense, assim como mostra a figura 7:

Figura 7: Distribuição dos informantes de nossa amostra por bairro



Fonte: Adaptado de Souza (2014)

Os informantes apresentam baixo nível socioeconômico, levando em conta, como indicadores sociais, a sua profissão, a do seu cônjuge e a dos seus pais, além da quantidade de filhos e do local onde moram (ARAÚJO, 2011).

Dessa forma, para nossa amostra, utilizamos informantes advindos de 32 bairros de Fortaleza, de ambos os sexos, das mais diversas profissões, bem como de diferentes idades e níveis de escolaridade, conforme podemos observar no quadro 5:

Quadro 5: Distribuição dos informantes da amostra por nº do inquérito / gênero, bairro / atividade exercida / idade e escolaridade / tipo de documentador

Inquérito / Gênero	Bairro	Atividade/ Idade	Escola ridade	Tipo de Documentador
004 / Homem	Messejana	Bancário / 44	9-11	Profa. Univers.

004 / Mulher	Messejana	Prenda do Lar / 42	9 - 11	Profa. Univers.
014 / Homens	Mondubim (Inf. I)	Militar / 38	9 - 11	Universitária
	Maraponga (Inf. II)	Oficial de Justiça / 35	9 - 11	Universitária
015 / Homens	Vila União (Inf. I)	Comerciante / 25	9 - 11	Universitária
	Fátima (Inf. II)	Analista de Suporte / 24	9 - 11	Universitária
035 / Homens	Messejana (Inf. I)	Mecânico / 21	5 - 8	Universitário
	Messejana (Inf. II)	Estofador / 21	5 - 8	Universitário
037 / Homens	Messejana (Inf.1)	Pelador / 33	5 - 8	Universitário
	Pq. São Miguel (Inf.II)	Terce. da Prefeitura / 24	5 - 8	Universitário
050 / Mulheres	Parangaba (Inf. I)	Estudante / 17	9 - 11	Universitária
	Parangaba (Inf. II)	Estudante / 17	9 - 11	Universitária
051 / Homem	Parangaba (Inf. I)	Estudante / 15	9 - 11	Universitário
051 / Mulher	Parangaba (Inf. II)	Estudante / 15	9 - 11	Universitário
060 / Mulheres	Dem. Rocha (Inf.I)	Vend. Ambulante / 51	5 - 8	Universitária
	Dem. Rocha (Inf.I)	Prenda do Lar / 56	5 - 8	Universitária
071 / Homens	Ant. Bezerra	Funcionário Público / 51	9 - 11	Profa. Univers.
	Ant. Bezerra	Funcionário Público / 53	9 - 11	Profa. Univers.
074 / Mulheres	Jockey Clube	Monitora de Creche / 23	5 - 8	Prof. Univers.
	Jockey Clube	Estudante / 19	5 - 8	Prof. Unvers.
077 / Mulheres	Cidade 2000	Profa. de Reforço / 37	9 - 11	Universitária
	Cidade 2000	Vend. Autônoma / 36	9 - 11	Universitária
093 / Mulheres	Álvaro Weyne	Aposentada / 59	0 - 4	Universitário
	Álvaro Weyne	Lavadeira / 63	0 - 4	Universitário
094 / Homens	Barra do Ceará	Pedreiro / 34	0 - 4	Universitário
	Barra do Ceará	Auxiliar de pedreiro / 31	0 - 4	Universitário
099 / Mulheres	Tancredo Neves	Prendas do Lar / 42	5 - 8	Universitária
	Varjota	Doméstica / 28	5 - 8	Universitária
101 / Mulher	Bonsucesso	Prendas do Lar / 29	5 - 8	Universitária
106 / Homem	Messejana	Aposentado / 76	0 - 4	Universitário
106 / Mulher	Messejana	Aposentada / 76	0 - 4	Universitário
108 / Homem	Quintino Cunha	Serviços Gerais / 46	5 - 8	Universitária
111 / Homem	Carlito Pamplona	Comerciante / 58	9 - 11	Universitária
118 / Mulher	Monte Castelo	Estudante / 17	0 - 4	Universitária
125 / Mulher	Bela Vista	Doméstica / 42	0 - 4	Universitária
129 / Mulheres	Parquelandia	Profa. Aposentada / 60	9 - 11	Universitária
	Parquelandia	Merendeira Escolar / 49	0 - 4	Universitária

132 / Homens	Otávio Bonfim	Operário / 52	0 - 4	Universitária
	Farias Brito	Pintor Aposentado / 60	5 - 8	Universitária
139 / Mulheres	Alto Alegre	Doméstica / 28	0 - 4	Universitária
	Alto Alegre	Doméstica / 19	0 - 4	Universitária
141 / Homem	Pq. Santa Rosa	Estudante / 15	5 - 8	Universitária
152 / Homem	Ant. Bezerra	Comerciante / 16	0 - 4	Universitário
152 / Mulher	Ant. Bezerra	Prendas do Lar / 55	5 - 8	Universitário
153 / Homens	Parque São José	Balconista / 18	0 - 4	Universitária
	Bom Jardim	Balconista / 24	0 - 4	Universitária
154 / Homem	José Walter	Aposentado / 53	5 - 8	Universitário
154 / Mulher	José Walter	Estudante / 18	5 - 8	Universitário
155 / Homem	Álvaro Weyne	Motorista / 55	5 - 8	Universitária
157 / Mulheres	Álvaro Weyne	Cozinheira / 52	9 - 11	Universitária
	Praia de Iracema	Ger. Administrativo / 51	9 - 11	Universitária
160 / Homens	Quintino Cunha	Aux. Servi. Gerais / 48	5 - 8	Universitária
	Conjunto Ceará	Aux. Servi. Gerais / 46	5 - 8	Universitária

Fonte: Elaboração própria

. Segundo Matos e Neto (2003), o Censo 2000, realizado pelo IBGE, que mostra Fortaleza com 114 bairros, os que têm a maior renda por pessoa estão presentes nas zonas leste e sudeste da capital e possuem renda média de R\$ 1.566,29 e R\$ 4.288,36. Os bairros que compõem essa região são: Centro da cidade, Meireles, Guararapes, Cocó, Aldeota, Estância (Dionísio Torres), Mucuripe, Papicu, Varjota, Parque Manibura, Salinas, Praia de Iracema, Praia do Futuro I, Cidade dos Funcionários, Cambeba, Joaquim Távora, Alagadiço Novo e Engenheiro Luciano Cavalcante. No entanto, de acordo com Matos e Neto (2003, p. 7), existem “três bairros da zona oeste que aparecem com renda alta, Fátima (bairro próximo ao Centro) com renda média de R\$ 2.017,22; Benfica (bairro antigo) com 1.417,93; e, Parquelândia (R\$ 1.530,53)”.

Em contrapartida, os bairros da zona Oeste concentram a população com renda mais baixa entre os bairros de Fortaleza. Renda essa que pode variar entre R\$ 269,63 a R\$ 373, 87.

São bairros antigos e novos que se misturam, nesse traçado, acompanhando o litoral (Arraial Moura Brasil, Pirambu, Cristo Redentor, Barra do Ceará e Floresta), além de prosseguir no sentido norte-sul (Autran Nunes, Genibau, Granja Portugal, Granja Lisboa, Bom Jardim, Parque São José, Parque Santa Rosa (Apolo XI), Parque Presidente Vargas, Canindezinho e Siqueira);

finalmente, mais para o sul, encontram-se: Barroso e Jangurussu, e Curió. (MATOS; NETO, 2003, p.7)

Ainda segundo Matos e Neto (2003), há uma relação entre escolaridade e renda, ou seja, os bairros em que os habitantes têm uma menor renda apresentam também uma menor escolaridade. Já os habitantes dos bairros que apresentam maior renda, também apresenta maior escolaridade.:

Verifica-se uma associação direta entre níveis de escolaridade e renda. Nos bairros, onde os chefes de família apresentam níveis mais elevados de renda, eles situam-se melhor quanto à escolaridade, entre aqueles, que estudaram 15 anos e mais. Ao contrário, onde os chefes têm rendas mais deprimidas, eles, também, apresentam uma tendência maior de estarem sem instrução ou terem cursado apenas um ano de estudo. (MATOS; NETO, 2003, p. 8).

Ainda, existem alguns casos curiosos em que apresentam as duas polarizações, devido à diversidade presente neles, ou seja, existem famílias que apresentam uma renda maior, outras que apresentam renda menor, e o mesmo ocorre com a escolaridade.

Alguns casos chamam atenção, pela diversidade de situações, sugerindo que os bairros não são áreas tão homogêneas como se pode supor. Por exemplo: os bairros Edson Queiroz e Vicente Pizon, tidos como de rendas baixas, registraram chefes com educação nos dois extremos: os de mais de 15 anos de estudo; e, os sem instrução e os com apenas um ano de estudo. São essas diferenças que remetem a pesquisa para o questionamento desse discurso sobre os bairros do leste e do oeste. (MATOS; NETO, 2003, p. 8).

Dessa forma, como afirma Guimarães (2014), citando Matos e Neto, existem pobres também nos bairros considerados nobres, e da mesma forma ocorre com o contrário, existem habitantes ricos, mesmo em bairros considerados pobres.

4.4 AS ENTREVISTAS

De acordo com Araújo (2011), antes da realização de cada entrevista, os informantes preenchem uma ficha, contendo suas características socioeconômicas e culturais, com o objetivo de controlar os requisitos necessários para participar da pesquisa. Além disso, essa ficha visava permitir que o entrevistador pudesse conhecer, minimamente, o informante e, assim, facilitar na elaboração das perguntas.

Os informantes eram avisados da gravação dos inquéritos, após a sua realização, para que não houvesse policiamento no modo de falar. No momento

inicial, informava-se apenas aos participantes que as gravações eram feitas com finalidade histórica e cultural. Quando terminava a entrevista, o documentador explicava o real motivo da investigação ao entrevistado, que era o de compor um banco de dados para uma pesquisa linguística. No entanto, não houve dificuldade para a permissão do uso das gravações, uma vez que todos os informantes sabiam que suas identidades seriam mantidas em total sigilo.

No NORPOFOR, há três tipos de inquéritos: DID (Diálogo entre Informante e Documentador), D2 (Diálogo entre Dois Informantes) e EF (Elocução Formal). Desta forma, o DID apresenta um nível intermediário de formalidade; o D2 é composto por gravações mais espontâneas em que, quase nunca, há interferência do documentador, uma vez que os participantes deste tipo de inquérito são amigos ou parentes e poderiam escolher sobre o tipo de assunto que iriam falar; já o EF, por se tratar de uma gravação planejada, apresenta o mais alto nível de formalidade.

O Projeto Norma Popular de Fortaleza contou com a colaboração de 92 documentadores. Em nossa amostra, observamos que os documentadores eram dois professores universitários, Aluiza Alves de Araújo e Kilpatrick Mülller Campelo, e 23 estudantes universitários do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará.

Para a nossa pesquisa, utilizamos os inquéritos do tipo D2, por se tratar de falas extremamente espontâneas, o que favorece a realização da variação aqui estudada, com poucas interrupções dos documentadores. Além disso, na nossa amostra, as entrevistas tinham duração mínima de 28 minutos e duração máxima de 60 minutos. No término das audições, chegamos ao total de 21 horas 42 minutos e 53 segundos de gravação.

4.5 CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Selecionamos os melhores inquéritos para o estudo, ou seja, aqueles mais longos e que, aparentemente, continham mais ocorrências das variantes analisadas. Logo depois, fizemos uma audição de todos os inquéritos selecionados, atentando para a ocorrência da variável dependente em questão, *nós* e *a gente*, e à medida que ela aparecia nos áudios, íamos conferindo com as transcrições que tínhamos disponíveis. Em seguida, atribuímos códigos aos fatores controlados em cada ocorrência do fenômeno estudado. Por exemplo, para uma ocorrência como *nós fizemos isso* (D2 77), codificamos a ocorrência da seguinte forma: sexo: masculino (M), feminino (F); faixa etária: 15-25 anos (1), 26-49 anos (2), mais de 50 anos (3);

anos de escolarização: 0 a 4 anos (A), 5 a 8 anos (B), 9 a 11 anos (C). Depois da codificação, os dados foram submetidos ao programa estatístico GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), para que fossem realizadas as análises estatísticas.

4.6 FERRAMENTA ESTATÍSTICA

O Goldvarb X é um aplicativo para a análise multivariada, baseado numa versão prévia do Goldvarb 2.0, criado pela equipe de David Sankoff em 1990. Enquanto o Goldvarb 2.0 funcionava em computadores de Macintosh, o Goldvarb 2001, organizado por John Robinson, Helen Lawrence e Sali Tagliamonte, foi desenvolvido a partir da necessidade de muitos pesquisadores em usar um programa similar para Windows.

Esse programa, desenvolvido para auxiliar a análise dos dados do linguista, especialmente para aqueles que trabalham com dados quantitativos, tem sido amplamente usado no campo da linguística variacionista, pois o programa opera com grande número de dados, permitindo o cruzamento dos mesmos, para indicar os fatores mais relevantes de condicionamento na ocorrência da variação, com o objetivo de “tornar manejável a tarefa de análise e compreensão dos mesmos, e assim permitir a identificação de tendências e padrões gerais” da regra variável (GUY; ZILLES, 2007, p. 99). O Goldvarb fornece o cálculo, em termos percentuais, da atuação de cada variável, seja ela dependente ou independente.

O Goldvarb X seleciona os grupos de fatores mais significativos para a realização da variação linguística e apresenta a frequência de uso de cada uma das variáveis controladas, bem como os pesos relativos, os nocautes e os *singleton groups*. De acordo com Guy e Zilles (2007, p.158), “nocaute é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0 ou 100% para um dos valores da variável dependente.” Já os *singleton groups* são aqueles grupos que possuem apenas um fator. Os pesos relativos são importantes, pois, com eles, é possível comparar dois fatores em um grupo, e não apenas os seus valores individuais, ou seja, o mais importante é analisar a relação entre os pesos, ao comparar entre si os valores associados e medir suas diferenças, e não somente verificar os valores propriamente ditos isoladamente.

Assim, pesos relativos próximos a 1,00 são fortemente favoráveis à aplicação da regra em relação ao fenômeno em estudo; próximos a 0,50 são neutros, ou seja,

não se pode ainda definir qual das formas ficará em uso na língua; e pesos próximos a zero desfavorecem a aplicação da regra. Assim sendo, a quantidade de ocorrências e os percentuais de determinada variante retratam como ela está sendo usada no momento, enquanto o peso relativo retrata a probabilidade de a forma ocorrer na língua.

Desta forma, de acordo com Scherre e Narro (2010), a ferramenta em questão é dedicada à composição da análise baseada na estruturação de dados retirados da língua natural e ajuda o pesquisador na compreensão e no funcionamento da variação, já que é capaz de demonstrar contextos variáveis (ambientes em que ocorrem variação, sejam linguísticos ou sociais), contextos categóricos (onde não ocorre variação) e contextos neutros (nos quais a variação é irrelevante).

4.7 VARIÁVEIS TESTADAS

4.7.1 Variável dependente

Como variável dependente, temos a variação pronominal de 1ª pessoa do plural. Assim, temos duas variantes - *nós* e *a gente* - em todas as funções sintáticas, para verificar quais condicionamentos atuam sobre a forma *a gente*, como fizeram outros autores (MENON, 1995; OMENA; BRAGA, 1996; OMENA, 1996a, 1996b), ao abordarem este tema.

4.7.2 Variáveis Independentes

As variáveis independentes serão divididas em dois grupos: as linguísticas e as extralinguísticas. Entre as primeiras, testamos: função sintática, referência do pronome, marca morfêmica, tempo verbal, tipo de verbo, estrutura do verbo, paralelismo, preenchimento do sujeito, posição do pronome em relação ao verbo e simetria entre os interlocutores; já, entre as últimas, analisaremos: sexo, faixa etária e escolaridade.

Estas variáveis serão discutidas a seguir e cada um dos fatores será ilustrado, sempre que for necessário, com dados do NORPOFOR.

4.7.2.1 Variáveis Linguísticas

a) Preenchimento do pronome

Procura-se verificar se os pronomes *nós* e *a gente*, na fala dos fortalezenses, estão sendo preenchidos ou se aparecem nulos. Várias pesquisas realizadas sobre a regra em estudo controlam esta variável, a saber, Duarte (1993 e 1995), Costa (2003), entre outros. O uso da forma *a gente* na função de sujeito, no geral, ocorre como no caso das pesquisas mencionadas para expressar quando um sujeito é explícito ou implícito. O mesmo ocorre com a forma *nós*, que pode vir expresso ou não.

Estudamos, assim, as formas que o falante de nossa amostra pode eleger para a primeira pessoa do plural: pronome nulo ou pronome preenchido. A título de esclarecimento, usamos como base para definição da ausência do sujeito explícito a desinência verbal que indica número. Dessa forma, levamos em conta o fato de que consideramos sempre que houvesse sujeito nulo também haveria manutenção do paralelismo. Em outras palavras, quando houver sujeito nulo e o verbo estiver na terceira pessoa do singular, consideramos que o sujeito implícito é *a gente*; se o verbo estiver na primeira pessoa do plural, consideramos que o sujeito elíptico é *nós*, conforme mostram as ilustrações abaixo:

- Pronome preenchido:

a gente não vê mais o aluno procurando aprender a cultura do seu lugar que mora
(D2 77)

- Pronome nulo:

agora vamos começar (D2 71)

b) Tempo Verbal

Considerando a forma expressa pelo verbo, procuramos saber se quando há ação do tempo verbal presente ou em tempos não-marcados, ou seja, aqueles que não têm marcação de presente, de passado ou de futuro, a saber, o particípio, o gerúndio e o infinitivo, assim como também futuro ou pretérito, podem condicionar ou não a ocorrência da variação *nós* e *a gente*. Alguns autores, como Omena (1986, 1998), Lopes (1993) e Machado (1995), analisaram essa variável como fator determinante em seus estudos. Em vista disso, controlamos os seguintes tempos verbais:

Presente do indicativo:

- *a gente pinta no branco... passa duas mãozinhas no branco (D2 125)*
- *nós não temos mais pessoas que tenham seriedade na vida (D2 111)*

Pretérito perfeito do indicativo:

- *a gente fez a primeira eucaristia junto e tal (D2 74)*
- *tudo isso porque nós passamos por tudo (D2 106)*

Pretérito imperfeito do indicativo:

- *a gente tinha DEZ anos de idade pra cá (D2 74)*
- *nós estava falando pra ele (D2 106)*

Futuro do Indicativo:

- *nós estaremos todos juntos louvando o nome do Senhor (D2 60)*
- *e adoraremos mais... assim... foi isso que ela escreveu na minha agenda (D2 50)*

Presente do Subjuntivo

- *tomara que a gente consiga ver isso (D2 77)*
- *talvez nós chegue atrasado (D2 127)*

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

- *se nós não tivesse se escondido de trás desse pé de árvore era capaz deles até ter acertado em nós (D2 94)*

Futuro do Subjuntivo:

- *se nós fosse ensinar e eles não aprendessem alguma coisa assim (D2 77)*
- *na próxima Oportunidade... que a gente for pra lá eu vou te mostrar (D2 99)*

Infinitivo

- *nós falar que isso tá errado é uma coisa... (D2 94)*
- *AVE MARIA é horrível a gente passar o dia pra que não tem costume (D2 129)*

Imperativo:

- *Jesus abençoe todos nós toda a nossa família e o seu esposo pra quê... daqui para o fim de 2004 (D2 60)*

- *borá bichinho mais a gente* (D2 35)

Gerúndio:

- *é só a nós pagando imposto e tem que ir* (D2 04)

- *e a gente brincando de pessoa... lugar... objeto... né?* (D2 50)

Frase sem verbo:

- *primeiro país... primeiros donos nós...* (D2 71)

- *aí pronto a gente já... esses ônibus e vinha descia por acolá* (D2 93)

c) Marca Morfêmica

Nesta variável, analisamos o comportamento das formas *nós* e *a gente* no que diz respeito à concordância com o verbo, já que, em vários inquéritos do NORPOFOR, é possível ouvir a construção *a gente + verbo da primeira pessoa do plural*, bem como *nós + terceira pessoa do singular*. Lopes (1999) sugere, inclusive, uma explicação que justifica a construção *a gente + verbo na primeira pessoa do plural*. Para a autora, embora o pronome aparentemente esteja no singular, ou seja, não existe uma marca que represente o plural, como o morfema “s”, a forma *a gente* representa um grupo de pessoas, o que, semanticamente, representa o plural. Assim, seguem ocorrências encontradas em nossa amostra:

Nós + primeira pessoa do plural:

- *nós tamo tentando apontar* (D2 04)

A gente + primeira pessoa do plural.

- *é mas aí... a gente então com três dias a gente temo condições de* (D2 14)

Nós + terceira pessoa do singular.

- *ora nós não tinha levado o som pra curtir* (D2 35)

A gente + terceira pessoa do singular.

- *por que a gente não cobra nada pra fazer isso daqui* (D2 35)

d) Referência Nós/ A gente

Para Silva (2004, p.24), os pronomes *nós* e *a gente* “são considerados uma

das estratégias de designação referencial, podendo veicular, no desenrolar de práticas discursivas, vários referentes”. E, de acordo com Omena (2003), a variação *nós* e *a gente* é desencadeada pelo acréscimo do traço de primeira pessoa na expressão, que antes era substantivo coletivo e que passa a ser pronome. Na década de 80, estudos indicavam que os falantes usavam mais a forma *a gente*, quando se referiam a um grande grupo, e que a forma *nós* era utilizada pelos falantes para se referir a grupos pequenos ou intermediários. E, na década de 2000, essa relação de uso permanece, mas a diferença entre os pronomes não é expressiva.

Desta forma, a referência *nós/ a gente* trata do significante do pronome e é, possivelmente, um fator que influencia diretamente na realização da variação. Então, pretende-se verificar se a mudança de referente em uma sequência discursiva sugere a alteração de uma ou outra forma pronominal. Nossa hipótese é que, em contextos em que o pronome tem a referência genérica, há uma maior ocorrência da forma inovadora *a gente*. Assim, controlamos os seguintes fatores:

a gente no sentido geral (todos)

-orando e buscando a Deus que com certeza ele vai dá um emprego pra você... mas não deixando de procurar né?... porque a gente não pode ficar esperando só sentado (D2 155)

a gente no sentido específico (eu + ele)

-era eu e a:: L. do A. chorando com medo do M. morrer ((risos))... hoje quando a gente lembrou (D2 156)

e) Paralelismo Formal

Vários autores, em seus estudos, consideraram o paralelismo formal como um fator linguístico de grande relevância para os estudos relacionados à variação pronominal. Essa variável designa a repetição das estruturas linguísticas. Ou seja, buscaremos verificar a manutenção, pelo falante, da forma pronominal em uso. Dentre os autores que trabalharam com essa variável, podemos destacar: Santos (2012), Martins (2010), Zilli (2009), Oliveira (2007; 2005), Lucca (2005) e Orlandi (2004). Em todas as pesquisas supracitadas, o fator saliência fônica é, também, responsável pela manutenção de uma das formas. Abaixo, ilustramos esta variável com ocorrências do NORPOFOR:

Manutenção de *nós*:

- [...] *tudo isso eu acho que vai repetir se por acaso **nós** tivermos lá na frente vale a pena mas **nós** tamo tentando* (D2 04, grifo nosso)

Manutenção de *a gente*

- [...] *e principalmente perguntar se:: porque às vezes **a gente** acha que... o que **a gente** tá vendo é certo... e nem sempre é o certo de Deus né?* (D2 15, grifo nosso)

Quebra de paralelismo

[...] *porque **nós** somos lá de Mossoró dá pra **gente** brincar* (D2 35, grifo nosso)

f) *Tipo de verbo*

Tomando como referencia o estudo de Tamanine (2002), objetivamos verificar a influência dos verbos *dicendi*, epistêmico, de ação e de estado no condicionamento das formas pronominais *nós* e *a gente*. Procuramos aqui analisar se esses verbos, na nossa amostra, possuem as mesmas tendência verificadas no trabalho da autora: os verbos *dicendi* condicionam o uso de *nós*, enquanto os verbos de estado facilitam a utilização de *a gente*. Além disso, na nossa pesquisa, foram acrescentadas outras categorias: Verbo Ter e Oração sem verbo. Vejamos como ficou organizada essa variável:

- Verbos *dicendi*: referem-se ao dizer. Esses verbos incluem, entre outros: dizer, falar, contar, responder, explicar, conversar, perguntar, entre outros. Ilustrando:

como a gente falou daquela bê erre que alargou... que é caminho para as praias (D2 77)

- *não é como é como a gente diz?* (D2 14)

Verbos epistêmicos - são aqueles que representam atividade mental: pensar, saber, imaginar, conhecer, entre outros, como mostra a ilustração:- *primeiro a gente se conheceu no Orkut* (D2 157)

- *a gente não sabia bem dizer nada aqui* (D2 154)

Verbos de estado: são aqueles que representam inércia: estar, ser, ficar, continuar, entre outros. Vejamos a seguinte ilustração:

- *ele caiu e morreu né mas isso a gente tá no mundo hoje em dia...* (D2 152)

- *papaizinho arranja tanto dinheiro que a gente fica é bestinha* (D2 152)

Verbos de ação: são aqueles que representam ação expressa pelo sujeito ou que representam fenômeno da natureza e, no geral, são bastante numerosos. Segue uma ilustração:

- *a gente vai aqui pro hospital infantil* (D2 152)
- *nós andava era com uma ruma de saco na cabeça comendo as coisa as farinha* (D2 93).

Verbos ter: compostos pelo verbo ter em todas as suas realizações, como em:

- *nós temos ponto em comum* (D2 74)
- *que daquela vez a gente não tinha conhecidos* (D2 51)

Sem verbo: quando o segmento, que contém pronome, não apresenta verbo. Vejamos a ilustração abaixo:

- *nós o pessoal pobre assim de fora do mato* (D2 106)
- *a gente e:: além das despesas né?* (D2 155)

g) Estrutura do verbo

Assim como Zilles, Maya e Silva (2000), controlamos a variável estrutura verbal. Consideramos importante testar essa variável por acreditarmos que os verbos simples favorecem a ocorrência da forma pronominal inovadora – *a gente* – no falar popular de Fortaleza. Dessa forma, analisamos os seguintes fatores:

Verbo simples:

- *nós era criança... menininha já grandinha, aí a mamãe me inscrever pra mim cantar* (D2 93)
- *gente às vezes reclamava da areia mas até ficou melhor* (D2 93)

Verbo Composto:

- *ora nós não tinha levado o som pra curtir lá* (D2 35)
- *a gente tem que ter fé* (D2 153)

Locução Verbal

- *nós conseguimos controlar eles* (D2 60)
- *a gente quer controlar e eles não deixa* (D2 99)

Sem verbo

- *uma dica sobre nós suas mulheres quase perfeitas* (D2 157)
- *a gente naqueles barraquinho* (D2 93)

h) *Posição do sujeito em relação ao verbo*

Assim como afirma Guimarães (2014, p. 112), “os pronomes, de modo geral, tendem a ficar antes do verbo”. Porém, com a audição dos inquéritos, percebemos que, por diversas vezes, os pronomes aqui analisados aparecem após o verbo. Por conta disso, decidimos que seria importante controlar essa variável e verificar se a posição do sujeito em relação ao verbo favorece a utilização de uma ou outra forma pronominal, assim como fizeram Zilles, Maya e Silva (2000), quando pesquisaram os mesmos pronomes. Assim dividimos os fatores da seguinte maneira:

Antes do verbo

- *a gente fez mais por causa do modismo né?* (D2 74)
- *nós tinha uma praia muito bonita aqui em Caucaia* (D2 71)

Depois do verbo

- *reação desta gripe tá deixando a gente MOle* (D2 71)
- *assunto aqui é nós dois né?* (D2 141)

Sem verbo

- *nós o pessoal pobre assim de fora do mato* (D2 106)
- *jeitão aqui meio mole aqui né? a gente meio gripado...* (D2 71)

i) *Função sintática*

Ao analisar a literatura disponível sobre o fenômeno estudado, constatamos que a maioria dos trabalhos sobre a variação *nós* e *a gente* levam em consideração somente os pronomes na posição de sujeito, assim como os trabalhos de Fernandes e Gorski (1968), Omena (1978) e Rocha (2009). No entanto, assim como fez Borges (2004) e Brustolin (2009), decidimos por analisar também os pronomes quando desempenham outras funções sintáticas. Logo, controlaremos as seguintes funções sintáticas:

Sujeito

- *nós somos descendentes de invasores* (D2 71)
- *nós tomemos três cerveja né* (D2 35)

Objeto direto

- *Tem que sustentar a gente mesmo* (D2 153)
- *vida ele que servia a gente* (D2 15)

Objeto Indireto

- *dessa vez eu vou tirar só pra NÓS* (D2 160)
- *aí pegou deu/ deu essas casinhas pra nós* (D2 94)

Predicativo do sujeito

- *isso aí é a gente mulher* (D2 101)
- *assunto aqui é nós dois né?* D2 (141)

Adjunto

- *num vai poder passar o dia todo com a gente* (D2 50)
- *bora bichinho mais a gente* (D2 35)

Frase sem verbo

- *o momento que a gente...a gente todos...* (D2 153)
- *mas a gente... o guarda com certeza* (D2 157)

Impossível saber a função sintática

- *mas velha né que essas pessoa é que a gente* (D2 152)
- *aí pronto agente já... esses ônibus e vinha descia por acolá* (D2 93)

j) *Simetria entre os informantes*

O grau de simetria entre os interlocutores se caracteriza pelos fatores sociais (sexo e faixa etária) comuns entre os participantes de uma conversa. Ou seja, se os informantes são do mesmo sexo e mesma faixa etária são considerados simétricos. Se os mesmos possuem sexo e faixa etária distintos são considerados assimétricos. Controlamos essa variável por acreditarmos que ela possa influenciar no uso dos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural. A hipótese inicial é que os informantes simétricos tendem a padronizar o uso de uma das formas em questão,

enquanto os assimétricos não padronizam essa utilização.

Assim, adotaremos, para esta variável, a mesma divisão deste grupo de fatores usada por Guimarães (2014), em que a autora classifica a simetria entre os interlocutores em quatro fatores: muito simétricos (mesma faixa etária e mesmo sexo), totalmente assimétricos (faixa etária e sexo diferentes), parcialmente simétricos (mesmo faixa etária e sexo diferente) e parcialmente assimétricos (idades diferentes e mesmo sexo).

4.6.2.2 Variáveis Extralinguísticas

Faremos o controle das seguintes variáveis: sexo/gênero (masculino/feminino), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, e acima de 50 anos) e escolaridade (0 a 4 anos, 5 a 8 anos, e 9 a 11 anos).

a) Sexo

A variável sexo torna-se relevante nas pesquisas realizadas sobre a variação pronominal *nós* e *a gente*, na medida em que as mulheres tendem a utilizar mais a formação gramaticalmente correta, enquanto os homens favorecem a utilização da forma inovadora, como vemos em Omena (1979, 1986, 1996), Albán e Freitas (1991, 1991a, 1991b), Almeida (1992), Lopes (1993, 1998), Duarte (1995), Menon (1994, 1995, 2003), Tamanine (2002, 2010), entre outros. Por isso, surgiu nosso interesse em controlar o sexo em nossa amostra.

Para Labov (2003), homens e mulheres apresentam comportamento sociolinguístico distinto, no sentido de as mulheres apresentarem uma sensibilidade maior que a apresentada pelo homem no que diz respeito às correções sociais e que, por isso, tendem a optar pelas variantes linguísticas consideradas socialmente prestigiadas.

Labov (1972), em seu estudo nas lojas de Nova Iorque, conclui que as mulheres usam com mais frequência a variante de prestígio e ainda respondem de forma mais radical a teste de reações subjetivas, sendo mais tendenciosas que os homens a estigmatizar a variante não-padrão. Sendo assim a atuação global da mulher se encaixa perfeitamente no princípio sociolinguístico postulado por Labov (2003) de que aqueles que usam mais as formas não padrão no seu discurso casual

serão mais sensíveis a essas formas no discurso dos outros.

No que diz respeito ao uso de *nós* e *a gente*, na fala popular, Omena (1986) mostra que há uma tendência das mulheres em empregar o pronome *nós*, enquanto os homens tendem ao uso de *a gente*. Já na norma culta, Lopes (1993) conclui que as mulheres favorecem mais a regra, enquanto os homens favorecem mais o pronome *nós*. Dessa forma, controlaremos essa variável a partir de dois fatores: masculino e feminino.

b) Escolaridade

É na escola que começamos a ter contato com o universo dos livros, dos textos e das diversas maneiras de comunicação e interação social. Desta forma, é nítido que a escola gera mudanças na fala e na escrita dos usuários, uma vez que, por ser exigida, a escola costuma prestigiar a norma-padrão. Em contrapartida, há uma rejeição pelas possibilidades de variação e tudo aquilo que foge à norma.

Em nossa experiência docente, e considerando o que vimos nas gramáticas e materiais didáticos, o objeto de análise proposto aqui, os pronomes *nós* e *a gente*, não recebe um tratamento sistemático na escola, em nenhum nível de ensino. O que pode acontecer, em alguns casos, é uma abordagem sobre as variações linguísticas que está incluída no conteúdo programático, porém sob uma visão gramaticalizada¹³. Já que não há esse tratamento na escola, outras partições da comunidade se encarregam disso, como é o caso dos grupos sociais, a igreja, as redes sociais e etc.

Assim como ocorre nas pesquisas de Santos (2012), Franceschini (2011), Zilli (2009), Modesto (2006), Loregian-Penkal (2004), Orlandi (2004), Packer (1990), Omena (1979,1986, 1996), Albán e Freitas (1991, 1991a, 1991b), Almeida (1992), Lopes (1993,1998), Duarte (1995), Menon (1994, 1995, 2003), Tamanine (2002, 2010), entre outros, o nível de escolaridade do informante não pode ser desprezado, o que nos fez controlar os seguintes fatores: 0 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos.

c) Faixa Etária

A variável faixa etária é de fundamental importância para observar o comportamento linguístico dos falantes e atestar se o fenômeno aqui estudado se

¹³ Chamamos aqui de gramaticalização o conceito estabelecido por Santos (2008) como o processo pelo qual determinada palavra passa a ser usada como vocábulo gramatical ou como afixo, no curso da evolução de uma língua.

encontra em variação estável ou se mostra indícios de uma mudança em curso no sentido da forma inovadora, a *gente*, estar substituindo o pronome *nós*.

É importante levar em consideração que cada faixa possui um comportamento linguístico diferenciado, já que, no geral, os mais jovens buscam ser mais inovadores e isso é expresso em sua fala. O mesmo ocorre com os falantes mais velhos que, no geral, tendem a usar a forma padrão, o que é explicado por exigências sociais, com o ingresso no mercado de trabalho.

Estudos, como os de Omena (1986) e Lopes (1993), apontam para uma substituição do pronome *nós* por *a gente*, em todas as faixas etárias, porém isso se dá de forma bem mais expressiva entre os mais jovens.

Dessa forma, neste trabalho, buscamos fazer uma análise comparativa das diferentes faixas etárias, assim como fizeram Menon (1994, 1995, 2003) e Tamanine (2002, 2010), no que diz respeito à utilização da forma *nós* ou *a gente*, em tempo aparente, pois o banco de dados analisado aqui considerou as faixas etárias da comunidade de fala de Fortaleza da época de sua constituição (2003 a 2006) como representante da passagem de tempo. Assim, controlamos as seguintes faixas etárias: I (15 a 25 anos), II (26 a 49 anos) e III (de 50 anos em diante).

5 DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

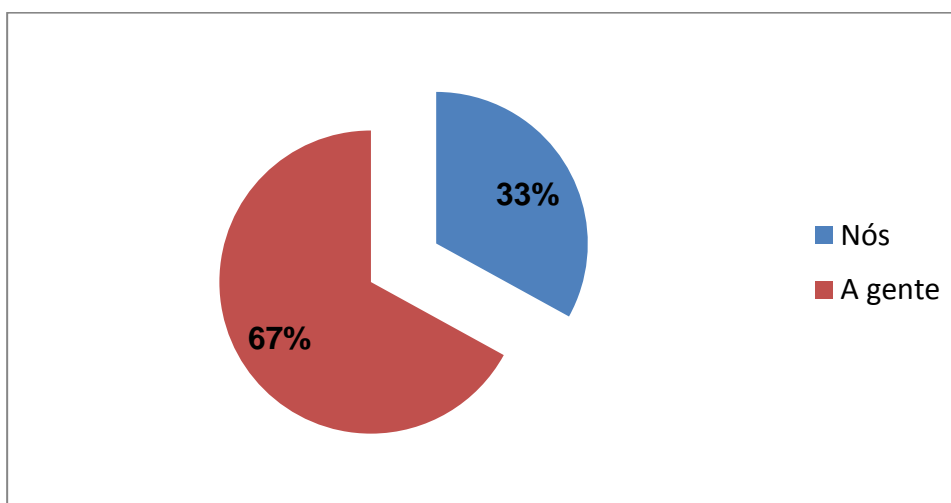
Nesta seção, faremos a apresentação dos resultados, e suas respectivas discussões, obtidos a partir das rodadas realizadas pelo GoldVarb X. Nossos resultados, aqui discutidos, serão analisados a partir dos conceitos teórico-metodológicos abordados anteriormente e, sempre que possível, faremos uma comparação dos nossos resultados com os que encontrarmos em outras pesquisas que também abordaram o fenômeno linguístico aqui estudado.

A seguir, apresentamos uma rodada que nos forneceu uma visão global do fenômeno e, com base nela, realizamos outras mais refinadas, como veremos adiante.

5.1 A GENTE x NÓS EM TODAS AS FUNÇÕES SINTÁTICAS

Nossa amostra apresentou, na rodada realizada com todas as funções sintáticas, um total de 1262 ocorrências da variação pronominal *nós* e *a gente* no falar popular de Fortaleza, de maneira que houve uma presença mais expressiva da forma inovadora – *a gente* – com 846 dados do total, correspondendo a 67% das ocorrências, como ocorre em outras pesquisas- Tamanine (2002, 2010), Seara (2000), Faraco e Moura (2000), Maya e Silva (2000), Zilles (2005) e Brusolin (2009) - enquanto a forma conservadora – *nós* – foi apresentada de maneira menos frequente, com 416 ocorrências, totalizando 33% dos casos, conforme mostra o gráfico 2:

Gráfico 2: Distribuição do uso de *nós* e *a gente* em nossa amostra



Após a primeira rodada, constatamos a presença de nocautes em três grupos. O primeiro foi a **marca morfológica**, onde houve nocaute para os fatores: *a gente + verbo na primeira pessoa do plural* (100% das ocorrências para *a gente*), *nós + primeira pessoa do plural* (100% das ocorrências para *nós*), *a gente + primeira pessoa do singular* (100% das ocorrências para *a gente*) e *nós + primeira pessoa do singular* (com 100% das ocorrências para *a gente*). O segundo foi o **tempo verbal**, em que todas as ocorrências de *presente do subjuntivo* se aplicaram para *a gente*. O último foi o **paralelismo**, pois os fatores *manutenção de nós* e *manutenção de a gente* tiveram 100% das ocorrências para os seus respectivos pronomes.

Diante do ocorrido, retiramos todos os fatores que sofreram nocaute e vimos que os grupos **marca morfológica e paralelismo** apresentaram *singleton group*. Por isso, decidimos eliminá-los da rodada, pois não iriam contribuir para a análise já que, conforme Guy e Zilles (2007), para se fazer uma análise eficiente, é necessário eliminar os fatores que não contribuem para a análise. Com essa rodada, objetivamos analisar os fatores controlados e a sua relevância para a composição de uma análise firme e sólida.

Quanto aos **tempos verbais**, vimos, na tabela 1, que os mais utilizados em nossa amostra foram o *presente do indicativo*, o *pretérito imperfeito* e o *pretérito perfeito*, com um total de 87,4% das ocorrências. Os demais tempos verbais – *futuro do indicativo*, *pretérito imperfeito do subjuntivo*, *futuro do subjuntivo*, *infinitivo*, *imperativo*, *gerúndio* e *sem verbo* – apresentam apenas 12,6% do total de dados. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 166), devemos eliminar ou amalgamar os fatores com poucas ocorrências. Por entendermos que tais fatores mencionados anteriormente apresentam um número baixo de ocorrências, resolvemos excluir esses 7 fatores, pois consideramos que sejam irrelevantes para a análise pretendida.

Tabela 1: Distribuição das ocorrências na variável tempo verbal para *nós* e *a gente*

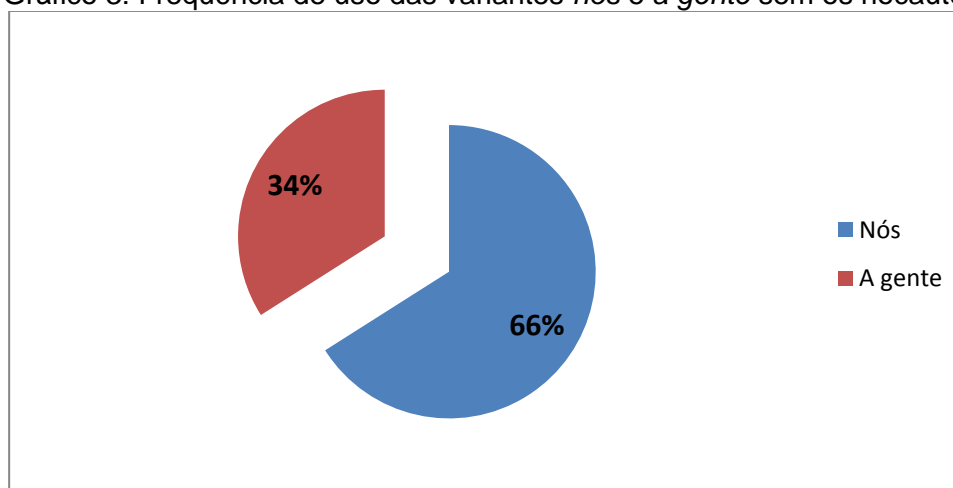
Fatores	Nós	A gente	Total	%
Presente do indicativo	429	225	654	52
Pretérito imperfeito	209	98	307	24.4
Pretérito perfeito	80	59	139	11
Futuro do indicativo	1	5	6	0.5
Pretérito imperfeito do subjuntivo	7	3	10	0.8
Futuro do subjuntivo	18	3	21	1.7
Infinitivo	54	7	61	4.8
Imperativo	1	3	4	0.3

Gerúndio	12	3	15	1.2
Sem verbo	31	10	41	3.3

Após a retirada dos fatores supracitados, houve ocorrência de nocaute no grupo da **função sintática**, no fator *Impossível saber a função*, e outro nocaute no grupo **estrutura verbal**, especificamente no fator denominado *sem verbo*. Mais uma vez, excluímos os nocautes.

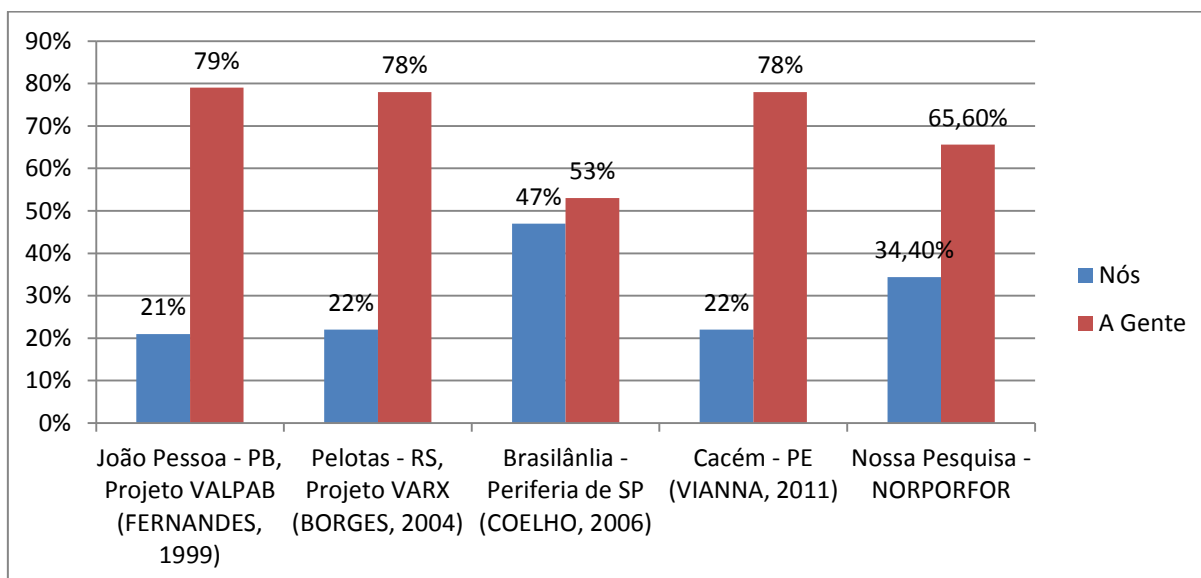
Com a retirada dos fatores nocauteados, restaram-nos 1092 dados na variável dependente. Destes, 716 são da forma pronominal *a gente* (65,6%), e 376 são de *nós* (34,4%), conforme vemos no gráfico 3.

Gráfico 3: Frequência de uso das variantes *nós* e *a gente* sem os nocautes



Com esse resultado, percebemos que a variação pronominal no falar popular de Fortaleza apresenta resultados semelhantes aos de outras pesquisas com outros *corpora*, ou seja, há um favorecimento da forma inovadora para a realização da primeira pessoa do plural, *a gente*, em detrimento da forma conservadora, *nós*, como mostra o gráfico 4.

Gráfico 4: Comparação das frequências de uso para *nós* e *a gente* em estudos variacionistas do português brasileiro



Como vemos, os trabalhos realizados por Fernandes (1999), em João Pessoa, por Borges (2004), em Pelotas, e por Vianna (2011), em Cacém, apresentam basicamente os mesmos resultados, ou seja, o uso bem mais expressivo de *a gente*, enquanto o *nós* é utilizado com baixa frequência. Já o trabalho de Coelho (2006), na periferia de São Paulo, apresentou uma disputa entre as duas formas pronominais, embora, em frequência de uso, o pronome inovador ainda supere o pronome padrão.

Os resultados apontam para o predomínio da forma inovadora, *a gente*, com um alto percentual em quase todas as pesquisas, em oposição a *nós*, que apresenta um baixo nível de ocorrência, se comparada à forma inovadora. É possível verificar um predomínio bem sutil da forma *a gente*, como mostra o gráfico 4, na comunidade de Brasilândia, na periferia de São Paulo, com apenas 53% das ocorrências, distante das demais pesquisas em que essa frequência de uso é muito expressiva. Nosso trabalho aponta para resultados que estão de acordo com outros estudos (FERNANDES, 1999; BORGES, 2004; VIANNA, 2011), em que a forma *a gente*, com 66%, de realização, é bem mais usada que a variante conservadora *nós*.

Após excluirmos os contextos de efeito categórico e os fatores que apresentavam poucos dados, ou seja, aquelas ocorrências que não ultrapassam o percentual de 10%, restaram 1092 dados. Prosseguindo com a análise estatística, verificamos que o GoldVarb X, na melhor rodada, cujo *input* era 0.675, selecionou os seguintes grupos de fatores, nesta ordem: **preenchimento do sujeito, escolaridade, tipo de verbo, função sintática, referência do pronome, simetria entre os interlocutores, posição do pronome em relação ao verbo, faixa-etária e**

tempo verbal. Assim, tivemos dois grupos de fatores considerados irrelevantes nessa rodada: **sexo** e **estrutura do verbo**. A seguir, veremos, uma a uma, cada variável selecionada pelo programa.

a) Preenchimento do sujeito

Assim como nas pesquisas de Lopes (2003), Omena (2003), Fernandes (2004), entre outros, controlamos essa variável por observarmos que o **preenchimento do sujeito** está cada vez mais presente no falar popular de Fortaleza. Vimos, como mostra a tabela 2 que, levando em conta a aplicação de *a gente*, há uma predominância da forma inovadora no que se refere ao *sujeito preenchido*. Além disso, os nossos resultados confirmam os obtidos por Tamanine (2010), em que *o sujeito preenchido* é mais recorrente para *a gente* (96%).

Tabela 2: Atuação da variável preenchimento do sujeito sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Pronome preenchido	711/ 1014	70,1%	0.575
Pronome nulo	5/ 78	6,4%	0.020

Estudos realizados no Brasil que levam em consideração essa variável, como o trabalho de Costa (2003), apontam que o *pronome preenchido* é cada vez mais uma característica da nossa língua. O *pronome preenchido* é franco aliado *da forma a gente* (70.1% e 0,575), o que pode colaborar para a validação da hipótese da mudança no parâmetro do sujeito. Já o *pronome nulo* inibe a aplicação da regra (6,4% e 0,020). Isso ocorre, também, pelas poucas ocorrências da forma *a gente* em pronome nulo, apenas 5. São elas:

- eu acho que [*a gente*] chega rapidinho (D2 99)
- [*a gente*] faz assim como diz Deus (D2 101)
- [*a gente*] resolveu ir:: lá conhecer:... o faroldo (D2 157)
- três horas... [*a gente*] tem que sair mais cedo..(D2 125)

Resultados semelhantes ocorreram na pesquisa de Brusolin (2009), em que o *pronome preenchido* favorece o uso do pronome inovador, enquanto o *pronome nulo* favorece o uso da forma pronominal padrão. Ainda, a autora confirmou sua

hipótese de que o sujeito pode ser *nulo*, caso seja colocada a marca de morfema do verbo na primeira pessoa do plural.

Lembramos que, para nossa pesquisa, sempre que teve ocorrência de *sujeito nulo*, consideramos que não houve a quebra do **paralelismo**. Isso justifica o fato de a maior concentração de *sujeito nulo* estar em ocorrências cuja variável dependente expressa é *nós*, pois consideramos que o verbo que apresenta flexão de primeira pessoa do plural sem o *sujeito preenchido* tem como sujeito elíptico o *nós*. Assim, conforme observamos no exemplo, por o verbo *ser* ter a flexão verbal *-mos*, consideramos que tem como sujeito o *nós*:

- somos lá de Mossoró dá pra gente brincar (D2 35)
- podíamos tomar banho hoje não (D2 77)

Porém, se somarmos o total das ocorrências para *sujeito nulo*, temos um montante de 7,1%, enquanto o *sujeito preenchido* totaliza 92,9% das ocorrências, resultados semelhantes aos da pesquisa de Duarte (1995), segundo a qual postula que os *sujeitos nulos* estão sendo cada vez menos utilizados. Para o autor, os jovens são os que menos utilizam os *sujeitos nulos*, pois a maioria deles utiliza mais frequentemente o pronome *a gente*, que não possui flexão verbal de primeira pessoa, mas sim de terceira. Em outras palavras, nesse contexto não há marca no morfema do verbo que condicione o uso do *sujeito nulo*, e o pronome *a gente* é mais empregado quando o sujeito é *preenchido*.

b) Escolaridade

Várias pesquisas (OMENA, 1996; LOPES, 1996; NASMENTO, 2013; LUCCHESI, 2009) mostram a variável **escolaridade** como relevante. Para o nosso estudo, a **escolaridade** foi selecionada como o segundo fator mais importante. Os resultados obtidos revelam que os *mais escolarizados* tendem a favorecer o uso da forma inovadora *a gente*, mesmo que de maneira não tanto expressiva - com peso relativo de 0,564 - enquanto, nos informantes de *escolaridade baixa* e de *média escolaridade*, notamos um favorecimento para a forma gramaticalmente aceita, *nós*, com peso relativo para a aplicação da forma *a gente* de 0,497 e 0,411, respectivamente, como revela a tabela 3:

Tabela 3: Atuação da escolaridade sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
0 a 4 anos	278 / 396	70,2%	0,497
5 a 8 anos	159/ 283	56,2%	0,411
9 a 11 anos	279/ 413	67,6%	0,564

Obtivemos resultados semelhantes aos de Omena (1996a), quando controlou os fatores primário, colegial e ginásio. A autora indica que as possíveis causas para esses resultados são por:

a) ser, no primário, justamente no 4º ano, que se inicia “o estudo sistemático da conjugação verbal”, daí o favorecimento então da variante nós; b) ser, no colegial, a forma *a gente* sentida quase como gíria. Assim sabendo-se que não é raro adolescentes e universitários usarem mais gírias do que os demais falantes para terem uma maior identificação com o grupo, não se estranha ter-se uma maior tendência ao uso de *a gente* nesta faixa de escolaridade. (OMENA, 1996, p.319)

Além disso, podemos atribuir, aos informantes de escolaridade B (5 a 8 anos), o expressivo uso das duas variantes, quase configurando um empate, por ser nessa época escolar que os alunos estudam as conjugações verbais na língua portuguesa e, por isso, passam a ter um contato mais frequente com o pronome *nós*, já que a variante *a gente* não é tratada formalmente nas escolas e, inclusive, é estigmatizada quando acompanhada do verbo na primeira pessoa do plural. Também, Silva e Paiva (1996) afirmam que os *mais escolarizados*, devido ao ambiente mais juvenil, tendem a utilizar a forma inovadora, pois privilegiam as mudanças com o objetivo de serem socialmente aceitos.

c) Tipo de Verbo

Tabela 4: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
<i>Dicendi</i>	17/ 19	89,5%	0,939
Epistêmico	40/ 53	75,5%	0,600
Ação	485/ 732	66,3%	0,531
Verbo ter	96/ 134	71,6%	0,464
Estado	78/ 154	50,6%	0,280

Conforme Tamanine (2002), o **tipo de verbo** foi a terceira variável selecionada para a forma *a gente*. Como mostra a tabela 4, há alguns verbos que favorecem a regra, como o verbo *dicendi* (0,939), *epistêmico* (0,600) e *de ação*

(0,531), apesar de o último ser muito próximo do ponto neutro. Já os verbos ter (0,464) e os verbos de estado (0,280) atuam de forma a desfavorecer a aplicação desse pronome.

Assim como Tamanine (2002), não tínhamos uma hipótese norteadora sobre a influência dessa variável sobre a utilização das formas pronominais de primeira pessoa do plural. Semelhante ao que ocorreu em nossos dados, a autora obteve resultados que indicaram os *verbos de estado* como os de menor aplicação para o emprego de *a gente* (0,39). Em nossa análise, há desfavorecimento da forma pronominal *a gente* (0,280) quando o verbo é *de estado*.

Constatamos a presença frequente, em nossa amostra, de expressões do tipo “*nós somos*”, ou apenas “*somos...*”. E levando em consideração que as construções do tipo *sujeito nulo + verbo na primeira pessoa do plural* possuem o sujeito *nós*, podemos dizer que essas construções contribuem para o resultado obtido, uma vez que aumentam a frequência da forma conservadora associada a verbos de estado, assim como ilustram as ocorrências:

- *somos lá de Mossoró dá pra gente brincar...* (D2 35)
- *nós somos afetados e as pessoas que são de mais idade* (D2 77)

Além do mais, segundo Tamanine (2002), os *verbos de estado* podem inibir o uso da forma *a gente* por estarem associados à variante conservadora e não à forma inovadora, contribuindo assim para esse favorecimento pelo uso de *nós*. Porém, essa variável mereceria um estudo mais apurado e detalhado em um trabalho exclusivo para o **tipo de verbo**, e, por não dispormos de tempo suficiente para tal, fica o convite a outros pesquisadores para realizar esse trabalho.

d) Função Sintática

Os dados revelam que a maioria absoluta das ocorrências se dá na função de sujeito, embora o seu peso relativo (0,535) se aproxime do ponto neutro na aplicação do pronome *a gente*.

Tabela 5: Atuação da função sintática sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Adjunto	17/ 18	94,4%	0,722
Sujeito	657/ 999	65,8%	0,535
Objeto direto	23/ 31	74,2%	0,225
Predicativo do sujeito	3/ 9	33.3%	0,105

Objeto Indireto	16/ 35	45,7%	0,058
-----------------	--------	-------	-------

As funções sintáticas diferentes do *sujeito* apresentaram um baixo número de ocorrências. No entanto, a função de *adjunto*, embora apresente um reduzido número de dados, favorece, expressivamente, a forma *a gente* (0,722). Já as outras funções sintáticas, a saber, *objeto direto* (0,223), *predicativo do sujeito* (0,105) e *objeto indireto* (0,058), conforme observamos na tabela 5, desfavorecem significativamente a forma inovadora, *a gente*, conforme mostra a tabela 5.

Nossa hipótese inicial era que a forma inovadora *a gente* seria mais recorrente na *função de sujeito*, tendo em vista que essa função é a mais produtiva na realização de *a gente* e que outros estudos demonstram uma mudança em progresso no português brasileiro. Como afirma Omena (1996, p.191), as “divergências na frequência do uso de *a gente* (em oposição a *nós*), com relação à função sintática, refletem os diferentes estágios dessa mudança”. A tabela 5 demonstra que, estatisticamente, a nossa hipótese é confirmada:

A maioria das pesquisas (ALBÁN; FREITAS, 2001; LOPES, 1993; LOPES; 1998; NARO, 1999) analisa a variação pronominal *nós* e *a gente* somente na *função de sujeito*, o que nos impossibilita de comparar nossos resultados aos de outras pesquisas com aqueles obtidos nessa rodada. Porém, há algumas pesquisas que controlaram essa variável, como a de Omena (1998), que analisou as seguintes funções sintáticas: *objeto direto*, *adjunto adverbial*, *adjunto adnominal*, *objeto indireto*, *complemento nominal* e *predicativo do sujeito*. Segundo a autora, as formas *nós* e *a gente* aparecem em maior quantidade na *função de sujeito*, pois é uma característica dos pronomes pessoais, já que, segundo a autora, os pronomes veiculam informações mais antigas que apresentam comumente a *função de sujeito*, enquanto as informações novas condicionam a utilização maior de sintagmas nominais plenos.

Ao realizarmos essa rodada, eliminamos o fator *impossível de saber a função sintática*, que foi categórico na aplicação da regra. Vimos, ainda, que algumas funções sintáticas, *objeto indireto* e *predicativo do sujeito*, favorecem a utilização da forma *nós*, apesar do baixo número de ocorrências. Um aspecto curioso entre essas duas funções sintáticas é que tanto *objeto indireto* quanto *predicativo do sujeito* empregam, em nossas amostras, o pronome posterior ao verbo. Com isso, podemos concluir que, em funções sintáticas de contextos posteriores ao verbo, há um favorecimento da forma *nós*. Porém, isso não explicaria o fato da *função objeto direto* desfavorecer o pronome *nós*, já que essa função emprega o pronome posterior ao

verbo e somente um estudo mais detalhado apresentaria a resposta para essa questão.

e) Referência *nós/ a gente*

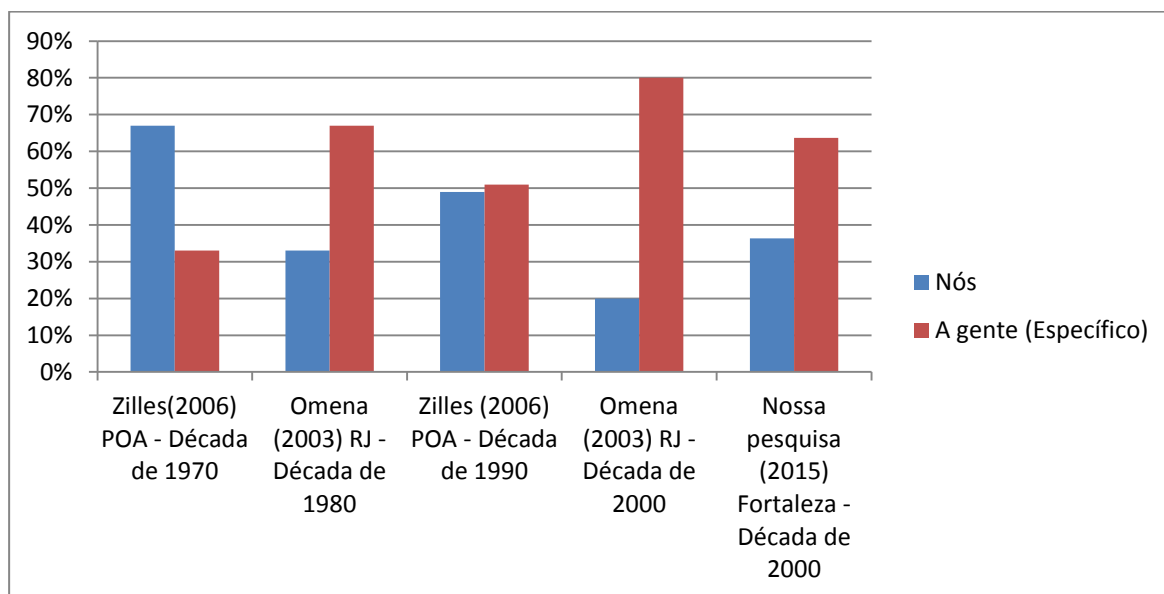
Tabela 6: Atuação do tipo de referente sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Genérica	167/ 230	72,6%	0,656
Específica	549/ 862	63,7%	0,457

Outra variável eleita como relevante foi a **referência *nós/ a gente***, que expressa as formas como os pronomes são utilizados, ou seja, se for *genérico*, refere-se a segunda pessoa para dar um sentido mais amplo, de qualquer um; enquanto, se for *específico*, diz respeito ao interlocutor. Assim, constatamos que, apesar de o número expressivo de ocorrências de *a gente* no contexto *específico*, esse fator inibe a aplicação da regra (0,457). Já o pronome na *referência genérica*, embora apresente um número mais contido de ocorrências, privilegia a aplicação de *a gente* (0,656), conforme expressa a tabela 6. Esses resultados confirmam os obtidos por Menon (1994), Omena (1998), Lopes (1998), Seara (2000), Tamanine (2002) e Borges (2004), pois, em todos estes estudos, a forma pronominal inovadora, *a gente*, se destacou, quando a referência do pronome foi *genérica*.

Verificamos que, quando o referente é *específico*, o pronome *nós* é favorecido, o que confirma a nossa hipótese inicial. Porém, ao analisar alguns trabalhos realizados sobre a variação pronominal *nós* e *a gente*, vimos que os resultados apontam para o fato de que o uso de *a gente* em contextos em que o referente é específico está em aumento, conforme o gráfico 5.

Gráfico 5: Comparação das frequências de uso para *nós* e *a gente* sobre a variável *referência nós/ a gente*, com referente específico



Como vemos, os estudos apontam uma tendência no aumento do uso de *a gente* com *referente específico*. Zilles (2004), ao pesquisar a fala de Porto Alegre na década de 1970, encontrou uma frequência de 33% de uso da forma inovadora com sentido específico e, na década de 1990, esse número passou para 51%. Omena (2003), no Rio de Janeiro, constatou uma frequência de 67% na década de 1980, que passou para 80% em 2000. Nossa pesquisa também nos mostra um número bem significativo do uso da forma inovadora em contextos específicos (63,7%). Esse resultado, portanto, indica um aumento na frequência de uso do pronome *a gente* em sentido específico no português brasileiro.

f) Simetria entre os interlocutores

Tabela 7: Atuação do grau de simetria entre os interlocutores sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Muito simétricos	492/ 697	70,6%	0,549
Parcialmente assimétricos	33/57	57,9%	0,530
Totalmente assimétricos	39/ 79	49,4%	0,439
Parcialmente simétricos	152/ 259	58,7%	0,411

Vale lembrar que a nossa hipótese inicial era a de que os informantes simétricos tenderiam à manutenção de uma forma pronominal, enquanto os assimétricos teriam uma tendência maior a variar. Decidimos realizar o cruzamento entre as variáveis **grau de simetria entre os interlocutores** e **paralelismo**, pois achávamos que esse cruzamento forneceria uma resposta para a nossa hipótese

inicial. No entanto, feito o cruzamento, todos os fatores do novo grupo apresentaram nocaute. Dessa forma, não podemos confirmar nossa hipótese. Porém, podemos concluir, a partir da análise dessa variável, que *interlocutores muito simétricos* (0,549), aqueles que possuem a mesma faixa etária e o mesmo sexo, favorecem, sutilmente, a utilização de *a gente*, bem como os *parcialmente assimétricos* (0,530), que possuem idades diferentes e mesmo sexo. Já os informantes *totalmente assimétricos* (0,439), idades e sexos diferentes, e *parcialmente simétricos* (0,411), mesma faixa etária e sexos diferentes beneficiam o uso da variável gramaticalmente aceita, *nós*.

Como explicação para o resultado mencionado anteriormente, defendemos que o fato de informantes *muito simétricos*, por se sentirem igualmente relevantes na conversa, demonstram uma maior liberdade na expressão, sem preocupação com o policiamento ou em parecer superior ao outro, fazendo com que a possibilidade de utilização da variante inovadora seja maior. Percebemos, ainda, pontos em comum entre os fatores que favorecem o uso da forma *a gente*: em ambos os fatores os informantes possuem o mesmo sexo. Notamos, então, que aqueles que possuem o mesmo sexo sentem-se à vontade o suficiente, para que haja uma espontaneidade maior no uso da forma inovadora.

g) Posição do pronome em relação ao verbo

Tabela 8: Atuação a posição do pronome em relação ao verbo sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Depois do verbo	86/ 122	70,5%	0,761
Antes do verbo	630/ 970	64,9%	0,464

Os dados revelam, conforme a tabela 8, que o pronome *a gente* (0,761) é expressivamente favorecido em contextos em que ele é empregado *depois do verbo*. Esse dado confirma os resultados de Santos (2010, p. 107), ao afirmar que “quando o sujeito aparece depois do verbo, a probabilidade do falante usar a variante não-padrão em vez da padrão é bem maior”.

Constatamos que, em contextos pré-verbais, a aplicação do pronome *a gente* (0,464) é inibido. Isso se dá, provavelmente, pela presença da concordância verbal entre o sujeito *nós* e o *verbo posterior* a ele, já que a posição do sujeito, segundo Costa (1994), é decisiva para a aplicação de concordância entre o verbo e o

pronome. Nas palavras do autor (p.317), “nas estruturas em que o sujeito se encontra posposto ao verbo, detectei, mais frequentemente, a ausência da concordância”.

Decidimos não controlar a variável concordância verbal, mas seria importante um estudo posterior que cruzasse os grupos de fatores **posição do sujeito em relação ao verbo e concordância verbal**, para que os resultados fossem expressos de maneira mais detalhada e, assim, identificássemos a real importância da variável.

h) Faixa etária

Tabela 9: Atuação da faixa etária sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
15 a 25 anos	220/ 282	78%	0,681
26 a 49 anos	196/ 339	57,8%	0,357
A partir de 50 anos	300/ 471	63,7%	0,492

Assim como notaram Menon (1994, 1995, 2003) e Tamanine (2002, 2010), a **faixa etária** se mostrou relevante para a aplicação da regra. Nossa hipótese inicial era que os informantes mais novos favoreciam a utilização da forma inovadora *a gente*, já que, para nós, os mais jovens possuem uma tendência à mudança.

A nossa primeira análise confirmou a nossa hipótese. Como é mostrado na tabela 9, os informantes da *faixa-etária 1* (15 a 25 anos) favorecem a utilização de *a gente* (0,681) em oposição à *nós*. A *faixa intermediária* (26 a 49 anos), bem como a *faixa acima de 50 anos* inibem a forma inovadora, respectivamente, com 0,357 e 0,492, fato que parece indicar que a forma *nós* está cedendo lugar para *a gente*.

Os dados apresentados, a partir do controle dessa variável, nos dá um resultado parecido com o de Omena (1996), que mostra que as faixas etárias mais avançadas apresentam uma menor utilização de *a gente*, enquanto a faixa etária mais jovem revela um forte favorecimento à utilização da forma inovadora. E, assim como Silva e Paiva (199, p.367), o fenômeno da alternância entre as formas *nós* e *a gente* “aponta efetivamente para uma variação envolvendo mudança.”

i) Tempo verbal

Tabela 10: Atuação do tempo verbal sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Pretérito imperfeito do indicativo	207/ 302	68,5	0,541

Presente do indicativo	429/ 651	65,9%	0,507
Pretérito perfeito do indicativo	80/ 139	57,6%	0,382

A última variável selecionada como importante pela ferramenta estatística foi o **tempo verbal**. Com as exclusões dos dados que julgamos pouco relevantes, restaram, para nossa análise, os três tempos verbais, que foram, exatamente, os mesmos considerados relevantes por Duarte (1996) e Loregian (1996). Esses verbos possibilitam uma maior ocorrência da variação, já que ocorrem em entrevistas em que predominam o relato de fatos e experiências do passado, por isso nossa hipótese inicial era que o pretérito imperfeito favoreceria a utilização de *a gente*.

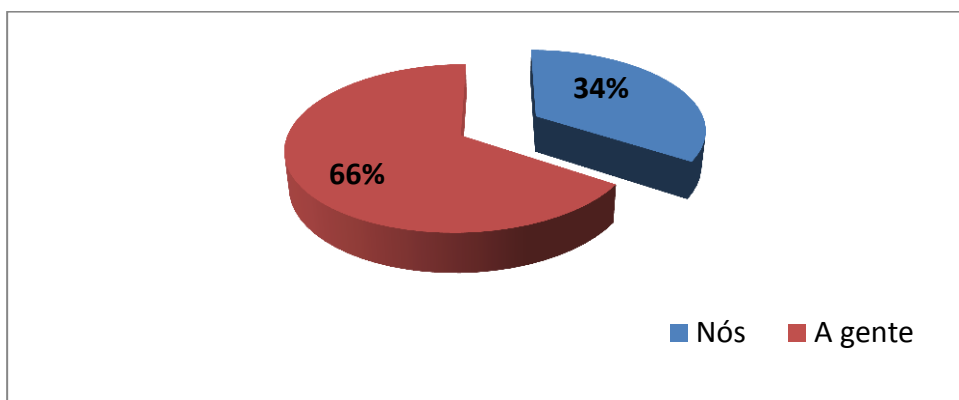
Embora a aplicação do *pretérito imperfeito* sobre o *a gente* tenha se aproximado do ponto de neutralidade (0,541), este fator é o único que favorece a variante *a gente*, o que confirma a nossa hipótese inicial. Outro **tempo verbal** se mostrou neutro em relação à aplicação da regra (0,507), é o caso do *presente do indicativo*. Com isso, podemos concluir que há uma grande disputa na utilização de uma ou de outra forma pronominal, quando o verbo estiver no *presente do indicativo*.

O *pretérito perfeito do indicativo* se apresentou muito favorável à variante padrão *nós* (0,382 para aplicação de *a gente*), resultado parecido com o obtido por Tamanine (2002), em que a utilização de *nós* era favorecida com o *pretérito perfeito* (0.82)

5.2 A GENTE x NÓS SOMENTE NA FUNÇÃO DE SUJEITO

Depois de termos observado o uso predominante das variantes *na função de sujeito*, decidimos realizar uma rodada somente para essa função, com o propósito de analisarmos os fatores responsáveis pelo uso de *a gente* na nossa amostra. Para isso, retiramos desta rodada os fatores correspondentes às outras funções sintáticas. Com isso, restaram 999 dados, sendo que, como mostra o gráfico 6, a forma pronominal *a gente* ainda é bem mais utilizada que o pronome *nós*.

Gráfico 6 - Frequência de uso das variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito



Para esta nova análise, o GoldVarb X selecionou, na melhor rodada, cujo *input* era 0.678, nesta ordem, as variáveis: **preenchimento do sujeito, faixa etária, tipo de verbo, referência nós/ a gente, posição do pronome em relação ao verbo e simetria entre os interlocutores**. Além disso, o programa descartou os seguintes grupos de fatores: **sexo, tempo verbal e estrutura do verbo**.

a) Preenchimento do pronome

Tabela 11: Atuação da variável preenchimento do pronome sobre a variante *a gente* na função de sujeito

Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Pronome preenchido	652/922	70,7%	0,586
Pronome nulo	5/77	6,5%	0,015

A primeira variável selecionada nessa rodada foi o **preenchimento do pronome**. Na tabela 11, o *pronome preenchido* favorece a utilização da forma *a gente* (0,586), enquanto o *pronome nulo* inibe a regra de aplicação (0,015). Isso ocorre pela baixa quantidade de ocorrências – apenas 5 – em que a maioria ocorre com o pronome *nós*. Seguem as ocorrências de pronome nulo para o pronome *a gente*:

- eu acho que [*a gente*] chega rapidinho (D2 99)
- [*a gente*] faz assim como diz Deus (D2 101)
- [*a gente*] resolveu ir... lá conhecer... o faroldo (D2 157)
- três horas... [*a gente*] tem que sair mais cedo...(D2 125)
- [*a gente*] falou tudo pra ele mas é mesmo que nada (D2 99)

Assim como ocorreu na análise anterior, o pronome *a gente* é utilizado, na grande maioria das vezes, quando o sujeito é *preenchido*. Como foi dito anteriormente, na primeira rodada, o número quase inexpressivo de uso da forma *a*

gente se dá por considerarmos que sempre quando houve ocorrência de *sujeito nulo*, não houve quebra de paralelismo, como já explicado na primeira análise.

b) Faixa etária

Tabela 12: Atuação da faixa etária sobre o pronome *a gente* na função de sujeito

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
15 a 25 anos	191/241	79,3%	0,705
26 a 49 anos	185/321	57,6%	0,356
A partir de 50 anos	281/437	64,3%	0,488

A **faixa etária** foi novamente selecionada como relevante e, dessa vez, em segundo lugar no grau de importância. Assim como mostra a tabela 12, os informantes mais jovens – 15 a 25 anos – favorecem o uso da variante *a gente* de maneira bem expressiva, com peso relativo de 0,705, a exemplo do que aconteceu na análise apresentada na seção 5.1.

Notamos que o pronome *a gente* apenas na função de sujeito mostra um aumento na sua aplicação, se compararmos com a análise realizada para todas as funções sintáticas. Já os falantes de *faixa etária intermediária* – 26 a 49 anos – continuam a favorecer expressivamente a forma conservadora *nós* (0,356), bem como aconteceu na rodada inicial (ver seção 5.1). O mesmo aconteceu com os *mais velhos* – a partir de 50 anos – que mostram um leve favorecimento da forma clássica *nós* (0,488 para *a gente*), em oposição à forma *a gente*. Novamente percebemos aqui uma tendência à mudança, pois os falantes mais jovens tendem a usar quase categoricamente a forma *a gente*, enquanto os mais velhos continuam a favorecer a forma gramaticalmente aceita, *nós*, mesmo que seu peso relativo se aproxime do ponto neutro.

c) Tipo de Verbo

Tabela 13: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *a gente* na função de sujeito

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
<i>Dicendi</i>	12/13	92,3%	0,981
Epistêmico	37/50	74%	0,587
Ação	447/676	66,1%	0,516
Verbo <i>ter</i>	92/123	74,8%	0,512
Estado	69/137	50,4%	0,297

Aqui, constatamos uma leve mudança quando consideramos somente a função de sujeito: o verbo *ter*, que antes favorecia a forma *nós*, agora passa a

favorecer a variante *a gente* (0,512). Isso acontece porque eliminamos dados de funções sintáticas em que o pronome naturalmente ocorre em contextos posteriores ao verbo, como o objeto direto e indireto, e pela quantidade de ocorrências em ambientes posteriores ao verbo ser considerada relevante, o número de ocorrências de *nós* caiu bem mais nessa rodada do que a ocorrência de *a gente* – a forma inovadora só perdeu quatro ocorrências quando analisada somente na função de sujeito para o verbo *ter* – e fez com que esse tipo de verbo passasse a favorecer a nova forma.

Os verbos *dicendi* constituem o fator que mais favoreceu o uso de *a gente* (0,981), que se dá pela baixa ocorrência de dados – 13 ao todo – em que 92,3% dos dados foram para o pronome inovador. Seguem as ocorrências de verbo *dicendi* para o pronome *a gente* em nossa amostra:

- como *a gente* falou daquela bê érre que alargou... (D2 77)
- e aí *a gente* diz assim “poxa mas eu não sou nada (D2 15)
- *a gente* não diz que todos/ todos... são bandidos (D2 94)
- eu digo *a gente* que pra morrer é só tá viva (D2 129)
- *a gente* diz assim quando alguém bater (D2 101)
- não é como é como *a gente* diz? (D2 14)
- em um momento de raiva *a gente* diz o que não devia dizer... (D2 157)
- hoje *a gente* diz assim “vai menino no Centro” (D2 93)
- *a gente* dizia tudo pra eles (D2 93)
- ela mal fala com *a gente*... ela é toda antipática... (D2 50)
- é e a D. disse *a gente* pra ir pra crisma dela (D2 50)
- ai *a gente* dizia é fruta com dê... ai ele... danana (D2 50)

Já os outros fatores assemelham-se à análise anterior, ou seja, os verbos *de estado* são os únicos que não favorecem a variante *a gente* (0,296). Os verbos *epistêmicos* (0,587) favorecem a aplicação do pronome *a gente*, assim como os verbos *de ação* (0,516), embora estes últimos beneficiem apenas, timidamente a regra, pois seu peso relativo se aproxima demais do ponto neutro.

d) Referência *nós/a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Genérica	151/195	77,4%	0,727
Específica	506/298	62,9%	0,441

A quarta variável selecionada nessa rodada foi a referência *nós/ a gente*. Na tabela 14, podemos ver resultados que vão ao encontro dos obtidos na primeira análise (5.1), em que a *referência genérica* favorece o uso da variante *a gente* (0,727), enquanto o *sentido específico* inibe a regra (0,441).

Os resultados aqui confirmam novamente a nossa hipótese de que o uso da forma inovadora em contextos genéricos é mais empregada na nossa amostra do que o uso da forma conservadora. Notamos aqui dados muito próximos aos da primeira rodada (ver 5.1), em que controlamos todas as funções sintáticas. Isso se deve ao fato de o número de ocorrências na função de sujeito ser muito mais expressivo, se comparado a qualquer outra função.

e) Posição do pronome em relação ao verbo

Tabela 15: Atuação a posição do pronome em relação ao verbo sobre o pronome *a gente* na função de sujeito

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Depois do verbo	31/35	88,6%	0,825
Antes do verbo	626/964	64,9%	0,486

A variável **posição do pronome em relação ao verbo** obteve resultados bem próximos aos da rodada anterior (ver 5.1). Em número de ocorrências, os pronomes na *posição anterior ao verbo* são usados com mais frequência que em contextos *posteriores ao verbo*. Dessa forma, vemos que os *pronomes usados depois do verbo* favorecem a variante *a gente* (0,825), enquanto, em contextos *anteriores ao verbo*, a regra é desfavorecida (0,486), como mostra a tabela 15.

Essa variável tem uma característica interessante: o fato de influenciar diretamente na função sintática. Com a eliminação das funções sintáticas diferentes das de sujeito, houve uma queda significativa no número de ocorrências, que passou de 122 ocorrências para 35, dos pronomes em *posição posterior ao verbo*. No entanto, essa redução de ocorrências não influenciou nos resultados.

f) Simetria entre os interlocutores

Tabela 16: Atuação do grau de simetria entre os interlocutores sobre o pronome *a gente* na função de sujeito

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Muito simétricos	450/634	71%	0,546
Totalmente assimétricos	33/66	50%	0,508
Parcialmente simétricos	142/245	58,4%	0,412
Parcialmente assimétricos	31/54	57,4%	0,385

O grau de simetria entre os interlocutores foi a última variável selecionada nessa rodada. Conforme vemos na tabela 16, os informantes *totalmente simétricos* (0,546) – mesma faixa etária e mesmo sexo – favorecem o uso de *a gente* e os *totalmente assimétricos* (0,508) – idades e sexos diferentes – comportam-se de forme neutra. Já os informantes *parcialmente simétricos* privilegiam a forma *nós* (0,412), assim como os informantes *parcialmente assimétricos* (0,385).

Embora os resultados da atual rodada sejam muito próximos aos que encontramos na rodada anterior (5.1), verificamos haver uma diferença quando levamos em consideração apenas os pronomes na função de sujeito: na análise com todas as funções sintáticas, os falantes *totalmente assimétricos* favoreciam o uso da forma *nós*, agora, na rodada feita apenas para a função de sujeito, passam a favorecer a forma inovadora *a gente*. Enquanto os participantes *parcialmente assimétricos* favoreciam o uso da regra, agora passam a desfavorecê-la.

5.2.1 A gente x nós somente com os mais jovens (15 a 25 anos) na função de sujeito

Ao analisarmos os fatores selecionados da rodada apresentada na subseção 5.2, vimos que o grupo **faixa etária** foi selecionado e, entre os fatores, os *mais jovens* favorecem significativamente a utilização da variante inovadora, *a gente*. Diante disso, resolvemos fazer uma rodada exclusivamente para os falantes *mais jovens* (15 a 25 anos) para tornar nossa análise mais refinada e identificarmos quais outros fatores condicionam o uso da variante. Com isso, os fatores selecionados por ordem de relevância foram: **simetria entre interlocutores, escolaridade, sexo e tipo de verbo**. Abaixo analisaremos cada um desses fatores.

a) Simetria entre os informantes

O grupo de fatores **simetria entre os informantes** foi o primeiro fator selecionado, o que significa que é o mais importante para a aplicação de *a gente* nessa rodada. Percebemos, então, que essa variável, que, antes, possuía quatro fatores, nessa rodada, passou a ter somente três: *muito simétricos*, *parcialmente simétricos* e *totalmente assimétricos*. A subtração desse fator se deu porque não há, em nossa amostra, ocorrências na função de sujeito com informantes *parcialmente assimétricos*, com idades entre 15 a 25 anos, como mostra a tabela 17.

Tabela 17: Atuação da simetria entre os interlocutores sobre o pronome *a gente* na posição de sujeito entre os mais jovens

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Muito simétricos	178/208	85,6%	0,634
Totalmente assimétricos	6/8	75%	0,188
Parcialmente simétricos	4/22	18,2%	0,011

Os dados apontam, como mostra a tabela 17, que os informantes mais jovens da mesma faixa etária e do mesmo sexo, os *muito simétricos*, favorecem a utilização da forma *a gente* (0,634). Aqui continuamos notando a liberdade expressiva entre os falantes simetricamente parecidos, ou seja, nota-se uma liberdade maior no que diz respeito à expressão quando os informantes são muito simétricos. Vale ressaltar a importância da identidade genérica aqui, pois os falantes do mesmo sexo tendem a se sentir à vontade para utilizar a forma inovadora, o que aconteceu também na primeira rodada (ver 5.1).

No entanto, os informantes *parcialmente simétricos* (aqueles que possuem a mesma faixa etária e sexo diferentes) desfavorecem de maneira quase categórica a utilização de *a gente* (0,011). Nota-se então que a faixa etária não é um fator tão relevante para condicionar a aplicação da regra, já que tanto a sua frequência (18,2%) quanto o seu peso relativo (0,011) são muito baixos. Ainda, confirmamos novamente a importância da identidade genérica entre os informantes mais jovens, pois, informantes que possuem sexos diferentes, tendem a policiar mais a sua fala, favorecendo assim o uso da variante gramaticalmente aceita. O mesmo ocorre com os falantes *totalmente assimétricos* (idades e sexo diferentes), que desfavorecem o uso de *a gente* de forma bem expressiva (0,188). Concluimos, então, que quanto mais assimétricos são os informantes, menos à vontade eles se sentem para aplicar a forma inovadora, *a gente*.

b) Escolaridade

Tabela 18: Atuação da escolaridade sobre o pronome *a gente* na posição de sujeito entre os mais jovens

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
0 a 4 anos	90/104	86,5%	0,548
5 a 8 anos	36/51	70,6%	0,183
9 a 11 anos	62/83	74,7%	0,663

A escolaridade foi selecionada na rodada como o segundo fator mais relevante. Como é mostrado na tabela 18, entre os mais jovens, os menos escolarizados favorecem, discretamente, a utilização de *a gente* (0,548). O que reforça a nossa hipótese de que o fenômeno encontra-se em mudança na língua. Os mais escolarizados, apesar do maior grau de estudo, são grandes aliados da forma inovadora (0,663). Isso nos mostra que, pelo uso frequente da nova forma, ela deixou de ser estigmatizada e se tornou popular até entre os mais escolarizados.

Entre os informantes de escolaridade intermediária, 5 a 8 anos de estudo, observamos que eles apresentam um favorecimento da forma conservadora, *nós*, de maneira bem significativa (0,183). Vale lembrar que os falantes nessa faixa etária correspondem aos alunos de 5ª a 8ª série, e é nessa etapa da vida escolar que os informantes mais tiveram contato com os pronomes abordados pela gramática (*nós*), pois é justamente nessas séries que os alunos mais estudam a conjugação verbal. E, como as gramáticas não utilizam a forma *a gente* como pronome com o qual se conjuga o verbo, os informantes, nessa etapa, têm um contato bem mais frequente com a forma *nós*, fazendo com que o pronome *a gente*, aqui, seja menos utilizado.

c) Sexo

Tabela 19: Atuação do sexo sobre o pronome *a gente* na posição de sujeito entre os mais jovens

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Feminino	73/97	75,3	0,679
Masculino	115/141	81,6	0,374

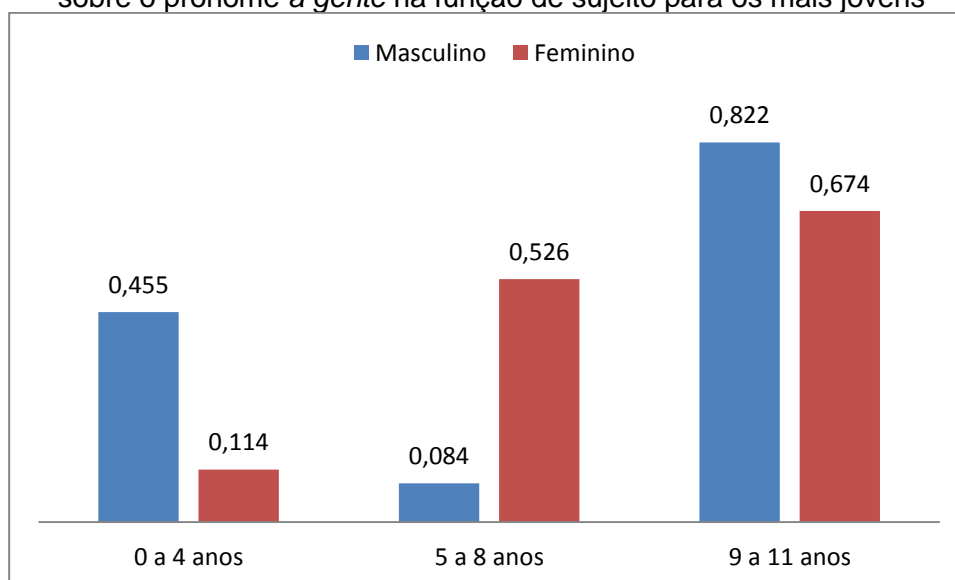
Diferentemente do que aconteceu na primeira rodada (5.1), em que a variável **sexo** foi excluída, nessa rodada ela foi a terceira variável selecionada. Para os *mais jovens*, como mostra a tabela 19, os informantes do sexo *masculino* desfavorecem o uso de *a gente*, com peso relativo de 0,374. Esse resultado confirma os de Naro (1999) e Silva (1994), quando afirmam que os informantes do sexo masculino são mais conservadores e os que mais relutam em usar a forma inovadora *a gente*, em

especial nas idades mais atuantes profissionalmente, no caso, a **faixa etária** aqui analisada.

Já as informantes do sexo *feminino*, mostraram-se favoráveis a utilização da forma inovadora *a gente*, com peso relativo de 0,679. Para Silva e Paiva (1996), as mulheres possuem uma responsabilidade de transmitir as normas de comportamento social e, conseqüentemente, linguístico. Dessa forma, percebe-se que o uso de *a gente* é socialmente aceito e não estigmatizado na nossa amostra, como se pensava.

Como as variáveis **sexo e faixa etária** foram selecionadas para os mais jovens, resolvemos, então, fazer o cruzamento entre as duas para analisar a atuação de ambas sobre a forma *a gente*. Ao realizarmos o cruzamento, verificamos a presença de alguns nocautes. No **tipo de verbo**, as três ocorrências dos verbos *dicendi* foram para *a gente*. A variável **preenchimento do pronome** sofreu nocaute, tendo todas as ocorrências de pronome nulo para *nós*, o que nos levou a excluir o grupo de fatores. O mesmo ocorreu com a **posição em relação ao verbo**, que apresentou nocaute no fator *posterior ao verbo*, em que todas as ocorrências eram de *nós*. Retirados os nocautes, obtivemos os seguintes resultados, conforme nos mostra o gráfico 7:

Gráfico 7: Pesos relativos referentes ao cruzamento entre as variáveis sexo x escolaridade sobre o pronome *a gente* na função de sujeito para os mais jovens



Os homens com escolaridade menor desfavorecem de maneira sutil a regra de aplicação *a gente* (0,455). Já os falantes de escolaridade intermediária, 5 a 8 anos de estudos, favorecem de maneira quase categórica o uso da variante gramaticalmente aceita *nós* (0,084). Isso confirma mais uma vez a nossa hipótese de que os falantes nessa faixa etária utilizam mais o *nós* devido ao estudo da conjugação verbal na

escola. Já os homens com maior escolaridade favorecem significativamente o uso da variável *a gente* (0,822). Isso se dá, possivelmente, por nesse período – correspondente ao ensino médio - os alunos estudarem as variações linguísticas e verificarem o conceito de certo ou errado da expressão oral, dando uma liberdade maior à sua fala, sem policiamentos.

Com as mulheres, verificamos que as informantes que possuem tanto a escolaridade intermediária (5 a 8 anos) quanto às de escolaridade mais elevada (9 a 11 anos), favorecem a utilização da forma *a gente*, com pesos relativos de 0,526 e 0,674, respectivamente. Aqui se confirma novamente que o pronome *a gente* não é estigmatizado, devido ao papel social exercido pela mulher e a frequência de uso da forma inovadora entre elas.

No entanto, as mulheres com o nível de escolaridade menor tendem a utilizar a forma aceita gramaticalmente, *nós*. Isso se dá, possivelmente, pela inserção dessas no mercado de trabalho, em especial para aquelas menos escolarizadas, que buscam se destacar principalmente através da linguagem, por isso, possivelmente, procuram policiar sua fala, para que algum prestígio lhes seja conferido através dela. Porém, para que isso se confirme, seria necessário um estudo que levasse em conta as variantes em diversos ambientes de interação social, como a entrevista de emprego, por exemplo.

d) Tipo de verbo

Tabela 20: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *a gente* na posição de sujeito entre os mais jovens.

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Verbo ter	31/32	96,9%	0,866
Epistêmico	9/11	81,8%	0,608
Estado	31/39	79,5%	0,578
Ação	117/156	75%	0,379

A última variável selecionada nessa rodada foi o *tipo de verbo*. Aqui, não houve ocorrência com verbo *discendi* na posição de sujeito entre os mais jovens, por isso a tabela 20 não expõe esse verbo. Como observamos nesta tabela, os verbos *ter* são grandes condicionadores no uso da forma *a gente*, tanto em frequência (96,9%) quanto em peso relativo (0,866). Os verbos *de estado*, de maneira mais contida, ainda favorecem o uso da forma inovadora (0,578). Além disso, os verbos que representam *atividade mental* também favorecem diretamente a forma *a gente* (81,8% e 0,608). O número reduzido de ocorrências contribui para esse resultado, já

que obtivemos apenas 9 ocorrências para os verbos epistêmicos com o pronome *a gente*. São elas:

- então é muito triste a gente saber ou que no caso das verduras (D2 77)
- a gente sabendo que::... a água tá suja... ninguém vai beber né (D2 153)
- pra ver como a gente pensa tudo errado né (D2 153)
- a gente entende:: essas maneira né (D2 153)
- a gente sabe... o que que vem amanhã (D2 153)
- aqui a gente sabe onde a a gente tem que andar (D2 153)
- tem cada momento na vida da gente... que a gente pensa até em desistir (D2 153)
- mas... a gente pensando positivo (D2 93)
- e principalmente perguntar se:: porque às vezes a gente acha que... (D2 15)

Nessa rodada, três dos quatro fatores que compõem o grupo favoreceram o uso da regra, *a gente*. Vale lembrar que estamos considerando apenas os mais jovens que, conseqüentemente, tendem a utilizar mais a forma *a gente* que a forma *nós*. Isso contribui diretamente para esses resultados.

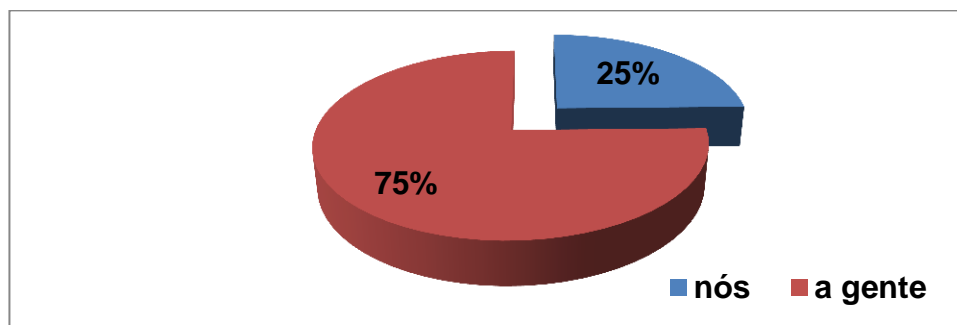
O fator *verbos de ação* (0,379) foi o único que se mostrou desfavorável à regra, mostrando que os informantes mais jovens, quando expressam um *verbo de ação*, tendem a usar a forma gramaticalmente aceita.

5.2.1.1 *A gente* x *nós* somente para as mulheres mais jovens na função de sujeito

Observamos na rodada feita para os mais jovens (ver 5.2.1) que o *sexo/gênero* foi uma das variáveis selecionadas pelo programa e que as mulheres favorecem significativamente a forma pronominal inovadora, *a gente*. Diante disso, resolvemos realizar uma rodada exclusiva para as mulheres dessa faixa etária.

Realizada a rodada, houve nocaute no grupo de fatores **preenchimento do pronome**, no fator *pronome nulo*. Além disso, no grupo **posição do pronome em relação ao verbo**, apareceu *um singleton group*, pois não houve ocorrência de pronomes *depois do verbo* entre as mulheres mais jovens. Sendo assim, excluímos os dois grupos de fatores, **preenchimento do pronome e posição do pronome em relação ao verbo**, para que pudéssemos realizar uma rodada multivariada.

Retirados os nocautes, procedemos com a rodada para as mulheres mais jovens e identificamos que, assim como nas outras rodadas, o *a gente* é usado com bem mais frequência que a forma pronominal padrão *nós*, conforme mostra o gráfico 8:

Gráfico 8: Frequência de *nós* e *a gente* para as mulheres mais jovens.

A melhor rodada selecionada pelo GoldVarb X, run #7, apresentou *input* 0.837. Os grupos de fatores descartados nessa rodada foram: **escolaridade, tipo de verbo, estrutura do verbo, referência nós/a gente e tempo verbal**. No entanto, o único grupo considerado relevante pelo programa foi **a simetria entre os interlocutores**, variável que tem se mostrado muito importante nas rodadas realizadas.

Tabela 21: Atuação da simetria entre interlocutores sobre *a gente* para as mulheres mais jovens

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Muito simétricos	66/70	94,3%	0,763
Totalmente assimétricos	5/7	71,4%	0,327
Parcialmente simétricos	2/20	10%	0,021

Como nos é mostrado na tabela 21, quando os informantes possuem o mesmo sexo e a mesma faixa etária, há um grande favorecimento da regra de aplicação, *a gente* (0,763). Isso porque informantes *muito simétricos* possuem uma liberdade maior para usar a forma inovadora, ou seja, sentem-se mais à vontade para isso. Esse resultado é bem parecido com o da rodada anterior (ver 5.2), em que os informantes *muito simétricos* também favoreciam o uso de *a gente*. Aqui ele aparece de forma bem mais expressiva, pois se trata de uma rodada só para o sexo feminino. Vimos também na rodada anterior que as informantes mulheres tendem a usar mais a forma pronominal *a gente*. Assim, percebemos que o diálogo entre duas mulheres da mesma faixa etária proporciona uma liberdade linguística maior para a expressão da variante inovadora.

No entanto, como mostra a tabela 21, os informantes *parcialmente simétricos* se mostram desfavoráveis ao uso de *a gente* (0,021) de maneira quase categórica. Ou seja, mesmo esses informantes possuindo a mesma faixa etária, possuem sexos diferentes, o que nos permite concluir que a identidade genérica, nesse caso, é mais

importante que a faixa etária, no sentido de dar liberdade para o uso da forma inovadora.

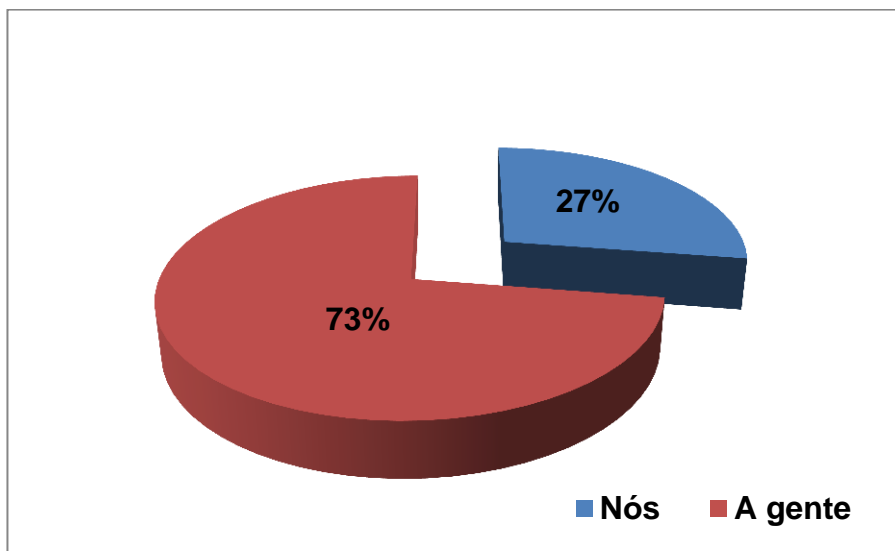
Já os falantes assimétricos, que possuem idades e sexos diferentes, também desfavorecem a forma *a gente* (0,327). Percebemos, ainda, um ponto em comum entre os dois fatores que desfavorecem o pronome *a gente*: em ambos os fatores, os informantes em interação possuem sexo diferente. Isso reafirma a conclusão sobre a importância da identidade de gênero na interação e a influência que essa identidade pode exercer sobre a liberdade de escolha a partir do repertório linguístico no momento da expressão.

5.2.1.2 A gente x nós somente para os mais escolarizados e mais jovens na função de sujeito

Ainda levando em consideração os fatores mais relevantes dos grupos selecionados entre os mais jovens, na seção 5.2.1, vimos que *os mais escolarizados* foi o fator que mais favoreceu o uso da forma inovadora, tanto em frequência quanto em peso relativo. Diante disso, resolvemos realizar uma rodada somente entre os mais escolarizados, 9 a 11 anos de estudo, na faixa etária de 15 a 25 anos.

Nessa rodada, houve um nocaute no grupo **tipo de verbo**, em que todas as ocorrências, entre os mais jovens e mais escolarizados, do *verbo ter*, foram do pronome *a gente*. Retiramos esse fator nocauteado. No entanto, após a retirada dos verbos *ter* surgiu um novo nocaute, dessa vez no grupo **estrutura do verbo**, em que o fator *verbo composto* teve apenas uma ocorrência para o pronome padrão *nós*. Eliminado o nocaute, realizamos a rodada.

Gráfico 9: Frequência de *nós* e *a gente* para os mais escolarizados e mais jovens.



Identificamos, assim como nas rodadas anteriores, que a frequência de uso de *a gente*, continua prevalecendo sobre a forma padrão *nós*, mesmo entre os mais escolarizados. Isso nos mostra que os estigmas referentes ao uso dessas variantes são meramente didáticos, já que os mais escolarizados da nossa amostra utilizam a variante *a gente* com mais frequência.

A melhor rodada selecionada pelo programa – run #9 - tinha *input* 0.865 e apresentava dois grupos de fatores como relevantes, nesta ordem: **referência nós/ a gente** e **simetria entre os interlocutores**. Percebemos que, nesse último grupo, o fator *totalmente assimétrico*, que antes aparecia na análise, aqui não mais aparece. Isso ocorre porque em nossa amostra não houve ocorrência de informantes totalmente assimétricos entre os mais escolarizados. Foram considerados irrelevantes, pelo programa, os seguintes grupos de fatores: **tipo de verbos, estrutura do verbo, sexo/gênero e tempo verbal**.

A seguir, discutimos as variáveis consideradas relevantes pelo programa.

a) Referência *nós/a gente*

Tabela 22: Atuação da referência sobre *a gente* para os mais escolarizados e mais jovens

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Específica	39/46	84,8%	0,706
Genérica	14/27	51,9%	0,184

A variável *referência nós/a gente* foi a primeira selecionada na rodada feita para os mais escolarizados entre os mais jovens. Diferentemente do que ocorreu nas

rodadas iniciais (5.1 e 5.2), os falantes mais velhos e com maior nível de escolaridade favorecem a utilização da variável *a gente* em contextos de sentido específico (0,706). Esse resultado se distancia dos resultados obtidos por Borges (2004) e Tamanine (2010), em que o uso da variante inovadora é mais favorecido quando usadas no sentido geral.

Isso acontece, possivelmente, pelo fato de o falante ser incluído no pronome ao usá-lo no *sentido específico*, o que nos faz supor que o informante esteja contando um fato vivenciado por ele mesmo, dando uma liberdade maior e um tom menos formal à conversa, deixando-o mais à vontade para o uso da forma pronominal inovadora.

Já o uso da regra de aplicação *a gente* em contextos genéricos, apesar da frequência mediana (51,9%), é expressivamente desfavorecido, com o peso relativo de 0,184. Esse resultado também se distancia dos obtidos em outras rodadas, quando se levava em consideração todas as faixas etárias e escolaridades.

b) Simetria entre os interlocutores

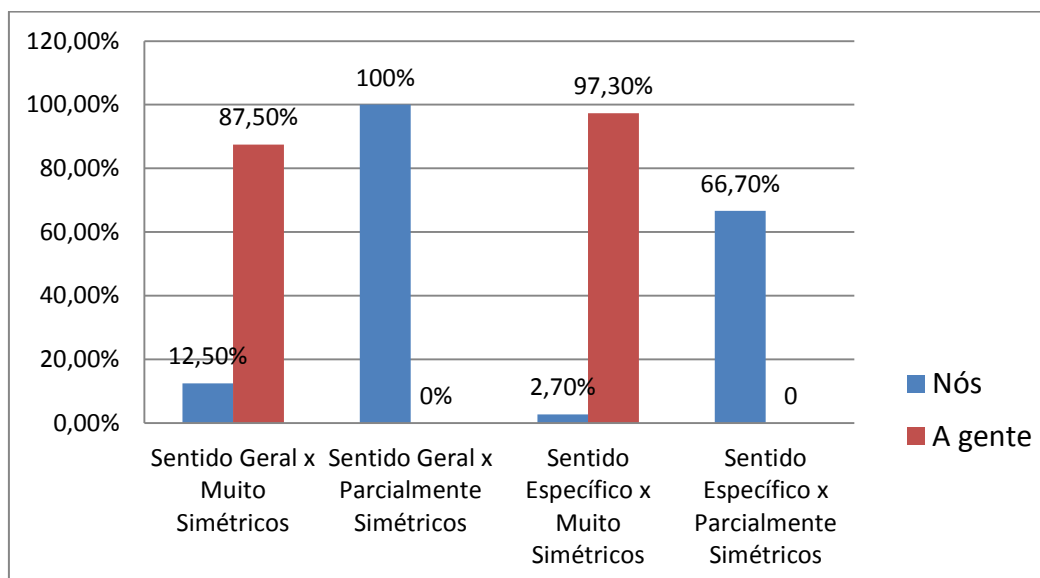
Tabela 23: Atuação da simetria entre os interlocutores sobre a gente para os mais escolarizados mais jovens

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Muito simétricos	50/53	94,3%	0,797
Parcialmente simétricos	3/20	15,5%	0,026

O segundo grupo selecionado nessa rodada foi a **simetria entre os interlocutores**. Esse grupo de fatores tem se mostrado muito relevante em todas as rodadas apresentadas. Como mostra a tabela 23, os resultados são bem próximos dos obtidos nas rodadas anteriores. Os informantes que possuem mesmo sexo e mesma faixa etária, *muito simétricos*, favorecem significativamente a forma *a gente* (0,797). Enquanto os informantes com mesma faixa etária e sexos diferentes, *parcialmente simétricos*, favorecem quase categoricamente a forma pronominal padrão, *nós* (0,026).

Esses resultados, mais uma vez, reafirmam a importância da variável *sexo* na interação entre os informantes. Para confirmar esses resultados e ver novamente a importância da identidade genérica, resolvemos fazer o cruzamento dos dois grupos de fatores selecionados nessa rodada.

Gráfico 10: Frequência do cruzamento referência nós/ a gente x simetria entre os mais escolarizados e mais jovens.



Após o cruzamento entre as duas variáveis em questão, houve um nocaute no grupo de fatores **referência nós/a gente**, no fator *sentido genérico* entre os *parcialmente simétricos*, em que categoricamente as ocorrências nesse fator foram para a forma pronominal padrão *nós*. Não procedemos à retirada dos nocautes, pois os resultados que pretendíamos obter já nos foram dados pela frequência de uso, conforme nos mostra o gráfico 10.

Confirmando nossa hipótese, o uso de *a gente*, tanto no *sentido genérico* quanto no sentido específico é bem mais frequente quando os informantes são do mesmo sexo, conforme é exposto no gráfico 8. Constatamos que o uso da variante *a gente* no sentido geral e entre informantes *muito simétricos*, mesmo idade e mesmo sexo, é bem mais frequente (87,5%). O mesmo ocorre com pronomes no *sentido específico* entre os informantes *muito simétricos*, onde a frequência de *a gente* (97,3) é bem maior que a frequência da forma padrão *nós* (2,7%).

Com isso, concluímos que, em um diálogo em que os informantes possuem o mesmo sexo, é bem mais favorável o uso da forma inovadora *a gente*. Enquanto em diálogos em que os informantes possuem sexos diferentes, o uso da forma gramaticalmente aceita, *nós*, é mais frequente.

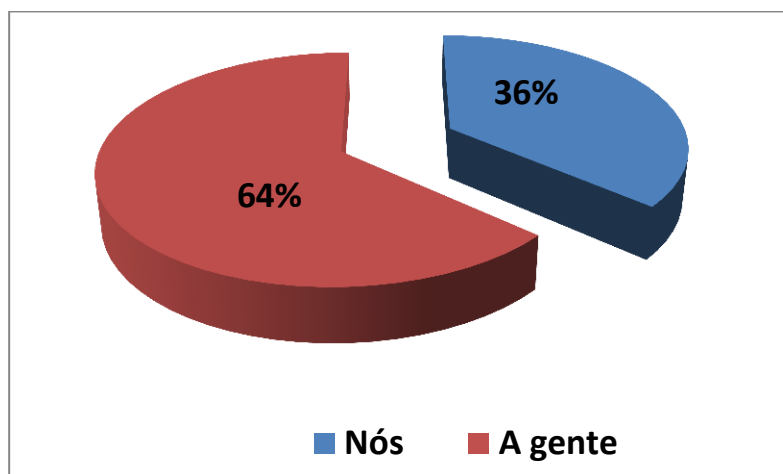
5.2.2 A gente x nós somente para os mais velhos na função de sujeito

Com objetivo de buscar dados que nos respondam à questão sobre uma possível mudança na estrutura pronominal do português no falar popular de Fortaleza, decidimos então realizar uma rodada para os informantes mais velhos.

Com isso, comparamos os resultados com os obtidos nas rodadas para os mais jovens, para tentarmos responder a essa questão.

Após realizarmos a rodada, com o total de 368 dados, percebemos que, até entre os mais velhos, o pronome *a gente* é mais frequente que o *nós*, conforme nos mostra o gráfico 11:

Gráfico 11: Frequência de uso dos pronomes *nós* e *a gente* pelos mais velhos



Assim como acontece com os mais jovens, os mais velhos também utilizam mais o pronome *a gente*, com 64% das ocorrências, enquanto a forma padrão *nós* ocorre com bem menos frequência, com 36% das ocorrências.

A melhor rodada selecionada pelo programa GoldVarb X foi a run #27, apresentou *input* 0.649 e foram selecionados quatro grupo de fatores considerados relevantes para a aplicação do *gente*, entre os mais velhos. São eles, por ordem de relevância: **escolaridade, referência do pronome, tipo de verbo e preenchimento do pronome**. Além disso, foram excluídos pelo GoldVarb X três grupos de fatores: **estrutura do verbo, tempo verbal e posição do pronome em relação ao verbo**.

A seguir, discutiremos, uma a uma, as variáveis selecionadas como relevantes pelo programa.

a) Escolaridade

Confirmando os resultados obtidos nas rodadas anteriores, os falantes mais escolarizados tendem a usar mais a forma inovadora *a gente* (0,717), até mesmo entre os mais velhos. Isso é mais uma prova de que a forma pronominal *a gente* não possui uma marca de estigma social como se pensava. O mesmo ocorre entre os menos escolarizados que, apesar de seu peso relativo ser muito próximo ao ponto

neutro (0,516), ainda existe um sutil favorecimento de *a gente* entre os mais velhos, como vemos na tabela 24.

Tabela 24: Atuação da escolaridade sobre o pronome *a gente* para os mais velhos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
0 a 4 anos	88/128	68,8%	0,516
5 a 8 anos	53/120	44,2%	0,270
9 a 11 anos	93/120	77,5%	0,717

No entanto, assim como aconteceu com Omena (1996), os informantes de nível escolar intermediário desfavorecem taxativamente o uso da forma pronominal padrão *a gente* (0,270). O mesmo aconteceu nas rodadas anteriores. Isso confirmaria nossa hipótese de que os falantes com essa escolaridade utilizam mais a forma padrão por conta do estudo sistemático da conjugação verbal, mesmo entre os mais velhos.

b) Referência *nós/ a gente*

Tabela 25: Atuação da referência *nós/agente* sobre o pronome *a gente* para os mais velhos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Genérica	40/56	71,4%	0,654
Específica	194/312	62,2%	0,471

Diferentemente do que aconteceu com os mais jovens (5.1), constatamos, conforme mostra a tabela 25, que, entre os mais velhos, o uso de *a gente* (0,654), na forma genérica, é favorecido. Esses resultados vão ao encontro dos obtidos nas pesquisas de Menon (1994), Omena (1998) e Seara (2000), pois, nesses trabalhos, o *a gente* predomina sobre o *nós*, quando usado em seu sentido genérico.

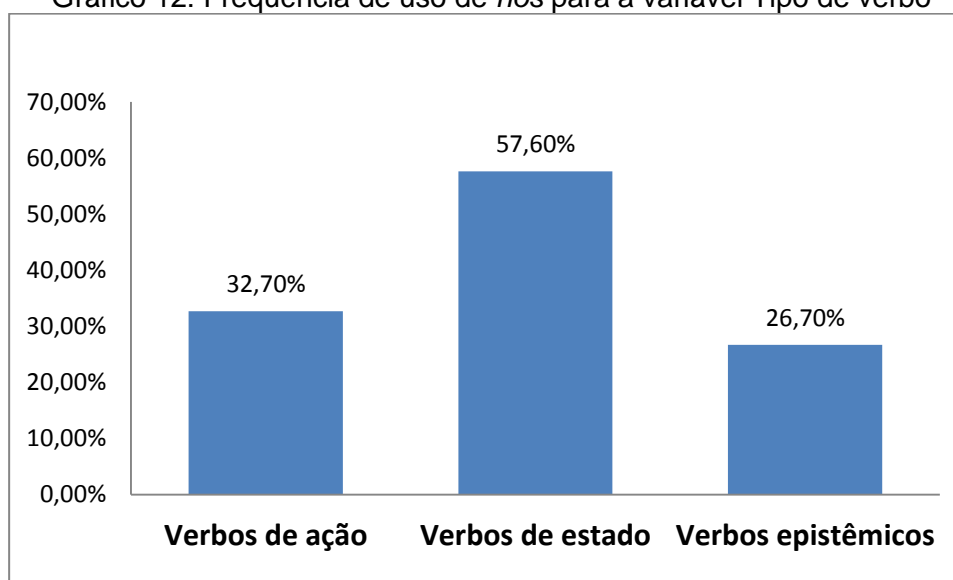
Já no uso em contextos específicos, assim como mostram os resultados de Borges (2004), a forma é favorecida (0,471) sobre a regra de aplicação *a gente*. Esses resultados obtidos são semelhantes aos obtidos na rodada inicial (seção 5.1), em que o *a gente* é mostrado como favorecido em ambientes genéricos, enquanto o *nós* aparece como favorecido em contextos específicos.

c) Tipo de verbo

Tabela 26: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *a gente* para os mais velhos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Verbos de ação	189/281	67,3%	0,551
Verbos epistêmicos	22/30	73,3%	0,516
Verbos de estado	23/57	40,4%	0,260

Na rodada para os mais velhos, o *tipo de verbo* foi a terceira variável selecionada pelo programa. Assim como ocorreu nas rodadas anteriores, os *verbos de ação* (0,551), bem como os *epistêmicos* (0,516), favorecem o uso da forma inovadora. Esse favorecimento também é resultado da baixa frequência de uso da forma *nós* para esses verbos, conforme mostra o gráfico 12:

Gráfico 12: Frequência de uso de *nós* para a variável Tipo de verbo

No entanto, a forma pronominal *nós* é favorecida quando empregada junto a *verbos de estado* (0,260), assim como mostra a tabela 26. Não se pode desprezar a frequência de uso do *nós*, já que, entre os verbos controlados, os *verbos de estado* são bem mais frequentes com o uso da forma padrão, conforme constatamos no gráfico 12. Essa frequência do uso de *nós* com *verbos de estado* pode ser relacionada, conforme afirma Tamanine (2002), com verbos flexionados com *-mos*, pois estes verbos podem inibir o uso do pronome inovador, *a gente*.

d) Preenchimento do pronome

A última variável selecionado para a rodada entre os mais velhos foi o **preenchimento do pronome**. Assim como nos mostra a tabela 27, os resultados

obtidos nessa rodada foram praticamente iguais aos resultados obtidos para a mesma variável na rodada inicial (subseção 5.1). O sujeito preenchido favorece o uso do pronome *a gente* (0,587). Já o pronome nulo favorece quase que categoricamente o uso da variante padrão *nós* (0,030).

Tabela 27: Atuação do preenchimento do pronome *a gente* para os mais velhos

Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Pronome Preenchido	231/332	69,2%	0,587
Pronome Nulo	3/31	8,8%	0,030

Esse resultado confirma nossa hipótese de que se a marca está colocada no morfema verbal, o pronome tem maior probabilidade de ser nulo. Ou seja, provavelmente o pronome *nós* se apresentou acompanhado do sujeito nulo com mais frequência pelo fato de este vir acompanhado de verbo na primeira pessoa do plural.

5.2.2.1 A gente x nós somente para os mais escolarizados e os mais velhos na função de sujeito

A primeira variável considerada relevante na rodada para os mais velhos foi a **escolaridade**. Percebemos, então, que entre os mais velhos, os mais escolarizados tendem a usar mais a forma pronominal *a gente* do que a forma padrão, *nós*. Com o objetivo de refinar ainda mais nossos resultados, decidimos realizar uma rodada somente para os mais escolarizados dentre os mais velhos.

Feita a rodada, verificamos que, no grupo de fator **posição do pronome em relação ao verbo**, não houve ocorrência de pronomes empregados após o verbo, o que fez surgir um *singleton group*. Além disso, no grupo **simetria entre os informantes**, houve um nocaute para os *informantes parcialmente simétricos*, em que as cinco ocorrências desse fator foram para o pronome *a gente*. Retiramos o *singleton group* e o nocaute para prosseguirmos na rodada.

Assim, o programa selecionou *run #19* na melhor análise, cujo *input* foi de 0,816 e as seguintes variáveis relevantes, nesta ordem de significância: **sexo, preenchimento do sujeito e simetria entre os informantes**. Os grupos de fatores excluídos na rodada foram: **estrutura do verbo, referência nós/a gente, tipo de verbo e tempo verbal**.

A seguir, analisaremos cada uma das variáveis selecionadas para os mais escolarizados entres os mais jovens.

a) Sexo

Tabela 28: Atuação do sexo sobre o pronome *a gente* para os mais velhos e mais escolarizados

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Feminino	67/81	82,7%	0,633
Masculino	21/34	61%	0,214

A primeira variável selecionada para a rodada foi o **sexo**. Assim como aconteceu na rodada para os mais jovens (ver subseção 5.2.1), os resultados demonstram, como se vê na tabela 28, que as mulheres mais velhas favorecem bem mais o uso do pronome inovador *a gente* (0,633), assim como ocorreu nos estudos de Lopes (1993) e Silva (2004).

Já os homens mais velhos, também, como vimos na rodada com os mais jovens (ver subseção 5.2.1), desfavorecem expressivamente a forma *a gente*, assim como nas pesquisas de Omena (2003) e Lopes (1999). Observando as rodadas anteriores (seção 5.2), vemos que tanto os mais jovens quanto os mais velhos tendem a favorecer o pronome *a gente*. Nas rodadas refinadas (ver subseções 5.2.1 e 5.2.2), notamos que, tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos, as mulheres favorecem a forma inovadora. Ainda, observamos que a soma das ocorrências dos informantes do sexo feminino é maior que a soma das ocorrências dos informantes do sexo masculino nas duas faixas etárias. Isso, provavelmente, influenciou o favorecimento do pronome *a gente* nas rodadas iniciais.

b) Preenchimento do pronome

Tabela 29: Atuação do preenchimento do pronome sobre o pronome *a gente* para os mais velhos e mais escolarizados

Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Pronome preenchido	86/101	85,1%	0,618
Pronome nulo	2/14	14,3%	0,030

O **preenchimento do pronome** foi a segunda variável selecionada nessa rodada. De forma muito parecida ao que aconteceu nas últimas análises, verificamos, segundo a tabela 29, que o fator *pronome preenchido* favorece a forma pronominal *a gente* (0,618). Já a forma pronominal padrão, *nós*, aparece favorecida de forma quase categórica em contextos em que o uso do pronome é *nulo*, com exatamente o mesmo peso relativo da rodada anterior (0,030).

c) Simetria entre os informantes

Tabela 30: Atuação da simetria entre os informantes sobre o pronome *a gente* para os mais velhos e mais escolarizados

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Muito simétricos	80/105	76,2%	0,450
Parcialmente simétricos	8/10	80%	0,892

A última variável selecionada na rodada para os mais escolarizados e mais velhos foi a **simetria entre os informantes**, que tem se mostrado muito relevante para esse estudo e que, na maioria das vezes, aponta para uma importância na identidade de gênero. No entanto, diferentemente do que aconteceu nas outras análises (ver 5.1 e 5.2), vimos que a identidade genérica não é fator determinante para o uso do pronome inovador *a gente*, pois os informantes que possuem o mesmo sexo e a mesma faixa etária tendem a aplicar mais a forma pronominal padrão (0,450), como revela a tabela 30..

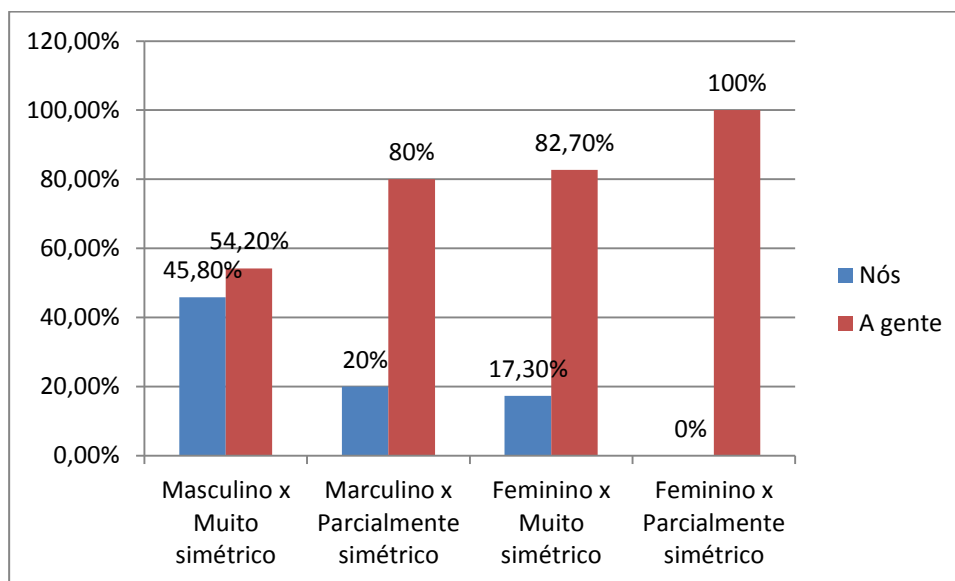
Isso ocorre, possivelmente, pelo fato de que, entre os mais velhos do mesmo sexo, há uma disputa social no sentido de possuir uma fala de prestígio, principalmente na relação discursiva mulher x mulher. Fato que poderá ou não ser confirmado com o cruzamento entre os grupos de fatores **simetria entre os informantes e sexo**.

Porém, quando se trata de informantes *parcialmente simétricos*, ou seja, mesma faixa etária e sexos diferentes, há um favorecimento expressivo do pronome inovador, *a gente* (0,892). Fato que confirma que a identidade de gênero, entre os mais escolarizados e mais velhos, não é tão importante. No entanto, para obter respostas mais concretas, seria bom que se fizesse uma análise mais detalhada sobre o perfil dos informantes que interagem com os mais escolarizados e mais velhos.

Com o intuito de refinar ainda mais a nossa análise e examinar o comportamento dos informantes de ambos os sexos em contextos em que os informantes são simétricos ou não, decidimos realizar o cruzamento entre as duas variáveis selecionadas nessa rodada.

Ao realizarmos o cruzamento, houve nocaute no fator dos informantes do sexo *feminino* e *parcialmente simétricos*, em que as cinco ocorrências se deram para a forma *a gente*, conforme nos mostra o gráfico 13:

Gráfico 13: Cruzamento entre as variáveis simetria entre os informante x sexo



Como é visível no gráfico 13, em todos os casos, o uso da variante *a gente* é mais frequente, se comparado à forma *nós*. No entanto, essa frequência se torna mais expressiva quando se trata de mulheres mais velhas e de maior escolaridade. Além disso, se torna ainda mais expressiva quando se trata de relações *muito simétricas* e, igualmente significativa, quando se trata de relações discursivas *parcialmente simétricas*.

Percebemos uma disputa entre as formas pronominais quando se trata de homens em relações *muito simétricas*, embora exista um favorecimento da forma *a gente* (54,2%) em oposição à forma *nós* (45,8%). A frequência de uso do *a gente* entre os homens se torna muito significativa quando se trata de relações discursivas *parcialmente simétricas*, em que, nesse contexto, o *a gente* aparece com 80% das ocorrências, enquanto o *nós* aparece com apenas 20% delas.

Porém, as mulheres, assim como nas outras rodadas, tendem a favorecer o uso do pronome inovador, em especial em ambientes em que a *simetria é parcial*, pois houve um uso categórico de *a gente* – com 100% das ocorrências – enquanto as mulheres *muito simétricas* apresentaram um percentual, ainda que baixo, de *nós* (17,3%), e em contrapartida uma alta frequência de *a gente* (82,7%).

Em todos os casos, o pronome inovador parece prevalecer sobre o uso da forma clássica, presente nas gramáticas normativas, mesmo entre os mais escolarizados. Isso pode indicar o início de uma mudança no quadro pronominal do português popular da capital cearense.

5.2.3 A gente x nós somente para os mais simétricos na função de sujeito

Ao longo das rodadas estatísticas realizadas no intuito de analisar os fatores condicionadores do fenômeno analisado, constatamos que a **simetria entre os informantes** tem se mostrado muito importante para a regra em estudo, pois foi selecionado em quase todas as rodadas como fator relevante. Além disso, percebemos que, entre os fatores do grupo, os informantes *muito simétricos*, ou seja, mesma faixa etária e mesmo sexo, favorecem muito mais a variante *a gente* do que os outros fatores do grupo. Diante disso, decidimos realizar uma rodada exclusiva para os informantes muito simétricos.

Na tentativa de realizarmos a primeira rodada para os muito simétricos, o programa identificou como a melhor rodada a run #34, com input 0,796 e apontou dois nocautes: um no grupo de fatores **estrutura do verbo**, para o fator *outros*; e um para o grupo de fatores **posição do sujeito em relação ao verbo**, para o fator *após o verbo*. Após retirar os nocautes, foram selecionados seis fatores relevantes: **preenchimento do sujeito, faixa etária, escolaridade, sexo, referência do pronome e estrutura do verbo**. O grupo de fatores **tempo verbal** foi descartado pelo programa.

a) Preenchimento do pronome

Tabela 31: Atuação do preenchimento do pronome sobre o pronome a gente entre os muito simétricos

Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Sujeito Preenchido	365/484	75,4%	0,590
Sujeito Nulo	3/42	6,7%	0,020

O primeiro grupo de fatores selecionado nessa rodada foi o **preenchimento do sujeito**. Notamos, igualmente como aconteceu na rodada inicial (ver subseção 6.1), que o *sujeito preenchido* favorece o uso da variante *a gente* (0,591), segundo a tabela 31. Já o *sujeito nulo* favorece quase categoricamente a forma pronominal padrão nós, com frequência de 6,7% e peso relativo de 0,020. Deve-se levar em consideração que o peso relativo altamente desfavorável para o *a gente*, quando o sujeito é nulo, se deve à baixa quantidade de ocorrências do fator, 42 ocorrências, e também de aplicação da regra, 03 ao todo.

b) Faixa etária

Tabela 32: Atuação da faixa etária sobre o pronome *a gente* entre os muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
15 a 25 anos	148/176	84,1%	0,764
26 a 49 anos	72/121	59,1%	0,555
A partir de 50 anos	148/232	63,8%	0,268

A faixa etária, segundo grupo selecionado, a exemplo do que aconteceu na primeira rodada (ver subseção 6.1), revela que os mais jovens, conforme é exposto na tabela 32, tendem a favorecer o uso do pronome *a gente* (0,764). Esse resultado confirma novamente nossa hipótese de que os mais jovens utilizam mais a forma inovadora.

No entanto, diferentemente do que aconteceu na rodada inicial, aqui os informantes com faixa etária intermediária favorecem, de maneira sutil, a forma inovadora *a gente* (0,555). Novamente, a simetria é fator relevante para o favorecimento ou não da variante *a gente*, em especial para aqueles informantes muito simétricos – mesma faixa etária e mesmo sexo – como os dessa rodada.

Já os informantes mais velhos, em contextos de interação entre informantes muito simétricos, assim como aconteceu na primeira rodada, favorecem a forma padrão, *nós* (0,268). Isso nos dá indicativos, mais uma vez, de uma possível mudança no quadro pronominal no português popular de Fortaleza, já que gradativamente os informantes mais jovens passam a utilizar mais a forma *a gente*.

c) Escolaridade

Tabela 33: Atuação da escolaridade sobre o pronome *a gente* entre os muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
0 a 4 anos	151/224	67,4%	0,457
5 a 8 anos	83/139	59,7%	0,283
9 a 11 anos	134/166	80,7%	0,734

Diferentemente do que aconteceu nas rodadas anteriores, em que o primeiro nível de escolaridade favorecia a variante *a gente*, entre os informantes muito simétricos, ela passa a favorecer a forma padrão, *nós* (0,457), conforme nos mostra a tabela 33. Esse resultado nos fez analisar criteriosamente o *stepping up* da rodada para entendê-la melhor e vimos que, em todas as rodadas, para os menos escolarizados, o pronome *a gente* é desfavorecido, independentemente do grupo de fatores adicionado.

Para os de escolaridade intermediária, confirmando os resultados de Omena (1996) e assim como aconteceu nas rodadas passadas deste trabalho, o *a gente* (0,283) é desfavorecido.

Ainda de acordo com as outras rodadas, observamos que, entre os mais escolarizados, a chance de ocorrer o uso da forma inovadora, *a gente* (0,734), é bem maior do que o uso de *nós*. Esse resultado é mais uma prova de que a forma inovadora está adentrando no quadro pronominal do português na comunidade examinada sem marcas de estigma social.

d) Sexo

Tabela 34: Atuação do sexo sobre o pronome *a gente* entre os muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Feminino	214/305	70,2%	0,645
Masculino	154/224	68,8%	0,307

Assim como aconteceu com os mais jovens, entre os informantes muito simétricos, que possuem mesma faixa etária e mesmo sexo, encontramos sempre uma frequência maior do uso da forma inovadora para ambos os sexos. No entanto, o informante do sexo masculino com esse perfil, exatamente como aconteceu na rodada anterior (ver subseção 6.2), e assim como mostra a tabela 34, desfavorece bastante o uso do pronome *a gente* (0,307).

Para tentarmos identificar o motivo de tal desfavorecimento, analisamos cada um dos níveis da rodada. No primeiro nível, notamos que ambos os sexos apresentavam pesos relativos muito próximos do ponto neutro. Na rodada seguinte, com o acréscimo do grupo **faixa etária**, o peso relativo dos homens caiu consideravelmente. Na análise posterior, ao ser acrescentado o grupo da **escolaridade**, o seu peso relativo decresceu ainda mais. Isso acontece, porque os fatores sociais **faixa etária** e **escolaridade** interferem diretamente na aplicação do uso de *a gente*.

No que diz respeito às mulheres muito simétricas, constatamos o inverso do que ocorreu com os homens. Ou seja, com o acréscimo da **faixa etária** e **escolaridade**, a aplicação da forma *a gente* entre as mulheres cresceu, chegando ao total de 0,645.

e) Referência do pronome

Tabela 35: Atuação da referência sobre o pronome *a gente* entre os muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Genérica	71/87	81,6%	0,721
Específica	297/442	67,2%	0,453

A quinta variável selecionada como relevante para uso do *a gente* entre os informantes muito simétricos foi a referência do pronome. Obtendo basicamente os mesmos resultados da primeira rodada (ver 6.1), conforme podemos observar na tabela 35, a forma pronominal *a gente* é favorecida significativamente em contextos de uso genérico (0,721), ou seja, sem determinação do referente.

Os resultados para uso do *a gente* em sentido específico também se mostraram muito próximos aos obtidos na primeira rodada. Aqui, esse fator (0,453) se mostrou desfavorável ao uso da forma inovadora.

f) Estrutura do verbo

Tabela 36: Atuação da estrutura do verbo sobre o pronome *a gente* entre os muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Verbo simples	294/427	68,9%	0,453
Locução verbal	74/102	72,5%	0,678

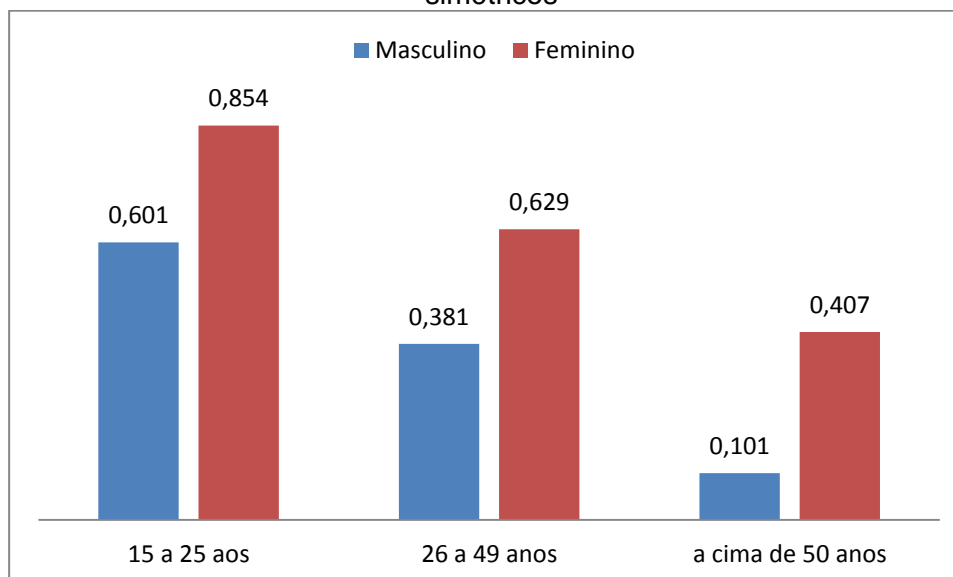
A última variável apontada como relevante para essa rodada foi a **estrutura do verbo**, que, pela primeira vez, é selecionada dentre os fatores controlados, e contrariando nossa hipótese inicial de que os *verbos simples* favoreciam o uso da forma *a gente*, conforme mostra a tabela 36, há um desfavorecimento desse pronome (0,453) entre esses verbos.

No entanto, confirmando os resultados obtidos por Zilles, Maya e Silva (2000), os verbos compostos favorecem o uso da forma inovadora *a gente* (0,678). Isso se dá, possivelmente, pela presença recorrente da marca morfêmica *nós* + verbos da terceira pessoa do plural. Percebemos que a desinência verbal que representa a primeira pessoa do plural –mos condiciona o uso de *nós*. No geral, esses verbos apresentados possuem uma estrutura simples e isso influencia diretamente nos resultados aqui obtidos.

Um possível cruzamento entre as variáveis **estrutura do verbo** x **marca morfêmica** seria útil para obtermos informações mais detalhadas. No entanto, a maneira como a **marca morfêmica** foi controlada em nosso estudo nos impede de realizar esse tipo de cruzamento, pois acarretaria um nocaute em cada um dos fatores.

Para termos uma melhor percepção do fenómeno entre os muito simétricos, fizemos o cruzamento das duas variáveis sociais seleccionadas nessa rodada, sexo e faixa etária. Após realizarmos o cruzamento, obtivemos os dados dispostos no gráfico 14:

Gráfico 14: Pesos relativos referentes ao cruzamento sexo x faixa etária entre os muito simétricos



O gráfico 14 mostra que tanto os homens (0,601) quanto as mulheres (0,854) mais jovens em relações discursivas muito simétricas favorecem o uso do pronome inovador *a gente* (0,601 e 0,854). Assim como nas outras rodadas, a probabilidade de uso de *a gente* entre as mulheres é bem maior que entre os homens, em especial quando se leva em conta somente os informantes muito simétricos. Isso se dá, como já dito anteriormente, pela maior liberdade para o uso de formas inovadoras quando os informantes possuem o mesmo sexo, em especial entre os mais jovens.

Também parecidos com os obtidos das rodadas anteriores (ver subseções 6.1 e 6.2), aqui os resultados nos apontam que os homens de faixa etária média (26 a 49 anos) tendem a usar mais a forma padrão, *nós* (0,381). Já as mulheres dessa mesma **faixa etária**, assim como nas rodadas anteriores, favorecem o uso da forma pronominal, *a gente*.

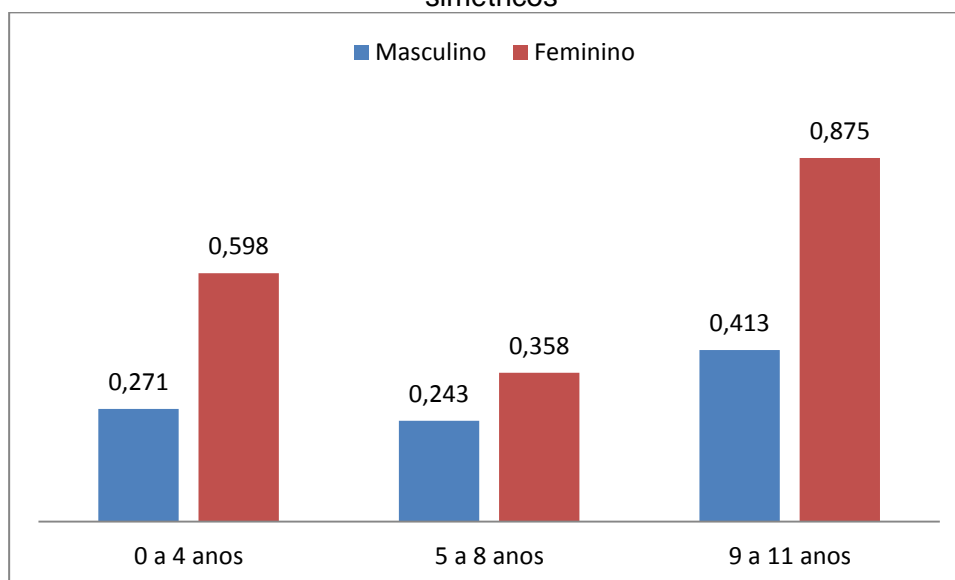
Com os mais velhos (a partir de 50 anos), ocorre o contrário do que acontece com os mais novos. Ou seja, tanto homens quanto mulheres com faixa etária mais elevada tendem a favorecer a forma pronominal padrão, *nós*, com pesos relativos, respectivamente de 0,101 e 0,407. Esses resultados nos dão indicativos reais no sentido de comprovar uma mudança em curso no quadro pronominal, de *nós* para a

gente, uma vez que os mais velhos usam mais a forma nós, enquanto os mais novos preferem o pronome *a gente*.

Notamos, ainda, uma progressão etária entre os informantes para uso da variante: entre os mais jovens, há favorecimento da forma inovadora entre os mais jovens para ambos os sexos; entre os de faixa etária intermediária, há o favorecimento da forma apenas para um dos sexos (mulheres); e, entre os mais velhos, há o desfavorecimento de *a gente* para ambos os sexos. Essa progressão é mais um indicativo de que o fenômeno se encontra em processo de mudança.

Entre os mais simétricos, a **escolaridade** também se apresentou como variável relevante no condicionamento do fenômeno em questão. Por conta disso, resolvemos realizar o cruzamento entre **sexo** e **escolaridade** para obtermos mais informações, conforme observamos no gráfico 15:.

Gráfico 15: Pesos relativos referentes ao cruzamento sexo x escolaridade entre os muito simétricos



Conforme observamos no gráfico 15, em uma relação simétrica de diálogo, os informantes do sexo masculino, de todas as faixas etárias têm maior probabilidade de utilizar a forma pronominal padrão, *nós*, com pesos relativos de 0,271 (menos escolarizados), 0,243 (escolaridade intermediária) e 0,413 (mais escolarizados).

Analisamos cada uma das células para ter um entendimento melhor sobre o resultado. Identificamos, no entanto, que na primeira célula, logo no início da rodada, os homens menos escolarizados favoreciam a forma *a gente*, mesmo que de maneira sutil. No entanto, com a adição do grupo Preenchimento do sujeito, os homens menos escolarizados deixaram de favorecer a forma inovadora. Isso acontece pela

baixa frequência do uso de *a gente* em ambientes em que o pronome não é preenchido, conforme discutimos nas rodadas anteriores.

No que diz respeito às mulheres, assim como nas outras rodadas, as mais escolarizadas favorecem expressivamente o pronome *a gente* (0,875), o que nos dá mais uma prova de que não há estigma sobre o novo pronome. O mesmo acontece entre as mais jovens (0,598), só que de maneira mais amena, conforme observamos na tabela 36. Porém, confirmando nossa hipótese, as mulheres com escolaridade intermediária tendem a favorecer a variante padrão, *nós*.

5.2.3.1 A gente x nós somente para os mais jovens e muito simétricos

A rodada realizada para os muito simétricos revelou que a **faixa etária** foi a primeira variável social selecionada pela ferramenta estatística e que os mais jovens são os que mais favorecem o uso do pronome *a gente*. Diante disso, optamos por realizar uma rodada somente para os mais jovens entre os informantes muito simétricos.

Após realizar a primeira rodada, houve a presença de nocautes em dois grupos de fatores. O primeiro grupo que apresentou nocaute foi o **tipo de verbo**, em que todas as nove ocorrências de *verbos epistêmicos* eram para o pronome *a gente*, o que resolvemos com a exclusão dos nocautes. O segundo grupo que apresentou nocaute foi o **preenchimento do pronome**, em que todas as ocorrências de pronome nulo foram para o *nós*. Para evitarmos o surgimento de um *singleton group*, excluímos essa variável.

A melhor rodada, cujo *input* foi de 0,892, apresentou, como relevantes, os seguintes grupos de fatores, nesta ordem: **sexo, escolaridade e estrutura do verbo**. O programa GoldVarb X descartou as seguintes variáveis: **referência nós/a gente, tipo de verbo e tempo verbal**.

Analisamos, a seguir, os resultados para cada uma das variáveis selecionadas.

a) Sexo

Tabela 37: Atuação da variável sexo sobre o pronome *a gente* entre os mais jovens e muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Masculino	85/110	77,3	0,316

Feminino	54/57	94,7	0,816
----------	-------	------	-------

A primeira variável selecionada entre os mais jovens e muito simétricos foi o *sexo* e encontramos resultados muito próximos ao da rodada anterior (ver subseção 6.3). Conforme observamos na tabela 37, os informantes do sexo masculino tendem a favorecer a forma *nós* (0,316).

Entre as mulheres, nas relações de diálogo entre informantes muito simétricos (mesma faixa etária e mesmo sexo), existe um favorecimento significativo do pronome inovador *nós*, com peso relativo de 0,816, conforme é exposto na tabela 37. Esses resultados confirmam os obtidos nas outras rodadas (ver 5.1 e 5.2)

b) Escolaridade

Tabela 38: Atuação da variável escolaridade sobre o pronome *a gente* entre os mais jovens e muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
0 a 4 anos	62/74	83,8%	0,600
5 a 8 anos	30/43	69,8%	0,187
9 a 11 anos	47/50	94%	0,660

A segunda variável aqui selecionada foi a **escolaridade** e, a exemplo do que aconteceu nas rodadas anteriores, revela que os menos escolarizados (0,600) favorecem a aplicação da variante inovadora, *a gente*. O mesmo ocorre com aqueles informantes mais escolarizados (0,660).

E confirmando mais uma vez nossa hipótese, os informantes muito simétricos e mais jovens com nível de escolaridade intermediário tendem a privilegiar o pronome padrão, *nós*, com peso relativo de 0,187 para a regra de aplicação a *gente*, conforme mostra a tabela 38

c) Estrutura do verbo

Tabela 39: Atuação da variável estrutura do verbo sobre o pronome *a gente* entre os mais jovens e muito simétricos

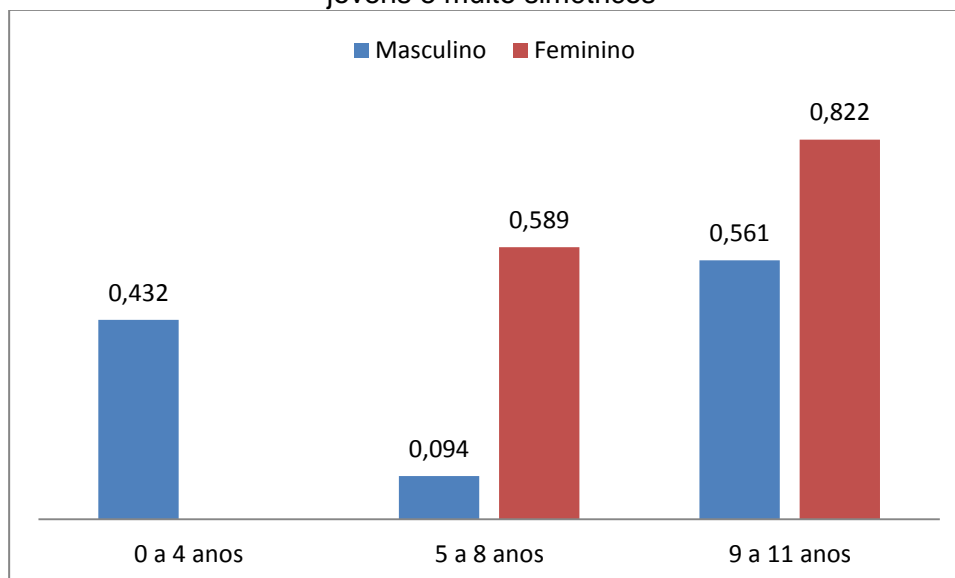
Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Verbo simples	106/132	80,3%	0,426
Locução verbal	33/35	94,3%	0,753

A última variável selecionada nessa rodada foi a **estrutura do verbo**. Conforme vemos na tabela 39, os *verbos simples* favorecem a forma padrão, *nós*

(0,426). No entanto, as *locuções verbais* favorecem fortemente o uso da variante não padrão, *a gente* (0,743).

Esses resultados se aproximam muito dos obtidos na rodada anterior (ver 6.2.3), mostrando que o comportamento dos mais jovens, entre os muito simétricos, é muito parecido com o comportamento geral desse grupo de fatores.

Gráfico 16: Pesos relativos referentes ao cruzamento sexo x escolaridade entre os mais jovens e muito simétricos



Consideremos igualmente importante observar a influência do cruzamento entre o **sexo** e a **escolaridade** sobre o uso do *a gente* somente para os muito simétricos, conforme mostra o gráfico 16.

Entre os menos escolarizados e muito simétricos, percebemos que não houve ocorrência para as mulheres, por isso não há frequências ou pesos relativos no gráfico 16 para este fator. Já entre os homens menos escolarizados, apesar de a frequência de uso ser maior para o pronome inovador, *a gente*, este é desfavorecido (0,432).

Os informantes com escolaridade média, 5 a 8 anos de estudo, apresentam um comportamento diferente sobre o uso da variante. Os homens nesse perfil favorecem quase que categoricamente a forma pronominal padrão, *nós* (0,094), diferentemente do que ocorre com as mulheres (0,589).

Já entre os mais escolarizados, assim como aconteceu nas rodadas anteriores, tanto homens quanto mulheres favorecem a forma pronominal inovadora *a gente*, embora esse favorecimento seja mais forte entre as mulheres (0,822) do que entre os homens (0,560).

5.2.3.2 Só para os mais escolarizados da mesma faixa etária e do mesmo sexo

Entre os muito simétricos, a escolaridade foi o segundo grupo de fatores sociais selecionado na rodada. Vimos, então, que os mais escolarizados favorecem significativamente o uso do pronome *a gente*. Diante disso, resolvemos realizar uma rodada somente para os mais escolarizados dentre os muito simétricos.

Na melhor análise do Godvarb X, que apresentou *input* de 0,904, foram considerados relevantes os seguintes grupos de fatores: **sexo, faixa etária, tempo verbal, tipo de verbo e preenchimento do sujeito**. Os grupos **estrutura do verbo e referência nós/a gente** foram descartados nessa rodada.

Cada um dos grupos de fatores selecionados na rodada serão apresentados separadamente abaixo. Em seguida, realizaremos o cruzamento entre as variáveis sociais selecionadas.

a) Sexo

Tabela 40: Atuação da variável sexo sobre o pronome *a gente* entre os mais escolarizados e muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Masculino	29/42	69%	0,257
Feminino	92/107	86%	0,603

Assim como nos resultados anteriores, conforme é visto na tabela 40, os homens muito simétricos e mais escolarizados desfavorecem o uso da variante inovadora, *a gente* (0,257). Já as mulheres dentro desse mesmo perfil e, a exemplo do que aconteceu em rodadas anteriores, tendem a favorecer o uso do pronome *a gente* (0,603). Assim, constatamos, mais uma vez, a importância da identidade genérica sobre o fenômeno em análise.

b) Faixa etária

Tabela 41: Atuação da variável faixa etária sobre o pronome *a gente* entre os mais escolarizados e muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
15 a 25 anos	47/50	94%	0,797
26 a 49 anos	4/8	50%	0,058
A partir de 50 anos	70/91	76,9%	0,376

A segunda variável selecionada pelo programa estatístico foi a **faixa etária**. Confirmando nossa hipótese, os mais jovens (15 a 25 anos) favorecem

expressivamente o uso da forma inovadora, *a gente* (0,797), conforme mostra a tabela 41.

Os informantes que possuem **faixa etária** intermediária desfavorecem quase que categoricamente o uso do *a gente* (0,058), conforme aconteceu nas rodadas anteriores (ver 6.1 3 6.2).

Entre os mais velhos, muito simétricos e mais escolarizados, assim como aconteceu nas primeiras rodadas (ver subseção 6.1), há uma inibição do uso da forma *a gente* (0,376). Esse resultado é mais um indício de que o fenômeno encontra-se em mudança, da forma *nós* para a forma *a gente*.

c) Tempo verbal

Tabela 42: Atuação da variável tempo verbal sobre o pronome *a gente* entre os mais escolarizados e muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Presente do indicativo	54/73	74%	0,380
Pretérito perfeito do indicativo	37/43	86%	0,346
Pretérito imperfeito do indicativo	30/33	90,9%	0,871

O **tempo verbal** foi a terceira variável aqui selecionada. Conforme observamos, na tabela 42, os *verbos no presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo* desfavorecem o uso do pronome *a gente*, com pesos relativos de 0,380 e de 0,346, respectivamente. Já os verbos no pretérito imperfeito do indicativo favorecem expressivamente o pronome *nós*, com peso relativo de 0,871.

Para Labov (2001), as narrativas de experiências pessoais são ideais em uma coleta de dados, pois o informante conta eventos nos quais participou, dando uma liberdade maior ao uso da língua. E esses relatos são caracterizados por verbos no pretérito imperfeito do indicativo. Motivo pelo qual, provavelmente, esse tipo de verbo favorece o uso do pronome *a gente*, já que, em nossa amostra, há a presença constante de relatos de experiências pessoais.

d) Tipo de verbo

Tabela 43: Atuação da variável tipo de verbo sobre o pronome *a gente* entre os mais escolarizados e muito simétricos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Verbos de ação	107/129	82,9%	0,566
Verbos de estado	14/20	70%	0,153

Assim como aconteceu na rodada exclusiva para os mais velhos, aqui a variável **tipo de verbo** foi selecionada pelo programa, apresentando resultados bem próximos. Conforme vemos na tabela 43, os *verbos de ação* favorecem o uso da forma *a gente* (0,566) de maneira sutil. A disputa entre as variantes ainda ocorre, quando se trata de *verbos de ação*, porém, de maneira menos acentuada, quando levamos em conta somente os informantes mais escolarizados e muito simétricos.

Já os verbos que indicam estado desfavorecem significativamente o uso da forma pronominal *a gente* (0,153). Aqui, seguem as ocorrências dos verbos de estado para o pronome inovador em nossa amostra:

- a gente samo instrutor (D2 35)
- a gente ficava à vontade e hoje você vê né (D2 35)
- que a gente ficava bem à vontade né mas não era tão frequentada (D2 35)
- a gente está... é... nós estamos falando (D2 35)
- a gente é capaz de fazer qualquer coisa né? (D2 153)
- porque é ...a gente é evangélica... (D2 153)
- a gente:: é falho... a gente é pecador (D2 153)
- a gente somos todos nós assim (D2 153)
- a gente tá assim ai a menina começa (D2 153)
- as vezes... a gente tá assim... num lugar assim (D2 153)
- a gente já tá em casa (D2 153)
- é por que a gente somo conhecido lá (D2 93)
- esse negócio de a gente está aQUI quando (D2 160)
- a gente fica assim de vez em quando... (D2 118)

e) Preenchimento do pronome

Tabela 44: Atuação da variável preenchimento do pronome sobre o pronome *a gente* entre os mais escolarizados e muito simétricos

Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Pronome Preenchido	119/137	86,9%	0,592
Pronome Nulo	2/12	16,7%	0,014

Última variável selecionada para esta rodada, o **preenchimento do sujeito** apresentou números muito próximos dos obtidos nas rodadas anteriores, conforme observamos na tabela 44, o *a gente* é favorecido quando o pronome é preenchido (0,592), ao passo que, na presença de pronome nulo, há um desfavorecimento quase categórico da aplicação do *a gente* (0,014). O pronome nulo apresentou

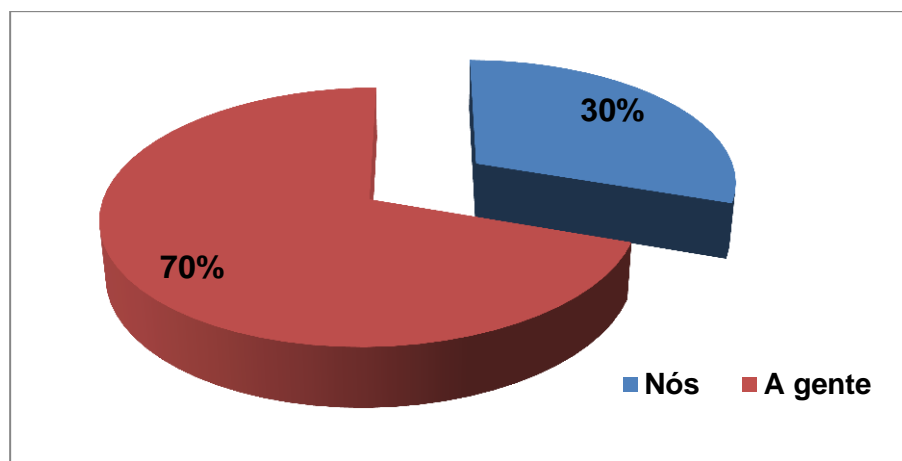
apenas duas ocorrências para a variante *a gente* entre os mais escolarizados e muito simétricos:

- [a gente] resolveu ir:: lá conhecer:... o faroldo (D2 157)
- três horas... [a gente] tem que sair mais cedo... (D2 125)

5.2.3.3 Só para as mulheres muito simétricas

A variável **sexo/gênero** tem se mostrado muito relevante para esse estudo, principalmente para as rodadas mais específicas, com a desta seção. Entre os muito simétricos, ou seja, informantes que possuem a mesma faixa-etária e o mesmo sexo, percebemos que as mulheres favorecem o uso da variante *a gente*. Por conta disso, decidimos realizar uma rodada exclusiva para as mulheres muito simétricas.

Gráfico 17: Frequência de uso de *nós* e *a gente* entre as mulheres muito simétricas



Conforme observamos no gráfico 17, o *a gente* é usado com mais frequência também entre as mulheres muito simétricas, com 203 ocorrências, totalizando 70%. O pronome padrão *nós* ocorre com uma frequência mais baixa, com apenas 88 ocorrências, em um total de 30%.

Assim, na melhor rodada, *run #29*, cujo *input* foi 0.821, foram relevantes as variáveis: **faixa etária**, **escolaridade**, **referência nós/a gente**, **tempo verbal**, **estrutura do verbo** e **preenchimento do sujeito**. Desta forma, nessa rodada, não existiram grupos de fatores excluídos.

a) Faixa etária

Tabela 45: Atuação da variável faixa etária sobre o pronome *a gente* entre as mulheres muito simétricas

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
15 a 25 anos	53/57	94,7%	0,918
26 a 49 anos	23/38	60,5%	0,675
A partir de 50 anos	126/196	64,3%	0,301

Nessa análise, entre todas as variáveis selecionadas, a faixa etária foi considerada a mais relevante. Como vemos na tabela 45, obtivemos um resultado muito próximo aos obtidos nas rodadas anteriores (ver subseções 6.1 e 6.2).

Entre os mais velhos, percebemos que o pronome *a gente* é desfavorecido (0,301). Já os de faixa etária intermediária favorecem o pronome inovador (0,675) e o mesmo ocorre entre os mais jovens, porém de forma bem mais significativa e quase categórica (0,918).

O que percebemos, mais uma vez, é uma progressão nos pesos relativos de uso da forma inovadora *a gente*, em que os mais velho usam mais a forma *nós*, perdendo a probabilidade de uso nas faixas etárias intermediárias e passando a favorecer expressivamente o pronome *a gente* entre os mais jovens. Mais uma vez, encontramos indícios de mudança no quadro pronominal da variedade linguística de Fortaleza.

b) Escolaridade

Tabela 46: Atuação da variável escolaridade sobre o pronome *a gente* entre as mulheres muito simétricas

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
0 a 4 anos	47/80	58,8%	0,405
5 a 8 anos	64/104	61,5%	0,220
9 a 11 anos	92/107	86%	0,820

A segunda variável mais importante para essa rodada foi a **escolaridade**. Também confirmando os resultados das outras rodadas (ver 5.1 e 5.2), notamos que os informantes mais escolarizados, dentro do perfil analisado nessa rodada, favorecem muito o uso da forma inovadora, *a gente* (0,820). Mais uma prova de que a variante não é, de fato, estigmatizada.

Já os informantes de escolaridade intermediária favorecem significativamente a variante padrão, *nós* (0,220) para a regra de aplicação *a gente*. Esse resultado mais uma vez confirma nossa hipótese. E o mesmo ocorre com os informantes menos escolarizados, que desfavorecem o uso do pronome *a gente* (0,405).

c) Referência nós/a gente

Tabela 47: Atuação da variável referência *nós/a gente* sobre o pronome *a gente* entre as mulheres muito simétricas

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Genérica	45/49	91,8%	0,940
Específica	158/242	65,3%	0,364

A terceira variável selecionada para essa rodada foi a **referência nós/a gente**. Confirmando nossa hipótese e sendo fiel aos outros resultados, vemos, na tabela 47, que o uso do pronome *a gente* em contextos de indeterminação é quase categórico (0,940). Já o uso do pronome inovador, *a gente*, em ambientes de determinação, ou seja, quando o pronome possui o *sentido específico*, é desfavorecido (0,364).

d) Tempo Verbal

Tabela 48: Atuação da variável tempo verbal sobre o pronome *a gente* entre as mulheres muito simétricas

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Pret. Imp. do indicativo	66/90	73,3	0,717
Pret. Per. do indicativo	53/71	73,2	0,449
Presente do indicativo	85/130	65,4	0,370

O **tempo verbal** foi a quarta variável selecionada como relevante para essa rodada. Conforme observamos na tabela 48, o *presente do indicativo* continua a desfavorecer o uso do *a gente* (0,370), bem como na rodada anterior.

A exemplo do que ocorreu na análise presente na seção 6.1, os verbos no *pretérito perfeito do indicativo* também favorecem o uso da forma pronominal padrão, *nós* (0,449). No entanto, diferentemente dos outros dois tempos verbais, o *pretérito imperfeito do indicativo* favorece expressivamente o uso da forma pronominal inovadora, *a gente* (0,717), entre as mulheres muito simétricas. Esse resultado vai ao encontro ao obtido nas rodadas passadas (ver seção 5.1 e 5.2).

e) Tipo de verbo

Tabela 49: Atuação da variável tipo de verbo sobre o pronome *a gente* entre as mulheres muito simétricas

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Verbos de ação	181/249	72,7%	0,564

Verbos de estado	22/42	52,4%	0,179
------------------	-------	-------	-------

Nessa rodada, o **tipo de verbo** foi a quinta variável mais importante para o condicionamento do fenômeno aqui estudado e seus resultados se aproximam da rodada para os mais escolarizados, na qual o **tipo de verbo** foi a quarta variável.

Conforme podemos observar na tabela 49, obtivemos resultados que confirmam os obtidos nas rodadas anteriores para o **tipo de verbo**. Assim, os *verbos de ação* favorecem o uso da forma pronominal **a gente** (0,564). Já os *verbos de estado* se mostram desfavoráveis ao uso da variante não padrão (0,179).

f) Estrutura do verbo

Tabela 50: Atuação da variável estrutura do verbo sobre o pronome *a gente* entre as mulheres muito simétricas

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Verbo simples	155/228	68%	0,429
Locução verbal	48/63	76,2%	0,737

Na rodada anterior, a **estrutura do verbo** foi a terceira variável selecionada como importante. Aqui, ela aparece em sétimo lugar em termos de relevância. Embora apareçam em posições distintas quanto à importância, os números obtidos para essa variável nas duas rodadas são muito semelhantes.

Conforme vemos na tabela 50, confirmando os resultados das outras rodadas, os *verbos simples* inibem a realização do pronome *a gente* (0,429). Já as *locuções verbais* favorecem o uso da *regra* (0,737), embora suas ocorrências tenham sido poucas, quando comparadas às dos *verbos simples*.

g) Preenchimento do pronome

Tabela 51: Atuação da variável preenchimento do pronome sobre o pronome *a gente* entre as mulheres muito simétricas

Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Pronome preenchido	200/259	77,2%	0,604
Pronome nulo	3/32	9,4%	0,032

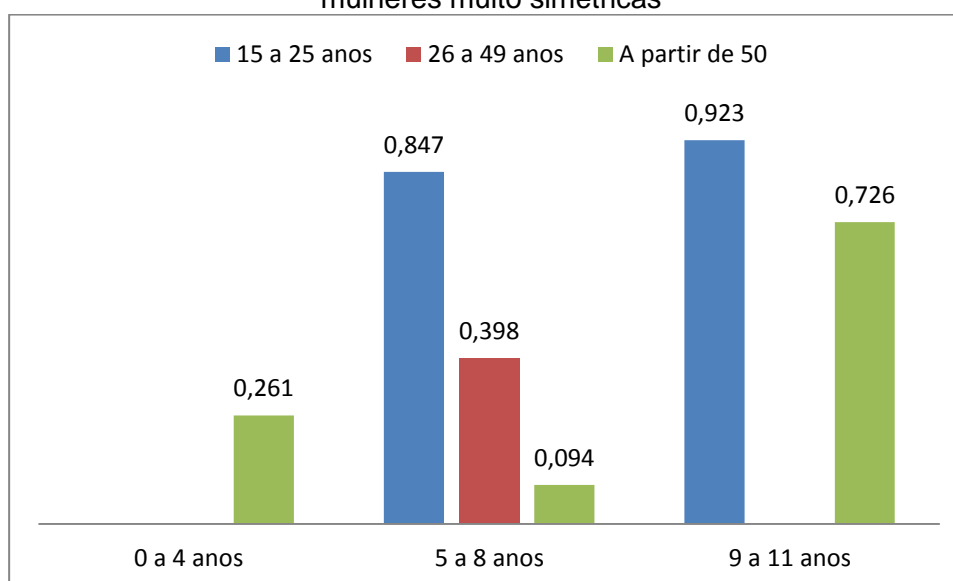
Entre as mulheres muito simétricas, o **preenchimento do pronome** foi a última variável selecionada pela ferramenta estatística e apresenta, também, resultados semelhantes aos obtidos em outras rodadas de nosso estudo (ver seções 6.1 e 6.2).

Conforme observamos na tabela 51, a maioria das ocorrências com o *a gente* é para o *pronome preenchido*, com 200 ocorrências. Em contextos em que o pronome é *preenchido*, há o favorecimento do pronome inovador, *a gente* (0,604). Já quando o pronome for nulo, esse fator é desfavorecido de forma quase categórica (0,032). Esse peso relativo é resultado da baixa ocorrência dos pronomes nulos, em especial o pronome *a gente*, apresentando apenas 3 ocorrências entre as mulheres:

- [a gente] falou tudo pra ele, mas é mesmo que nada (D2 99)
- eu acho que [a gente] chega rapidinho (D2 99)
- [a gente] faz assim como diz Deus (D2 101)

Diante dos resultados, para termos uma visão mais detalhada do fenômeno, resolvemos realizar um cruzamento entre as variáveis faixa etária e escolaridade, conforme observamos no gráfico 18:

Gráfico 18: Pesos relativos referente ao cruzamento faixa etária x escolaridade entre as mulheres muito simétricas



Consideramos essas duas variáveis sociais relevantes para o nosso estudo em todas as rodadas, por isso, resolvemos cruzá-las, para observar o comportamento do fenômeno a partir desse cruzamento.

Percebemos, logo de início, que, entre os informantes muito simétricos, não houve ocorrência dos pronomes aqui estudados para os mais jovens e com faixa etária intermediária com menor escolaridade, conforme observamos no gráfico 18. O mesmo ocorre para os informantes de faixa etária intermediária – 26 a 49 anos – com maior escolaridade.

Conforme constatamos, os mais jovens, independente da escolaridade, favorecem o uso da forma inovadora, *a gente*, com pesos relativos considerados altos. Os mais jovens que, com escolaridade de 5 a 8 anos de estudo, apresentam peso relativo de 0,847 se mostram fortes aliados da variante *a gente*. Já os mais escolarizados da mesma faixa etária se revelam mais fortes ainda no sentido de favorecer a regra, com peso relativo de 0,923.

Os informantes de 26 a 49 anos só apresentaram ocorrências de *nós* e *a gente* para a escolaridade intermediária, conforma podemos ver no gráfico 18. Confirmando os resultados das outras rodadas, os informantes com esse perfil favorecem o uso da variante padrão, *nós*, com peso relativo de 0,398.

Os mais velhos e de escolaridade menor favorecem o uso da forma pronominal padrão, *nós* (0,260). Algo parecido ocorre com os mais velhos de escolaridade intermediária, em que o favorecimento de *nós* é quase categórico (0,094). Esses resultados apontam para uma possível mudança em curso do pronome *nós*, para o *a gente*.

No que diz respeito aos informantes muito simétricos, mais velhos e mais escolarizados, os resultados mostram um favorecimento considerado significativo da forma inovadora *a gente* (0,726). Mais um resultado que indica que a variante não apresenta uma marca de estigma.

5.3 SOMENTE PARA AS OUTRAS FUNÇÕES SINTÁTICAS

Após realizarmos uma análise detalhada da variação pronominal *nós* e *a gente* na função de sujeito, decidimos observar o comportamento desses pronomes nas outras funções sintáticas¹⁴ diferentes da de sujeito. Obtivemos um total de 153 ocorrências para as outras funções sintáticas. Depois de realizarmos a rodada, identificamos a presença de alguns nocautes.

Conforme prevíamos, o grupo de favores **marca morfêmica** apresentou nocautes em todas as ocorrências, sendo necessária a retirada deste grupo. Além disso, a variável **tempo verbal** apresentou nocaute no fator *gerúndio* e, por esse motivo, precisamos retirá-la. Excluimos os fatores *infinitivo pessoal*, *imperativo* e *pretérito perfeito do indicativo*, por apresentarem poucas ocorrências a ponto de não ser significativos para nossa análise.

¹⁴ Designamos, neste trabalho, de *outras funções sintáticas* as seguintes funções: objeto direto, objeto indireto, predicativo e adjunto.

Já o grupo de fatores **estrutura verbal** apresentou nocaute no fator *verbo composto*, havendo apenas uma ocorrência para o *nós*. E a variável **paralelismo**, assim como aconteceu nas outras rodadas, apresentou nocautes em todos os fatores, sendo necessária, também, a retirada do grupo. Ainda, o grupo **preenchimento do pronome** apresentou nocaute no fator *pronome nulo*.

Com a retirada de todos os nocautes supracitados, realizamos uma nova rodada e surgiram outros dois nocautes na variável **tipo de verbo**, em que os verbos *dicendi* apresentaram apenas quatro ocorrências para o *a gente* e os verbos *epistêmicos* apresentaram apenas três ocorrências para o mesmo pronome.

Após a retirada dos nocautes, restaram apenas 106 ocorrências para a variação pronominal, *nós*, e *a gente* em outras funções sintáticas diferentes do sujeito, distribuídas conforme é mostrado no gráfico 19:

Gráfico 19: Frequência de uso de *nós* e *a gente* para as outras funções sintáticas.



A exemplo do que aconteceu nas outras rodadas, levando em conta apenas as outras funções sintáticas, a saber, *objeto direto*, *objeto indireto*, *predicativo* e *adjunto*, o pronome *a gente* também apresenta uma frequência de uso maior que o *nós*, com 71 ocorrências de *a gente*, totalizando 67%, contra 35 ocorrência de *nós*, totalizando 33%.

A análise selecionada como a melhor pelo GoldVarb X apresentou *input* de 0,703. Aqui, o programa selecionou apenas dois grupos considerados relevantes para as outras funções sintáticas: **tempo verbal** e **faixa etária**. Sete grupos de fatores foram excluídos nessa rodada: **posição do pronome em relação ao verbo**, **tipo de verbo**, **simetria entre os informantes**, **escolaridade**, **referência nós/a gente**, **sexo/gênero** e **estrutura do verbo**.

Abaixo, analisaremos especificamente cada uma das variáveis selecionadas para as outras funções sintáticas.

a) Tempo Verbal

Tabela 52: Atuação da variável tempo verbal sobre o pronome *a gente* para outras funções sintáticas

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Presente do indicativo	23/44	52,3%	0,277
Pret. Imp. do indicativo	24/28	85,7%	0,763
Sem verbo	24/34	70,6%	0,570

A primeira variável selecionada para esta rodada foi o **tempo verbal**. Conforme observamos, na tabela 52, o tempo *presente do indicativo* favorece a forma pronominal padrão (0,277). Isso se dá pela frequência expressiva de uso do pronome *nós* com verbos no *presente do indicativo*.

O *pretérito perfeito do indicativo*, assim como aconteceu em outras análises, aqui também favorece a forma inovadora *a gente* (0,763). Já o fator sem verbo favorece, de forma bem sutil, o pronome *a gente* (0,570).

b) Faixa etária

Tabela 53: Atuação da variável faixa etária sobre o pronome *a gente* para outras funções sintáticas

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
15 a 25 anos	30/38	78,9	0,716
26 a 49 anos	13/22	59,1	0,385
A partir de 50 anos	28/46	60,9	0,368

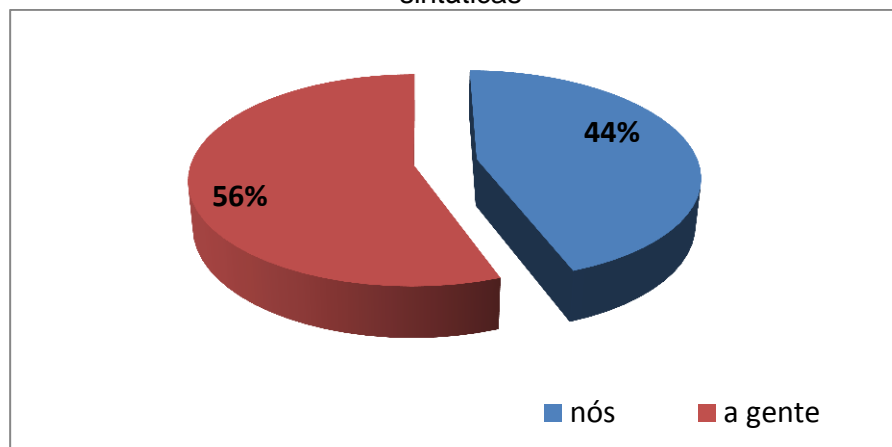
A **faixa etária** tem sido fator determinante para o nosso estudo. Nessa análise, foi o segundo fator importante e, sendo fiel às outras rodadas, vemos que os mais jovens tendem a utilizar bem mais o pronome *a gente* (0,716), conforme mostra a tabela 53. Em contraposição, os informantes de faixa etária intermediária (0,385) e os mais velhos (0,368) favorecem o uso da forma padrão *nós*. Esse resultado, assim com os de outras rodadas, apontam para um uso mais frequente da forma inovadora entre os mais jovens e um uso mais frequente da forma padrão entre os mais velhos.

5.3.1 Só para os mais jovens em outras funções sintáticas

A faixa etária foi uma variável relevante na rodada para as outras funções sintáticas e vemos que, entre os fatores dessa variável, os mais jovens favorecem o

uso do pronome não padrão, *a gente*. Então decidimos realizar uma rodada exclusivamente para os mais jovens, conforme mostra o gráfico 20:

Gráfico 20: Frequência de uso de *nós* e *a gente* para os mais jovens em outras funções sintáticas



No entanto, após realizar as rodadas, houve a presença de alguns nocautes e, retirando esses nocautes, nos restaram apenas 18 ocorrências do pronome para os mais jovens nas outras funções sintáticas. Devido ao número muito baixo dessas ocorrências, não seria significativo realizar uma rodada multivariada para a obtenção dos pesos relativos.

Por isso, optamos por mostrar apenas a frequência de uso de cada uma das variantes em outras funções sintáticas para os mais jovens. Assim como é visto no gráfico 20, os mais jovens usam mais frequentemente a forma *a gente*, mesmo que em outras funções sintáticas, com 56% das ocorrências. Em contrapartida, o pronome *nós* é usado com uma frequência mais reduzida, com um total de 44% das ocorrências.

Assim como aconteceu nas outras rodadas realizadas nesse trabalho, obtivemos resultados que indicam uma maior utilização do pronome *a gente* entre todos os perfis de informantes e uma menor utilização do pronome *nós*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação pronominal *nós* e *a gente* é muito presente no português falado do Brasil e esse fenômeno é também uma marca característica da fala popular de Fortaleza-CE, pois sua frequência de uso entre os falantes é muito alta em vários contextos de fala. Assim, resolvemos investigar esse fenômeno no intuito de analisar quais fatores condicionam o uso da variante *a gente*.

Das variáveis linguísticas controladas por nós, constatamos que a simetria entre os interlocutores foi, dentre as rodadas realizadas, a mais selecionada pelo programa, em que o fator muito simétrico foi o mais relevante para o uso de *a gente* em quase todas as análises estatísticas. Essa variável só não foi selecionada quando realizamos rodadas mais refinadas. Nossa hipótese de que os informantes muito simétricos (mesma faixa etária e mesmo sexo) possuíam uma maior liberdade para o uso de *a gente* foi confirmada, pois, quanto maior o grau de simetria entre os interlocutores, maior era o favorecimento da variante inovadora.

A segunda variável mais frequentemente selecionada em nosso estudo foi o preenchimento do sujeito. Obtivemos resultados muito próximos aos obtidos por Duarte (1993 e 1995) e Costa (2003), em que a forma pronominal *a gente* é favorecida em contextos em que o pronome é preenchido. Aqui, atribuímos esse resultado ao fato de que todos os pronomes nulos com verbos na primeira pessoa do plural –mos ocorriam com o pronome padrão *nós*. Dessa forma, quando o pronome era nulo, havia desfavorecimento do pronome *a gente*. Além disso, nossa hipótese de que o pronome *a gente* é mais favorecido em contextos de preenchimento do pronome foi confirmada.

Em seguida, a referência *nós/a gente* apareceu em terceiro lugar em quantidade de vezes selecionadas. Nossa hipótese inicial era que a forma *a gente* era favorecida quando se tratava de referência genérica. Confirmando nossa hipótese e obtendo resultados muito próximos aos de Menon (1994), Omena (1998), Lopes (1998), Seara (2000), Tamanine (2002) e Borges (2004), verificamos que a variável inovadora era favorecida quando o referente era geral, enquanto em ambientes de referência específica, o pronome *nós* era favorecido.

O tipo de verbo foi a quarta variável selecionada como mais importante para a nossa análise. No entanto, dependendo da rodada, o fator mais relevante variava. Assim, na análise feita para todas as funções sintáticas, bem como na rodada realizada somente para o sujeito, o fator mais importante do grupo para o

favorecimento de *a gente* foram os verbos *dicendi*. Já, na análise realizada somente para os mais jovens com o pronome na função de sujeito, o verbo ter beneficiou o pronome inovador. E, nas rodadas realizadas para os mais velhos, para os mais jovens muito simétricos, e para as mulheres muito simétricas, o fator verbos de ação foi o que mais privilegiou o pronome *a gente*.

Após isso, vimos que o tempo verbal foi considerado relevante em quatro rodadas. Em todas as análises em que foi selecionada, a forma pronominal *a gente* era favorecida pelo fator pretérito imperfeito do indicativo. Assim, confirmamos nossa hipótese inicial e obtivemos resultados próximos aos de Duarte (1996) e Loregian (1996), pois, por se tratar de entrevistas que, em boa parte, relatam acontecimentos vivenciados, o pronome inovador está mais propenso a ser utilizado nesse tempo verbal.

A seguir, mostraremos os grupos de fatores que foram selecionados, no máximo, duas vezes, em todas as análises, mas que se mostraram igualmente relevantes para a análise dos dados e para a fotografia sociolinguística que pretendíamos montar. Os grupos estrutura do verbo e posição do sujeito em relação ao verbo aparecem, cada um, duas vezes, enquanto a função sintática aparece apenas uma vez na rodada inicial, feita para todas as funções sintáticas.

A estrutura do verbo foi considerada importante para a análise nas rodadas realizadas somente para os informantes muito simétricos e somente para os mais jovens muito simétricos. Entre os fatores pertencentes ao grupo, a locução verbal foi considerada pelo programa como a variável favorecedora do uso da forma *a gente* nas duas rodadas em que essa variável foi selecionada.

No que diz respeito à posição do sujeito em relação ao verbo, que também apareceu duas vezes nas análises – uma na rodada realizada para todas as funções sintáticas e uma na análise somente para o sujeito – e, nas duas rodadas que aparecem, há favorecimento de *a gente* para o fator após o verbo, conforme hipotetizamos inicialmente.

Por fim, a variável função sintática foi selecionada apenas uma vez, na análise realizada para todas as funções sintáticas. O fato de ter sido selecionada apenas uma vez se justifica pela remoção desse grupo de fatores a partir da segunda rodada, em que passamos a analisar somente os pronomes na função de sujeito. Assim, o fator mais importante para a aplicação de *a gente* foi o adjunto. Isso se deve à alta frequência de ocorrências para o *a gente* na função de adjunto (94.4%), totalizando 17 ocorrências das 18 encontradas por nós.

Assim, constatamos que o controle das variáveis linguísticas é de extrema importância no sentido de nos revelar condições para a realização da variação. Percebemos, com a simetria entre os interlocutores, que a identidade genérica é extremamente relevante para o condicionamento da variante *a gente*, pois fatores que representam informantes que possuem o mesmo sexo apresentam maior probabilidade para o uso dessa variante. Ainda, a posição do pronome em relação ao verbo é relevante, pois influencia diretamente na função sintática em que o pronome é empregado.

No tocante às variáveis sociais, tanto a escolaridade quanto a faixa etária foram selecionadas, cada uma em seis rodadas. Enquanto a variável sexo foi selecionada em cinco análises.

Em relação à escolaridade, em todas as rodadas em que essa variável foi selecionada, ou seja, na rodada para todas as funções sintáticas, para os mais jovens na função de sujeito, para os mais velhos na função de sujeito, para os mais simétricos, para os mais jovens e muito simétricos e para as mulheres muito simétricas, os informantes mais escolarizados favorecem a forma *a gente*. Esse resultado refuta nossa hipótese inicial de que os menos escolarizados usariam mais o pronome inovador e, ainda, nos permite concluir que essa variante não é estigmatizada como pensávamos.

Igualmente importante para a nossa análise, a variável faixa etária foi selecionada como relevante em seis rodadas: para todas as funções sintáticas, somente para função de sujeito, somente para os mais simétricos na função de sujeito, somente para os mais escolarizados e muito simétricos, somente para as mulheres muito simétricas e somente para as outras funções sintáticas. Em todas as rodadas em que foi selecionado pelo programa estatístico, o pronome inovador *a gente* se mostrou favorecido pelos mais jovens e desfavorecido pelos mais velhos. Com isso, nossa hipótese de que o fenômeno apresenta indícios de que se encontra em um processo de mudança em curso se confirmou.

Por último, a variável sexo se mostrou relevante em cinco das rodadas realizadas. São elas: para os mais jovens, para os mais velhos mais escolarizados, para os muito simétricos, para os mais jovens muito simétricos, e para os mais escolarizados muito simétricos. Em todas as rodadas em que apareceu o grupo de fator sexo, os resultados mostram uma tendência maior para o favorecimento de *a gente* entre as mulheres. Com esse resultado e levando em conta o papel social da mulher, podemos concluir que a variante inovadora não é estigmatizada.

Portanto, a partir da análise dos fatores sociais e linguísticos selecionados pelo programa, vimos que os resultados mostram uma aproximação com os resultados obtidos em Belo Horizonte e Salvador, e se distancia um pouco dos encontrados em São Paulo. Assim, são necessários mais trabalhos que contemplem o fenômeno nos estados onde ainda não foram feitas pesquisas sobre o tema, a fim de montarmos um retrato sociolinguístico do fenômeno no português brasileiro. Dessa forma, esperamos que outros pesquisadores possam investigá-lo em outras localidades.

Ainda, convidamos outros pesquisadores a realizar o estudo da variação *nós e a gente* no português de Fortaleza, usando outros registros, como entrevistas, aulas, programas de televisão, entre outros. Também é importante que o fenômeno seja estudado na fala de informantes com nível superior completo, pois observamos a presença frequente do fenômeno também na norma culta do falante fortalezense. Além disso, seria relevante o estudo dessa variação na modalidade escrita dos nossos jornais locais, tanto antigos como os atuais.

Assim, esperamos que este estudo possa contribuir para a descrição do falar cearense e auxiliar o trabalho dos professores de língua portuguesa, no sentido de fornecer-lhes subsídios necessários para o ensino de língua materna, levando em conta à variação linguística presente na realidade de cada aluno, combatendo assim o preconceito linguístico que pode estigmatizar não só uma determinada variante, mas o seu próprio usuário.

REFERÊNCIAS

- A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Orgs.). **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.
- ALBÁN, M. del R.; FREITAS, J. Eu, você et alia em três diálogos. **Estudos Linguísticos e Literários**. N. 11. Salvador: UFBA – Instituto de Letras, 1991. p. 25-38.
- _____. Nós ou A gente? **Estudos Linguísticos e Literários**. nº 5, Salvador, UFBA. Agosto, 1991. p. 75-89.
- ALBÁN, M. del R. S. et al. Uma sondagem na norma culta brasileira. In: **Estudos linguísticos e literários**. nº 5, Salvador, UFBA. Agosto, 1991. p. 103-116.
- ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v.1. São Paulo: Cortez, 2006. p. 21-47.
- ARAÚJO, A. A. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: RJ, 2011. v. XV. p. 835-845. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 7 janeiro. 2015.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. de. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional, 1976.
- BORGES, P. R. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas**. 2004. 208 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4003/000406585.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 abril 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRUSTOLIN, A. K. B. da S. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. 2009. 232 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/06_12_2011_8.51.30.0de6e1327480756207fdb0afaa87a66f.pdf>. Acesso em: 11 maio 2015.
- BUENO, E. S. da S. **Nós, a gente e o bóia fria: uma abordagem sociolinguística**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

- CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- COSTA, C. **Fonologia Lexical e controvérsia neogramática**: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de // no Português Brasileiro. 2003. 142f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1735/000356302.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 julho 2014.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I; Kato, M. A. (Orgs.) **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993. p.107-128.
- _____. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. 1995. 161 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=vtls000099448>. Acesso em: 08 maio 2014.
- FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à Linguística** – fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.
- FERNANDES, E. A.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos Nós e A gente: um mecanismo do discurso em mudança. **Atas** do I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil, Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986. p.175–83.
- FERNANDES, E. A. Fenômeno variável: nós e a gente. In: **Estudos Sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. Dermeval da Hora (Org.) João Pessoa, 2004, p. 149-156.
- FISCHER, J. L. Social Influences on the choice of a linguistic variant. New York: **Word**, 1958. p. 47-56.
- FREITAS, J. et al. (1991) Os pronomes pessoais na norma culta e nos textos pedagógicos. In: **Estudos linguísticos e literários**. nº 5, Salvador, UFBA. Agosto, 1991. p. 133-145.
- GAUCHAT, L. L'unité phonétique dans le patois d'une commune. Halle. In: LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1972.
- GUY, G. R. The quantitative analysis of linguistic variation. In: PRESTON, D. (ed.), **American Dialect Research**. Amsterdam: Benjamins, 1993.
- _____; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ILARI, R.; BASSO, R. **O Português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
- _____. **Padrões sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline

Cardoso, São Paulo: Parábola Editorial. 2008. [Sociolinguistic Patterns. Pensilvânia, 1972].

_____. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors.** Oxford: Blackwell, 1994.

LOPES, C. R. dos S. 1993. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil.** 1993. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LOPES, C. R. dos S. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico.** 1999. 181 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/Lopestese.pdf>>. Acesso em: 20 agosto 2014.

MACHADO, M. dos S. **Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”: variação em dialetos populares do Norte fluminense.** 1995. 188f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/download/9192/488>>. Acesso em: 20 setembro 2014.

MAIA, F. P. S. M. **A variação nós e a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico.** 2003. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural.** 2013. 137 f. (Doutorado) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13064/1/2013_ShirleyElianyRochaMattos.pdf>. Acesso em: 13 dezembro 2014.

MENDES, R. **O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte do português popular no interior da Bahia.** 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, 2007.

MENDONÇA, A. K. **Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba.** 2010. 98 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_4127_DISSERTA%C7%C3O%20Alexandre%20Kronenberg.pdf>. Acesso em: 23 janeiro 2014.

MENON, O. P. da S. et al. Alternância nós/ a gente nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, C. N.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

MENON, O. P. da S. 'A gente': um processo de gramaticalização. In: **Estudos Linguísticos**, XXV. Taubaté, n. 25, 1996, p. 622-628.

_____. A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil? **Anais do ELFE.** Maceió: UFAL: 1995, p. 397-403.

_____. O sistema pronominal do português do Brasil. **Letras**, Curitiba, nº. 44, 1995, p. 91-106.

_____. Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. In: **Letras de hoje**. Porto Alegre: PUCRS, 2000. p. 121-163.

_____; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. In: **Variação e mudança no português falado na Região Sul**. Pelotas: Educat, 2002. p. 147-182.

MONTEIRO, L. J. Para Compreender Labov. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MUFWENE, S. S. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E. M.; FERNANDES, E. Change without Change. **Language Variation and Change**. v. 11, nº 2, New York, 1999, p. 197- 211.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle M. de; PAIVA, Maria da C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle M. de; SCHERRE, Maria M. P. (Org). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/EDUFRJ, 1998. p. 47 -71.

OLIVEIRA, L. A. F. de. **Tu e você no português afro-brasileiro**. Comunicação ao VI Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2005.

_____. **Tu e Você no português popular do estado da Bahia**. Comunicação ao VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA. Salvador, 2007.

OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões Sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 185-215.

_____. **Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa**. 1978. 112 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.

_____; BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando? In.: Macedo, A. T.; Roncarati, C.; Mollica, M. C. (Orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro, 1996, p. 75-83.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, Maria Marta P. (Orgs.) **Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, 2ª ed. p.185-215.

ORLANDI, P. S. **Usos e (des)usos da flexão verbal de segunda pessoa do singular em textos orais de informantes de Tubarão (SC): um estudo de caso**. 2004. 94f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Faculdade de Letras, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/73813_Patricia.pdf>. Acesso em: 28 março 2014.

PAIVA, M. A. A variável sexo/gênero. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.).

Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 135-145.

ROCHA, F. C. F. **A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte.** 2009. 107f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_RochaFC_1.pdf>. Acesso em: 20 agosto 2014.

RODRIGUES, A. C. S. **A concordância verbal no português popular em São Paulo.** 1987. 189 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu:** estudo sociolinguístico comparativo. 2012. 396f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012. Disponível em <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100100/rubio_cf_dr_sjrp.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 novembro 2014.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X:** a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm> . Acesso em: 13 abr. 2014

SANTOS, V. M. **“Tu vai para onde?... Você vai para onde?:** manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 2012. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. 137 p. Disponível em < <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SantosVM.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, v.14, n.28 e 29, Porto Alegre, 2000, p.179-194.

SILVA, I. da. **De quem nós/ a gente está (mos) falando agora?:** uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87528/208785.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 maio 2014.

SILVA, L. B. C. da. **Nós/A gente: mudança ou variação?.** 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2011. Disponível em: <<http://www.unama.br/mestrado/comunicacao/attachments/article/56/N%C3%B3s%20a%20gente;%20varia%C3%A7%C3%A3o%20ou%20mudan%C3%A7a.PDF>>. Acesso em: 15 outubro 2014.

TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, J. **Layering, competition and a twist of fate**: deontic modality in dialects of English. *Diachronica*, 2006.

TAMANINE, A. **Curitiba da gente**: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba. 2010. 222 p. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24120/TeseAndreaTamanine.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 maio 2014.

_____. **A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina**. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24549/D%20-%20TAMANINE,%20ANDREA%20MARISTELA%20BAUER.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16 outubro 2014.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2006.

TAVARES, N. K. T. **A variação pronominal nós e a gente nos telejornais nacionais da Rede Globo**. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em linguística, Universidade Federal do Paraná, UFPN. Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/37024/R%20-%20D%20-%20NILCEU%20ROMI%20KERECZ%20TAVARES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 maio 2014.

VIANNA, J. B. de S. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. 2006. 130f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/ViannaJBS.pdf>>. Acesso em: 03 novembro 2014.

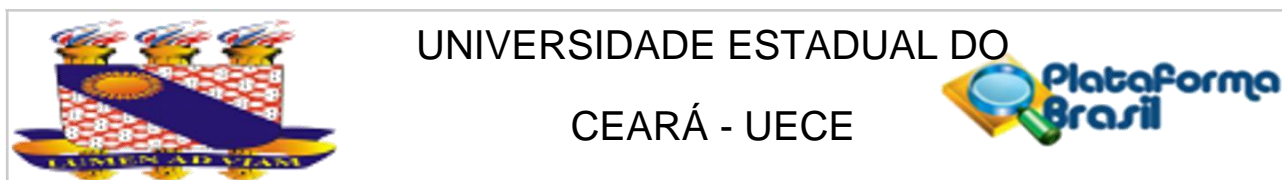
WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I.. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN & MALKIEL, 1968 [ed.Br.: (2006)]. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZILLES, A. M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, v. 17, n. 1, 2005. p. 19-53.

_____; MAYA, L. Z.; SILVA, K. Q. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. **Organon**, 14, n. 28-29, p. 195-219, 2000.

ZILLI, G. N. **Por que “tu” e não “você”?** 2009. 50f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Língua e Literatura, Faculdade de Letras, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003F/00003F0A.pdf>>. Acesso em: 02 abril 2014.

ANEXO A – Parece do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Variação Pronominal Nós e A Gente No Falar Popular de Fortaleza: Uma Abordagem Variacionista.

Pesquisador: Marden Alyson Matos de Araujo

Área

Temático

a:

Versão:

4

CAAE: 45607615.9.0000.5534

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.340.172

Apresentação do Projeto:

A pesquisa tem como objetivo analisar a variação dos pronomes nós e a gente no papel de sujeito na fala popular dos fortalezenses. A coleta de dados ocorrerá a partir de um banco de dados do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPORFOR).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a realização variável dos pronomes pessoais de primeira pessoa, nós e a gente, no falar popular de Fortaleza.

Objetivo Secundário:

- Analisar os fatores linguísticos que condicionam a regra estudada: preenchimento do sujeito, tempo verbal, marca morfêmica, referência nós/ a gente, paralelismo formal e saliência fônica.
- Analisar o efeito das variáveis sociais sobre o fenômeno em questão, a saber: sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e tipo de registro.

- Analisar se o fenômeno encontra-se em variação estável ou se há indícios de mudança em progresso

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

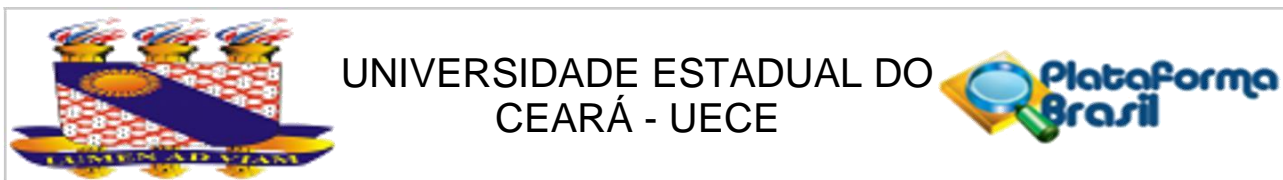
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: anavaleska@usp.br



Continuação do Parecer: 1.340.172

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O risco da pesquisa, embora mínimo e indireto, é a possibilidade da quebra de sigilo em que, pode ocorrer devido a possibilidade da divulgação dos nomes dos informantes.

Benefícios:

- Contribui para os estudos descritivos da linguagem, inserindo o Ceará entre os estados que apresentam estudos do fenômeno proposto.
- Gerar material de relevância para os produtores de materiais didáticos e gramáticas da língua portuguesa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa apresenta metodologia coerente com os objetivos propostos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória estão de acordo com a resolução 466/12.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_513202.pdf	28/10/2015 22:18:37		Aceito
Outros	Fiel Depositário Com Carimbo.pdf	05/08/2015 21:37:49		Aceito
Outros	Termo de Esclarecimento - Número de submissão.docx	15/07/2015 21:47:42		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TLC.docx	27/05/2015 23:40:37		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TLC.docx	14/05/2015 23:02:19		Aceito
Projeto Detalhado	Projeto - submissão comitê.docx	14/05/2015		Aceito

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: anavaleska@usp.br

/ Brochura Investigador	Projeto - submissão comitê.docx	23:00:31		Aceito
Folha de Rosto	Folha de Rosto.pdf	14/05/2015 22:56:04		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 26 de Novembro de 2015

Assinado por:
Ana Carina Stelko-Pereira
(Coordenador)

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700**Bairro:** Itaperi**CEP:** 60.714-903**UF:** CE**Município:** FORTALEZA**Telefone:** (85)3101-9890**Fax:** (85)3101-9906**E-mail:** anavaleska@usp.br